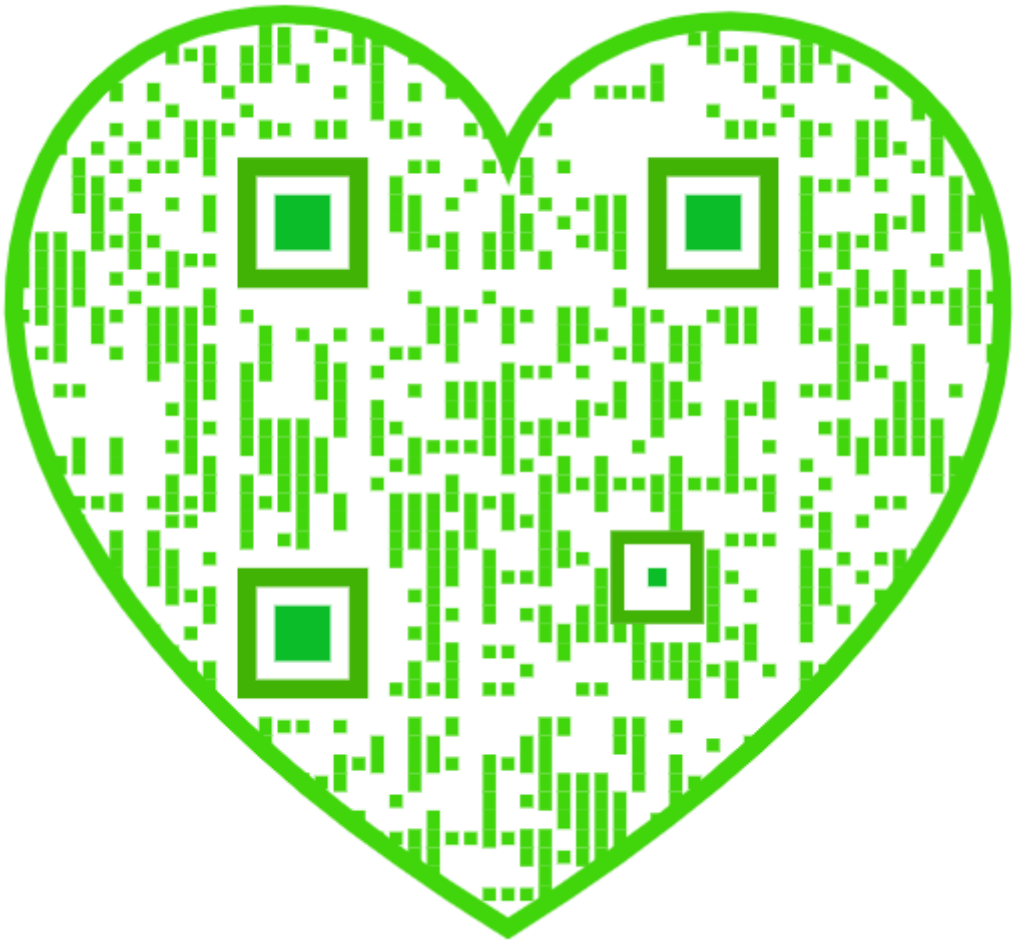
alyson noël

AUTORA DA SÉRIE *BEST-SELLER* OS imortais E DE Radiante E Luminoso

Terra dos sonhos

SÉRIE RILEY BLOOM

intrínseca



Terra dos sonhos

SÉRIE RILEY BLOOM | LIVRO 3

Apanhador [ô] de Almas [al.mas] s.m. Aquele que apanha as almas perdidas que assombram o plano terreno, persuadindo-as a cruzar a ponte para Aqui&Agora.

“Não há nada a temer além do próprio medo.”
— Franklin D. Roosevelt

1

Assim que pus os olhos em Aurora, meus ombros relaxaram, a expressão ficou menos tensa, e eu soltei um profundo suspiro de alívio, sabendo que tinha uma aliada, uma amiga a meu lado.

Tive certeza de que tudo ficaria bem.

Era o modo como seus cabelos se iluminavam e resplandeciam, transformando-se de louros em castanhos, em pretos e ruivos, e depois repetindo a sequência.

O mesmo acontecia com a pele, passando do branco mais pálido ao ébano mais escuro e todos os tons intermediários possíveis.

E o vestido, o lindo vestido amarelo, brilhava, cintilava e sacudia a seus pés como se fosse uma constelação de estrelas cadentes.

Mesmo não a confundindo mais com um anjo, como da primeira vez em que a vi, aquela visão iluminada ainda me acalmava bastante.

Mas acontece que eu entendi tudo errado.

Assim que vi sua aura — assim que notei que o violeta vivo havia se transformado em um tom muito mais sóbrio —, bem, eu soube que estávamos em lados opostos.

Era como Bodhi dissera: eu tinha muita coisa a explicar. As últimas almas que eu apanhara não tinham sido exatamente uma tarefa oficial.

Fiquei de cabeça baixa de tanta vergonha, e só pude arrastar os pés atrás dele, com os cabelos despenteados escorridos no rosto. Aproveitei aqueles últimos momentos para fazer uma busca frenética por minhas melhores e mais plausíveis desculpas — ensaiando mentalmente minha história repetidas vezes, como uma atriz apavorada em noite de estreia. Mesmo que eu estivesse fazendo meu trabalho como Apanhadora de Almas, convencendo um monte de fantasmas a cruzar a ponte e seguir para o lugar ao qual eles pertenciam, não havia como negar que eu tinha sido avisada para olhar para o outro lado.

Tinha sido alertada a não me meter onde não havia sido chamada. A não me envolver, não meter meu nariz semiachatado onde não devia.

Mas eu escutei?

Hum, não exatamente.

Em vez disso, fui com tudo para cima de um mundo de problemas.

Segui Bodhi até o palco. Sua postura estava tão tensa e as mãos tão apertadas que fiquei feliz por não conseguir ver seu rosto. Mas, se tivesse que adivinhar, eu apostaria que a boca, livre do longo canudo verde que ele

costumava mastigar quando não estava diante do Conselho, formava uma linha séria e fina, enquanto os olhos verdes, obscurecidos pelos cílios insanamente grossos, fagulhavam e reluziam enquanto ele tentava bolar o melhor plano para se livrar de mim.

Espiei por baixo de minha franja, fazendo uma rápida varredura da plateia. Vi Aurora assumindo seu lugar ao lado de Claude, que estava sentado ao lado de Samson, e este bem junto a Celia, tão pequena e miúda que podia dividir o braço da cadeira com Royce sem que nenhum deles tivesse que brigar por espaço. Vendo-os reunidos daquele jeito, esperando por uma explicação minha, bem, lembrei-me da prova mais importante de todas.

A única coisa inegável que não necessitava de explicação verbal porque estava bem ali, visível a todos.

Meu brilho estava lá.

Na verdade, corrigindo. Não era apenas meu brilho de sempre. Era muito mais impressionante.

Como recompensa a tudo o que eu havia conquistado, meu brilho se intensificara de forma significativa. Havia passado de um verdeclaro quase apagado direto para um... bem... uma luminosidade verde mais profunda.

Certo, talvez a mudança não tenha sido tão drástica, mas acontece que o que faltava em drama era compensado por substância.

Digamos apenas que era impossível não notar.

Afinal, eu havia visto. Bodhi havia visto.

Até Buttercup havia olhado diretamente para mim e latido algumas vezes, abanando o rabo e dando voltas.

Achei tudo isso um bom sinal de que o Conselho também poderia vê-lo. Pelo que eu conhecia deles, não deixavam nada passar.

Então relaxei. Tirei o cabelo do rosto e pensei: Não pode ser tão ruim já que meu brilho está tão verdinho, não é?

Mas logo depois me lembrei do que Bodhi dissera. Algo sobre consequências e ações.

Algo sobre o Conselho poder dar e tirar conforme a vontade deles.

Algo sobre o fato de que, devido ao que eu tinha feito, por não ter seguido suas ordens, havia a possibilidade de sairmos daqui sem nunca mais brilhar de novo.

Sabendo que teria que agir rapidamente, sabendo que teria de fazer o que fosse preciso para que eles vissem meu lado dos fatos, assumi o comando.

Eu não tinha tempo para problemas. Não tinha tempo a perder. Havia acabado de descobrir algo extraordinário, acabado de saber da existência de uma dimensão misteriosa onde aconteciam todos os sonhos — e estava determinada a encontrá-la.

Além do mais, eu não podia confiar em Bodhi. Não era segredo que ele me considerava um fardo.

E, no fim das contas, era cada pessoa, quer dizer, cada fantasma por si. Então o afastei e assumi o centro do palco.

Ele quase engasgou de espanto, tentou me afastar, mas era tarde demais, e fui muito rápida. Antes que ele pudesse fazer qualquer coisa, eu já estava bem diante do Conselho, expulsando qualquer temor que me restasse.

Estava na hora de eu contar meu lado dos fatos.

Minha história. Minha versão.

E eu estava prestes a começar quando a aura de Aurora ficou mais turva, e a aura do restante do Conselho acompanhou a dela. Escureceu de um modo que fez minha boca ficar seca e a garganta apertada a ponto de não deixar as palavras saírem.

Fiquei ali, trêmula, muda, vendo Bodhi, meu guia, a única pessoa cujo trabalho era me ajudar, sacudir a cabeça de forma negativa e dar um sorriso torto, sem me deixar nenhuma dúvida de que adoraria me ver na fogueira.

2

De repente, Bodhi pulou bem em minha frente e disse:

— Oi!

Em seguida, deu um sorriso deslumbrante — um sorriso que evidenciou suas covinhas e fez seus olhos brilharem. E, como se não bastasse, moveu-se de tal modo a permitir que uma mecha de seus cabelos castanhos ondulados caísse descaradamente sobre aqueles olhos e se juntasse aos cílios tão fartos, só para que ele pudesse em seguida tirar a franja do rosto e sorrir novamente.

Típico de Hollywood.

Ardiloso.

Superficial.

Espúrio (obrigada, calendário com palavras para todo dia!) da pior forma possível.

O tipo de gesto que agita corações ou provoca náuseas. E ver Bodhi fazer aquilo, bem, era só estranho.

Mas quando o gesto não provocou a reação que ele esperava, quando os membros do Conselho não foram ao delírio, ele mudou a postura, limpou a garganta e, olhando diretamente para eles, proferiu um sério:

— Olá.

Para ser sincera, fiquei um pouco envergonhada pela saudação dupla, mas, antes que eu pudesse tentar interrompê-lo, ele disse:

— Como vocês sabem, Riley, Buttercup e eu nos metemos em uma pequena confusão recentemente e...

Ele tagarelou.

Ai, como tagarelou.

Tagarelou de um modo que suas palavras não passavam de um monte de blá-blá-blá a meus ouvidos.

Tagarelou de um modo que me deixou tonta e enjoada.

Tagarelou de um modo que não era nem um pouco eficaz — pelo menos não em relação ao Conselho. Eu sabia que precisava interrompê-lo antes que tudo piorasse. Então, assim que ele parou por um segundo, eu me intrometi:

— Acho que Bodhi quis dizer que...

Ele se virou para mim, encarando-me com uma expressão que era metade raiva e metade de descrença estarrecida. Mas não foi o bastante para me impedir. Nem chegou perto.

Contudo, antes mesmo que eu pudesse começar,Royce, com seus cabelos castanhos ondulados, sua pele escura suave e seus cintilantes olhos verdes que resumiam o tipo de visual estonteante normalmente reservado às telas de cinema, disse:

— Já basta, Riley.

Fiquei paralisada: com muito medo de olhar para Bodhi, muito medo de olhar para qualquer um. Aquelas três simples palavras me detiveram de imediato. Nunca em minha vida ridiculamente curta de doze anos eu havia ouvido aquela frase ser usada com um propósito diferente de interromper algum comportamento meu que um adulto achasse extremamente irritante.

Seguiu-se uma pausa constrangedora, quebrada por Celia, que estava ao lado de Royce, o habitual brilho azul-celeste dela novamente com força total enquanto ela dizia:

— Não precisa continuar. Não precisa inventar desculpas ou explicar. Nós vimos tudo.

Concordei com a cabeça. Engoli em seco. Era tudo o que eu podia fazer.

Meus olhos fitaram os de Samson, de um violeta profundo, quando ele agarrou os dois lados da cadeira.

— Você agiu por conta própria. Agiu com teimosia, com insensatez, ignorou as instruções de Bodhi e colocou ambos em grande perigo. — Ele se levantou e ficou de pé bem diante de mim. — Pedimos que, no futuro, você nos consulte antes de agir por conta própria. Não importa em que parte do plano terreno você esteja, nunca esqueça que estamos a apenas uma mensagem telepática de distância.

Ele me olhou com severidade e fez o mesmo com Bodhi; nós ficamos paralisados, sem saber o que fazer, até que Aurora disse:

— Não há motivo para nos temer. Estamos aqui para oferecer orientação, apoio e assistência, se acharem que precisam. E, embora eu saiba que estão ansiosos para avançar, devem confiar que cada uma das tarefas foi cuidadosamente selecionada para corresponder ao nível de progresso de vocês. — Ela me encarou, para ter certeza de que eu entendia, e então continuou: — Dito isso, vocês foram bem-sucedidos no ponto em que muitos outros Apanhadores de Almas fracassaram. Parabéns.

Bodhi relaxou, e um sopro que eu nem sabia que estava segurando escapou de meus lábios. E quando olhei para Buttercup, vi que ele levantou o traseiro e desatou a abanar o rabo — uma overdose de fofura. Eu gostaria que ele parasse.

Não havia necessidade de exagerar. Não após eu ter sido reconhecida — não, corrigindo: não após eu ter sido parabenizada por Aurora, que, eu tinha bastante certeza, era a abelha rainha do Conselho.

Eu havia me colocado em perigo. Havia assumido grandes riscos. Havia feito exatamente o contrário do que Bodhi mandara. E veja onde fui parar:

Brilhando diante do Conselho.

Aceitando graciosamente um grande elogio.

Parabéns!

A palavra ficou girando em minha cabeça.

Eu não estava em apuros. Estava tudo bem. Na verdade, melhor do que bem. Mais uma vez, eu havia tido sucesso em tarefas nas quais outros haviam fracassado.

Eu sabia.

O Conselho sabia.

E meu brilho comprovava.

Era Bodhi quem precisava mudar seu comportamento. Eu? Eu estava melhor do que nunca.

Fiquei me deleitando com meu sucesso, revivendo o elogio várias vezes seguidas. Meus pensamentos foram interrompidos pela voz melódica de Aurora, que acrescentou:

— É obvio que vocês precisarão de desafios maiores, então faremos o possível para lhes providenciar isso.

Concordei com a cabeça, passando para uma expressão perfeita de humildade e guardando a dança da vitória para mais tarde.

Minha atenção logo foi desviada para Claude, cujos dedos longos e finos afagavam a barba emaranhada que ia quase até sua cintura.

— Então — ele disse —, à luz de tudo o que conquistaram, concordamos que vocês dois precisam de um afastamento.

Olhei para Bodhi, espiando de relance os tênis novinhos que ele certamente havia materializado apenas para esta reunião, os jeans escuros que se embolavam em volta dos tornozelos num visual descolado, o suéter azul folgado que cobria seu corpo esguio, e subi o olhar até o rosto ridiculamente bonito que, só de vê-lo, deixou-me com um nó quente na garganta enquanto uma onda inesperada de nostalgia por tudo o que compartilhávamos ameaçava me engolir por inteiro.

Por mais que eu tivesse desejado um novo guia (praticamente desde o momento em que conheci Bodhi), justamente quando estava prestes a ganhar um, bem, eu mal podia acreditar que nossos dias apanhando almas juntos estariam contados. Depois dessa reunião, talvez nunca mais nos veríamos.

Por alguma estranha razão, o pensamento não produziu o tipo de alegria que eu esperava. Na verdade, foi exatamente o contrário. Fez com que eu me sentisse confusa, desorientada e um pouquinho vazia.

Mas acontece que eu estava enganada.

Completamente enganada.

O Conselho tinha outras ideias.

— Tirem uma folga do cargo de Apanhadores de Almas — disse Aurora, acenando com a cabeça e fazendo seus cabelos dançarem e rodopiarem. — Passem um tempo relaxando e se divertindo.

Meu rosto ficou com uma expressão confusa, e eu não sabia como deveria entender aquilo.

Quer dizer, eles não haviam acabado de me dar os parabéns?

E esse tipo de elogio não significava que eu poderia pular alguns níveis e ir direto para os fantasmas grandes e assustadores com que os Apanhadores de Almas experientes lidavam?

Foi Celia quem explicou tudo:

— Embora estejamos bastante satisfeitos com seu desempenho, Riley, e embora esteja claro que precisaremos encontrar desafios maiores para você, achamos que poderia desfrutar uma folga. — Suas mãos minúsculas agitavam-se em sua cintura como um beija-flor diante de um bebedouro. — E quando você estiver revigorada o bastante, ficaremos felizes em mandá-los para a próxima tarefa. Estamos muito contentes com o modo como vocês dois trabalham juntos. É evidente que um inspira o que há de melhor no outro.

Fiquei boquiaberta. Olhos esbugalhados e queixo caído até os joelhos. Quer dizer, é sério? Um inspira o que há de melhor no outro? Ela estava brincando? Será que algum deles havia realmente revisado as imagens de Bodhi e eu tentando trabalhar juntos?

Nós só brigávamos!

E discutíamos.

E nos contrariávamos, de propósito, a cada oportunidade.

Só contribuímos, arregaçamos as mangas e colocamos nossas diversas e imensas diferenças de lado quando a situação já estava tão crítica que não tínhamos alternativa além de contar um com o outro.

Mas, aparentemente, aquilo não era tudo. Ah, não, eles não estavam nem perto do fim, porque, justamente quando eu estava me recuperando daquilo, Royce disse:

— Enquanto decidimos qual será a próxima tarefa, você e Bodhi e, sim, você também, Buttercup... — Os olhos de Royce se iluminaram quando Buttercup, ao ouvir seu nome, lambeu o maxilar e balançou o rabo mais uma vez. — ...Vocês devem aproveitar essa folga. Passem algum tempo com a família. Visitem os amigos. O importante é que descansem e recarreguem as energias. Não se preocupem; iremos até vocês quando chegar a hora de sua próxima tarefa. Por enquanto, estão liberados.

Liberados. Livres. Inegavelmente dispensados.

Ainda assim, embora eu tenha escutado cada palavra, permaneci ali, desconcertada, vendo Bodhi e Buttercup atravessarem o palco e correrem como loucos para a porta. Paralisada, de repente, pela terrível compreensão de que, diferentemente de mim, eles tinham lugares melhores aonde ir.

O Conselho havia desaparecido — puf, e pronto. Sabia que era ridículo (para não dizer patético) continuar ali parada depois que todos haviam ido embora, então baixei a cabeça e fui atrás de Bodhi e Buttercup.

A triste verdade de minha existência floresceu diante de mim: embora eu me saísse muito bem como Apanhadora de Almas, era um fracasso total no que se referia a ter uma pós-vida.

Minha vida social estava ainda mais morta do que eu.

Eu não tinha amigos. Não tinha *hobbies*. Não tinha aonde ir; apenas meu quarto.

E embora fosse verdade que meus pais e avós estavam Aqui, também era verdade que eles estavam ocupados com suas próprias pós-vidas.

Aqui&Agoraera muito diferente do plano terreno. Eu não precisava de ninguém para pagar minhas contas, preparar minhas refeições, assinar autorizações, me levar de carro para os lugares ou cuidar de mim de maneira geral, provendo casa, comida e dinheiro. O que quer que eu desejasse e/ou precisasse podia ser obtido com um simples pensamento — o que significava que, além de aparecer para dizer "oi", minha família não era mais responsável por mim.

Eles haviam seguido em frente. E, pelo que eu tinha visto, a ridícula verdade era que meus avós eram bem mais populares que eu.

Abri a porta com um murro e me lancei para fora, determinada a fazer o que fosse preciso para viver a pós-vida.

3

A primeira visão que tive quando saí pela porta foi de Bodhi e Buttercup esperando por mim.

Bodhi estava apoiado no corrimão de ferro da escada, com um canudo verde mastigado preso entre os dentes, e Buttercup estava sentado a seus pés, com a língua pendurada para fora da boca.

Corri na direção deles, ajoelhei-me e arqueei os ombros até encostar o nariz no focinho de meu cão. Dei-lhe um bom e longo afago entre as orelhas e sorri quando ele fechou os olhos e abaixou a cabeça, sentindo-me tão contente quanto ele. Fiquei tão imersa naquele momento, tão tomada pela alegria de vê-los esperando, que toda a minha tristeza se desfez.

Embora fosse verdade que eu não tinha uma pós-vida muito interessante, pelo menos não teria que passar por ela sozinha.

Limpei a garganta, sabendo que deveria dizer algo legal. Nada muito meloso, pois nunca fui muito boa com esse tipo de coisa, mas mesmo assim queria demonstrar toda a minha gratidão. Queria que soubessem como eu estava feliz por tê-los encontrado ali.

Prestes a falar, já abrindo a boca, notei como o joelho de Bodhi se agitava — como seus dedos tamborilavam com força contra o corrimão —, e percebi que eu havia entendido tudo errado.

Bodhi não tinha interesse algum em me fazer companhia. Ele ainda estava no modo "guia". Esperando por obrigação.

Talvez até por pena.

Ele estava apenas se certificando de que eu tinha aonde ir — de que eu não ia causar mais problemas —, para que ele pudesse então partir para suas desejadas férias sem ter que pensar em mim.

Eu era o último item em sua lista de tarefas. Esse fato terrível deteve todas as palavras legais ainda em minha língua. E as que surgiram para substituí-las não eram nada legais.

— Bem — eu disse, ainda afagando Buttercup enquanto olhava fixamente para Bodhi —, o Conselho pareceu bem feliz com todas as minhas conquistas. Aposto que foi um grande choque para você, não?

Esperei pela resposta, torcendo para que ele rebatesse com sarcasmo, para que eu pudesse retribuir com algo ainda pior.

Eu estava procurando briga. Não havia como negar. Principalmente porque eu não pretendia, não conseguia suportar que ele tivesse pena de mim. Simplesmente não dava.

Bodhi estreitou os olhos e me encarou por um bom tempo. E quando enfim falou, sua voz era tão casual que era de se imaginar que ele não entendera o tom de minhas palavras.

— Por que está dizendo isso? — perguntou, passando o canudo verde de um lado para o outro na boca.

— Hum, talvez pelo fato de terem me parabenizado? — eu disse, aproveitando para revirar os olhos de forma dramática.

Minha energia estava ficando tão quente, tão irritada e nervosa, que não demorou muito para Buttercup ganir e se afastar de mim.

No entanto, se Bodhi estava intimidado, ele certamente não demonstrou. Em vez disso, apenas deu uma risada. Bem, na verdade foi mais uma mistura de riso, bufada e resmungo, mas, enfim, ele apenas fez um ruído, colocou o canudo no canto da boca e disse:

— Não, o que eu quis perguntar foi por que você disse que eu não estava feliz com suas conquistas.

— Hum, porque você não está?

Fiz cara feia, franzindo ainda mais a testa ao ver Buttercup se aproximar de Bodhi e se afastar de mim.

Bodhi deu de ombros e olhou à volta, aumentando a velocidade com que balançava o joelho, tão rápido que sua perna quase se tornou um borrão.

E foi aí que eu entendi.

Foi aí que eu entendi completamente.

Era pior do que eu pensava.

Bodhi não tinha ficado esperando por mim. Isso não tinha nada a ver comigo. Ele estava esperando outra pessoa.

Juro que, se eu ainda estivesse viva, aquele seria o momento exato em que minhas bochechas ficariam tão vermelhas a ponto de não me restar alternativa além de correr e me esconder. Mas, naquelas circunstâncias, continuei ali parada, olhando para ele, e disse:

— Você com certeza se lembra do que disse logo antes de virmos para cá, não é? Que por minha causa, por minha insistência em desobedecer a suas regras, "é possível que nunca mais voltemos a brilhar". Você disse que "tudo que o Conselho dá também pode ser retirado". Você disse tudo aquilo e, mesmo assim, veja só... ainda estou brilhando!

Estendi meu braço na direção dele, na esperança de que ele desse uma boa olhada. Mas não adiantou. Sua atenção estava em outro lugar. Ele já estava indo embora.

Observei-o passar a mão pelos cabelos e pelas roupas, tentando parecer descontraído, confiante, totalmente no controle, mas eu o conhecia bem o suficiente para saber que ele não se sentia assim. Ele estava fazendo um esforço colossal para esconder uma angústia enorme.

Mas até parece que ela notava.

Ah, não. Ela estava muito ocupada balançando suas tranças escuras, longas e brilhosas. Muito ocupada ajeitando o suéter e alisando a saia curta e plissada. Muito ocupada sorrindo, acenando e sendo realmente bonita.

E embora eu devesse ter percebido, embora devesse ter adivinhado pela forma como ela havia gritado e assobiado muito alto naquela estranha cerimônia de formatura que presenciei quando cheguei Aqui, eu não tinha ideia de que a menina a quem eu mentalmente havia me referido como líder de torcida (principalmente devido ao uniforme que ela sempre usava) e Bodhi eram amigos.

Acho que eu tinha esperança de que ela e eu pudéssemos ser amigas.

Mas agora estava claro que não era para ser assim.

E quando achei que não poderia me sentir mais infeliz, vi Buttercup correr na direção deles, como o pior dos traidores.

Coloquei dois dedos na boca e assobiei para fazer com que ele voltasse.

Como ele não voltou, como me ignorou completamente, assobiei de novo.

E como ainda assim ele não voltou, materializei um punhado de seus biscoitos caninos preferidos para suborná-lo — rezando para que funcionasse e me sentindo ridiculamente aliviada quando deu certo.

Ele correu em minha direção, pegou os biscoitos de minha mão e se virou para comê-los, como se não pudesse confiar em mim. Como se eu fosse mudar de ideia e pegá-los de volta, mesmo que eu nunca antes tenha feito isso.

Ajoelhei-me a seu lado, vendo Bodhi e a líder de torcida conversando, rindo e usando qualquer desculpa para se tocarem no ombro, no braço, na mão. Uma cena que me lembrava de quando eu costumava espionar minha irmã mais velha, Ever, e seu namorado. Eu dizia a mim mesma que estava apenas estudando para quando chegasse minha vez de ser adolescente — que eu não estava invadindo a privacidade dela. Eles agiam exatamente do mesmo modo.

E se eu achava que estava mal antes, ver Bodhi e a líder de torcida flertando, bem, fez eu me sentir vazia e estranha.

É claro que eu poderia materializar o mesmo gloss cor-de-rosa que fazia os lábios dela brilharem.

É claro que eu poderia trançar meu cabelo com as mesmas contas brilhantes que tilintavam como sinos sempre que ela balançava a cabeça de um lado para o outro.

Poxa, eu poderia até mesmo materializar meu próprio uniforme de líder de torcida — bastaria visualizá-lo e pronto. Fácil, fácil.

Mas eu nunca poderia preencher o suéter como ela.

Eu nunca ficaria tão bem com a saia.

Eu nunca me pareceria nem um pouco com ela.

Ela era linda, exótica e, quando usava um sutiã, conseguia preenchê-lo.

Diferentemente de mim, ela era uma adolescente.

Ela era o extremo oposto do cabelo-escorrido, nariz-meio-achatado, olhos-azuis, peito-reto que eu era.

E não havia nada que eu pudesse fazer.

Eu estava presa.

Eternamente presa.

Ou pelo menos era o que eu pensava até me lembrar do que Bodhi dissera pouco antes:

"Não tem ideia de como funciona, não é?" Ele havia me encarado fixamente. "Ninguém nunca fica preso em lugar nenhum, Riley. Sério, que tipo de lugar você acha que Aqui&Agora é?"

Eu havia ficado boquiaberta. A princípio incapaz de falar qualquer palavra, logo depois eu disse:

"Está dizendo que eu posso... que talvez eu possa... de verdade... fazer treze anos algum dia? "

Eu havia apertado os lábios, certa de que aquilo era bom demais para ser verdade. Era tudo o que eu sempre quisera. Tudo com o que sempre sonhara. E, desde o momento de minha morte no acidente, eu tinha certeza de que a possibilidade havia morrido comigo.

Mas Bodhi havia apenas franzido a testa e balançado os ombros de um modo vago e descomprometido.

"Até onde eu sei, não há limites. Praticamente tudo é possível", dissera ele, recusando-se a dar mais detalhes, deixando sua declaração confusa de propósito, mas ele falara mesmo assim. E, naquele momento, vendo a gloriosa líder de torcida diante de mim, bem, apeguei-me àquelas palavras como um náufrago a uma boia salva-vidas.

Bodhi ergueu o polegar sobre o ombro e apontou para mim, e a líder de torcida juntou as mãos em concha junto à boca e gritou:

— Muito bem, Riley Bloom! Vi que você está brilhando!

Ah, que ótimo. E eu achando que não podia piorar. Ela não apenas tinha que me lembrar do quanto era legal, mas até ela abrir a boca eu havia me esquecido totalmente de seu sotaque.

Era claro e perfeito, e totalmente britânico.

Ela era simplesmente o máximo.

Eu estava pronta para ir embora. Pronta para deixar para lá e dar o fora daquele lugar antes que eu pudesse me sentir ainda mais humilhada, quando Bodhi andou em minha direção e disse:

— Olhe, Riley, Jasmine e eu estamos indo.

Arregalei os olhos. Jasmine? O nome dela era Jasmine? Sacudi a cabeça e suspirei. Mas é claro que ela teria um nome legal e feminino enquanto eu ficava presa a um que normalmente era usado para meninos.

— Você está bem?

Nos olhos de Bodhi, uma mistura de impaciência e preocupação que, para ser sincera, eu não podia mais aguentar.

Desviei os olhos e disse com uma voz horrível e irritada:

— Por que não estaria? — Palavras que com certeza não me fizeram parecer mais madura aos olhos dele. Seus lábios ficaram tensos, e seu

semblante, grave, e quando ele olhou para Jasmine com um ar impaciente eu tive que acrescentar: — Por que vocês não vão de uma vez? Caramba, eu não preciso que vocês tomem conta de mim!

Seus olhos se estreitaram tanto que pareciam meras fendas verdes.

— E, então, para onde você vai? — ele perguntou, não por estar interessado, mas porque, por ser meu guia, não tinha escolha a não ser se manter informado.

Franzi a testa, pensando que deveria lhe dizer que não era de sua conta — que eu não tinha obrigação alguma de prestar contas de todos os segundos de meu dia. Mas, em vez disso, falei:

— Vou dar uma olhada no lugar onde os sonhos são criados.

Decidi ali, naquele momento, que esse seria um destino tão bom quanto qualquer outro.

Ele aproximou o rosto de mim com uma expressão horrorizada e esquisita e disse:

— O que você falou?

Dei de ombros, fiquei mexendo na barra do suéter e respondi sem pressa alguma:

— Você sabe, o lugar onde todos os sonhos são criados? Achei que parecia legal, então pensei em dar uma olhada. Por quê? Já foi até lá?

Ele resmungou. Apertou tanto os lábios que eles ficaram brancos nos cantos. Então, depois de olhar para trás mais uma vez, sinalizando para Jasmine esperar um minutinho, ele se voltou para mim e disse:

— Ouça, Riley, você não pode ir lá. É proibido.

Fiquei tentada a zombar dele. Tentada a lembrá-lo que estávamos de folga, o que significava que, pelo menos por enquanto, ele não era meu chefe. Mas como a única coisa que eu sabia sobre aquele lugar era o pouco que havia descoberto com aqueles dois senhores no Observatório, decidi suprimir meu primeiro instinto e adotar outra abordagem.

— Por quê? — perguntei, arregalando os olhos de uma forma que sempre funcionava com meu pai, mas raramente, ou nunca, com minha mãe.

— É proibido. Sério. É um lugar ilícito desde... — Ele pressionou os dedos na testa e olhou em volta, como se esperasse encontrar a resposta escrita em algum lugar. — Bem, digamos apenas que é ilícito. Mas é claro que você vai tentar encontrá-lo. — Ele balançou a cabeça, passou a mão pelo couro cabeludo, agarrou um punhado de cabelos e suspirou frustrado. — Apenas... apenas não vá lá, certo? Só desta vez, por favor, confie em mim e faça o que estou dizendo. Pode fazer isso? Pode se comportar por tempo suficiente para que eu consiga aproveitar minha merecida folga?

Entortei os lábios, decidindo fazê-lo esperar por minha resposta. E desfrutando o fato de que ele não estava mais olhando para Jasmine: eu finalmente tinha toda a sua atenção.

Mas não demorou muito para ele começar a sacudir o joelho, e dessa vez os dedos das mãos acompanharam o movimento, torcendo, batendo, indo do

cabelo para o suéter e para o passador do cinto e de volta para o cabelo. Ele estava ansioso para se livrar de mim — ansioso para fazer as coisas que o pessoal mais velho fazia.

Então eu o deixei.

Dei-lhe exatamente o que ele queria.

— Não se preocupe. Esqueça que eu perguntei.

Ele me olhou com ceticismo.

— É sério. — Assenti com a cabeça. — Quer dizer, a princípio achei que pudesse ser legal, mas, bem, se é ilícito... — Fiz uma pausa, aproveitando para reorganizar minha expressão para algo que eu esperava que parecesse mais honesto. — Eu não quero causar mais problemas. Não depois de ganhar muitos parabéns do Conselho, então... — E dei meia-volta, tentando fazer uma saída rápida, mas logo percebi que Buttercup havia, mais uma vez, preferido Bodhi a mim. Precisei parar por tempo suficiente para materializar outro punhado de biscoitos caninos apenas para que ele me seguisse.

— Riley... você está falando a sério, não é? Não está falando da boca para fora, está sendo sincera?

A voz de Bodhi soava às minhas costas.

Mas eu apenas saí correndo, dispensando-o com um aceno.

Queria que ele pensasse que eu estava com pressa. Queria que pensasse que eu precisava ir a um lugar muito mais interessante.

4

No fim das contas, não fui ao lugar onde todos os sonhos são criados. Então foi só por causa do que Bodhi dissera.

Quer dizer, sim, eu o ouvi muito bem. O lugar era ilícito. Proibido. Ou, pelo menos, segundo ele. Mas, além do fato de que não ia adiantar muito eu sair em busca de confusão, o principal motivo de não ter ido era que eu não tinha ideia de onde ficava. Não sabia nem por onde começar.

Então, fui para casa. Pensei em ficar lá até bolar um plano bem melhor. Não fiquei nem um pouco surpresa ao encontrá-la vazia. Eu já esperava por isso.

A casa não estava ali para meus pais ou meus avós — ela havia sido materializada para mim.

Minha família já estava em Aqui&Agora havia algum tempo. Meus avós tinham chegado muito antes, quando eu ainda era bebê, e meus pais vieram direto da cena do acidente.

Eu fiquei vagando.

Eu não conseguia suportar que minha antiga vida ficasse para trás.

Ainda assim, quando cruzei a ponte e vim parar Aqui, estavam todos esperando para me receber. Estavam ansiosos para me mostrar o lugar, para me ensinar tudo, e uma das primeiras coisas que fizeram foi me trazer para uma réplica exata de nossa antiga casa — pensando que eu ficaria mais à vontade com algo familiar.

Funcionou por algum tempo. Eu certamente me senti à vontade.

Eu adorava o modo como a antiga poltrona de couro de meu pai ficava bem no meio do escritório, igualzinho à nossa antiga casa no Oregon. Adorava o fato de as iniciais de nosso nome, meu e de Ever, ainda estarem gravadas no braço da poltrona (mesmo que tenhamos sido seriamente repreendidas por isso). Adorava ver a guia de Buttercup pendurada na parede e nossas botas de chuva cobertas de lama empilhadas perto da porta dos fundos. Adorava até o fato de o antigo quarto de Ever ter ficado exatamente igual, permitindo que eu o visitasse de tempos em tempos e olhasse para seus pertences, fingindo, pelo menos por um tempo, que ela não estava tão longe.

Mas o que eu mais adorava era meu quarto.

Adorava as paredes cobertas exatamente com os mesmos pôsteres que eu tinha quando estava viva.

Adorava minha cômoda abarrotada com o mesmo tipo de meias, calcinhas e camisetas fofas que eu costumava usar.

E embora eu não estivesse Aqui há tanto tempo, e eles tenham se esforçado muito para fazer com que a casa parecesse habitada, eu tinha bastante certeza de que eles não haviam passado nenhum tempo ali antes de eu chegar.

Eu tinha bastante certeza de que eles tinham suas próprias casas.

Quer dizer, quando se entende como tudo funciona, quando se entende que basta um mero desejo para se ter a casa dos sonhos, bem, a maioria das pessoas não sonharia em se conformar com o que podia ter no plano terreno.

A maioria das pessoas se estabelecia em lugares bem mais empolgantes.

Embora minha rua inteira tenha sido feita exatamente igual à antiga, era só andar algumas quadras para encontrar grandes castelos de pedra, vastos bangalôs que pareciam não ter fim e residências enormes como resorts, feitas de vidro e com vista para o mar.

Acho que a maioria das pessoas se adapta melhor do que eu.

Acho que a maioria das pessoas sonha mais alto — e vai além do que costumava ser.

Mas, quando cheguei aqui, eu não enxergava as coisas desse modo. Não conseguia imaginar nada melhor do que o que eu tivera antes.

Mas, claramente, as coisas estavam começando a mudar, e não havia dúvidas de que eu estava mudando também. Então fiz algo que nunca havia feito: joguei-me na cama e observei meu quarto com olho crítico, tentando vê-lo como se estivesse ali pela primeira vez.

Tentando vê-lo com os olhos da líder de torcida, de Bodhi ou de algum outro adolescente.

E a notícia ruim era: parecia um quarto de criança.

Até mesmo de um bebê.

Com certeza, faltavam sofisticação e estilo.

Quer dizer, sim, eu ainda gostava dos mesmos astros e celebridades cujas fotos estavam coladas nas paredes. Poxa, eu ainda gostava da colcha e da grande pilha de almofadas felpudas e brilhantes que ocupava tanto espaço que ameaçava se esparramar no chão. Gostava até mesmo da maioria dos móveis.

Mas não era essa a questão.

A questão era que meu quarto, não importava o quanto eu ainda gostava dele, pertencia à minha versão de doze anos — não à adolescente que eu estava determinada a ser.

Era como se eu levasse o cobertorzinho de bebê em meu primeiro dia de aula. Estava na hora de me livrar do velho e de seguir em frente com o novo.

Olhei em volta, imaginando por onde começar. Então, em um surto de inspiração, fechei bem os olhos e, quando os reabri, encontrei-me esparramada no meio de uma cama imensa com dossel, cortinas violeta de veludo que caíam pelas laterais e uma grande coroa dourada bem no topo — exatamente como eu tinha visto certa vez na tevê.

Buttercup ficou na porta, o focinho para cima indicando reprovação, recusando-se a pisar no tapete com estampa de leopardo e choramingando de um modo que partiu meu coração.

Sabendo que eu deveria tentar pensar em algum tipo de meio-termo, algo de que ambos gostássemos, fechei os olhos novamente, e, quando voltei a abri-los, as paredes estavam com um tom claro de violeta, o piso era de madeira escura, e eu havia trocado a enorme e chamativa cama com dossel por uma de tamanho normal com cabeceira de cetim verde.

Depois de materializar um sofá azul-turquesa em uma das paredes, um tapete com estampa de zebra bem diante dele, um lustre de cristal pendurado no teto e uma penteadeira com espelho e banqueta de veludo branco, era hora da parte divertida: os acessórios! Então me ocupei com almofadas, lençóis, um edredom verde-água com arabescos prateados e algumas obras legais de arte moderna penduradas nas paredes.

— E agora?

Virei-me para Buttercup, sorrindo enquanto ele, hesitante, colocava uma pata diante da outra, até enfim demonstrar sua aprovação ao se sentir em casa e cheirar todos os cantos.

Então olhei para minhas roupas, e ainda usava os mesmos jeans, sapatilhas e camiseta desde que voltara do plano terreno. Uma combinação que até pouco antes parecia superfofa, mas que agora não era mais. Fechei os olhos e mudei isso também: troquei os jeans por calças cargo justinhas, as sapatilhas por botas de cano curto e a camiseta por uma regata com brilhos e um blazer preto sequinho. E estava prestes a materializar um novo iPod cheio de músicas, com uma capinha de zebra igual ao tapete, quando a porta da casa se abriu e meus pais gritaram:

— Riley? Buttercup? Estão em casa?

Eu me levantei de um salto. Estava pronta para correr para a porta, ansiosa para vê-los, para ver como reagiriam à transformação, até que me vi de relance no espelho e imediatamente parei.

As mudanças não eram tão boas quanto eu tinha imaginado. Elas realmente não iam além da superfície.

As roupas pareciam simplesmente penduradas. E as botas deixavam minhas pernas finas e ridículas.

Substituir as coisas antigas por outras recém-materializadas era fácil.

A mudança real que eu desejava estava fora de meu alcance.

Então, embora eu estivesse feliz por vê-los — não, corrigindo, exultante seria uma palavra melhor —, em vez de recebê-los com o abraço gigante que eu havia planejado, levei um instante para trocar as roupas novas pelas antigas e depois fiquei parada ao lado do sofá, de braços cruzados, e disse:

— Vocês não precisam continuar fazendo isso.

Meu pai parou na porta, observou o quarto e depois olhou para mim e disse:

— Fazendo o quê?

Ele sorriu e estendeu a mão em direção a meu nariz, uma cópia quase exata, embora menor, do dele. Estava prestes a apertá-lo do jeito que sempre me fazia rir, mas eu me afastei.

— Vocês não precisam vir me visitar toda hora! Não precisam fingir que moram aqui quando eu sei que não moram. Não sou um bebê! — gritei, parecendo, bem, um bebê... até mesmo para mim.

Minha mãe estava atrás dele, colocando uma mecha de cabelos louros, quase da mesma cor dos meus, atrás da orelha. Suas sobrancelhas claras se enrugaram de um jeito que me fez recorrer a toda a minha força de vontade para não me entregar aos sentimentos, para não começar a chorar e correr direto para seus braços.

— Bebê? Quem chamou você de bebê? — perguntou meu pai, enfiando as mãos nos bolsos da calça e me lançando um olhar sério.

Antes que eu pudesse responder, meus avôs apareceram como se fosse à pior das coincidências. Minha avó olhou para mim e disse, com doçura:

— Ah, aqui está meu bebê!

Fiz cara feia.

Tipo, uma cara muito feia.

Quer dizer, sim, eu estava feliz em vê-los. Sim, eu tinha sentido falta deles enquanto estava conduzindo aquelas almas perdidas através da ponte. Poxa, eu havia até ensaiado mentalmente as histórias que planejava contar a eles mais tarde. E admito que, lá no fundo, eu até gostava do fato de que eles se importavam o suficiente comigo para seguir com aquela farsa de fingir que moravam aqui.

O problema é que eu sabia.

Sabia que eles podiam estar em lugares melhores.

Eu tinha visto a gravação. Assisti a tudo quando fui forçada a rever meu resumo totalmente humilhante de vida quando cheguei Aqui.

Tinha visto meu pai tocando com um grupo de músicos — arrasando em suas melodias antigas preferidas.

Tinha visto minha mãe com um avental todo manchado de tinta — criando uma obra-prima que no plano terreno seria bastante boa para entrar em qualquer museu.

Tinha visto minha avó cuidando dos bebezinhos que haviam deixado o plano terreno cedo demais.

Tinha visto meu avô, que sempre parecera tão velho e sério em todas as fotos, gritando e berrando enquanto pegava uma onda de quinze metros.

Todos estavam aproveitando seus trabalhos da alma — ou pelo menos tinha sido assim que o Conselho explicara. Todo mundo tinha um trabalho a fazer Aqui, e, por mais que eu estivesse começando a gostar do meu, estava ficando inconfortavelmente claro que aquilo era tudo o que eu tinha.

Se eu não estivesse apanhando almas perdidas, não tinha ideia do que fazer.

Minha avó veio até mim e bagunçou meus cabelos daquele jeito que ela costuma fazer. Não perdeu tempo e deixou uma marca de batom cor-de-rosa bem no meio de minha bochecha.

E quando veio mais uma vez com aquilo de eu ser sua "bebê", meu pai logo a interrompeu e disse:

— Riley não é uma bebê. E já faz um bom tempo, certo, filhota?

Hum, é.

Tanto faz.

Eu havia passado de bebê a *filhota* em segundos. E, embora eu achasse que isso fosse um progresso, não era o tipo de progresso que eu pretendia.

Tudo o que eu queria, tudo o que sempre quis de verdade, era ter treze anos.

Só. Isso.

E a única maneira que eu conseguia imaginar para alcançar isso era me sair bem em meu trabalho. Capturar muitos fantasmas desviados e brilhar tanto que o Conselho não teria outra escolha além de aumentar minha idade — junto com as devidas mudanças *físicas*.

E por mais que eu não tivesse certeza de que as coisas funcionavam assim, era o que realmente parecia fazer mais sentido.

Bodhi me dissera que existiam vários níveis neste lugar. Que meu brilho verde-claro me marcava claramente como membro da equipe do nível 1,5.

Ele também disse que cada nova cor levava a um novo nível e que cada novo nível era melhor que o anterior. Se eu continuasse fazendo um bom trabalho, ele me garantira que eu evoluiria de nível e de cor logo, logo.

E não havia dúvidas de que eu estava evoluindo. Desde quando estive no Caribe, meu brilho havia ficado ainda mais profundo.

Mas agora, graças ao Conselho, eu não tinha nenhum fantasma em vista para fazer atravessar.

Não tinha como brilhar até virar adolescente.

Essas férias forçadas estavam me atrasando.

— Sabe, acho que você tem razão! — disse minha avó, trocando um breve olhar com meu pai, um olhar que eles se convenceram de que eu não havia notado. — Riley não é nenhum bebê mesmo! E vejam só esse brilho!

Ela estava tentando me agradar. Era óbvio.

Mas ela também me amava e queria o melhor para mim. Isso também era óbvio.

Então eu cedi. Soltei um suspiro grande e alto e caí sentada no sofá azul-turquesa, afundando no encosto e abraçando uma almofada de cetim violeta contra o peito (completamente reto). Fiquei vendo meus pais e meus avôs se ocuparem admirando as mudanças que eu havia feito no quarto.

Observaram a cor das paredes, testaram a densidade e a firmeza da cama, passaram a mão pela cabeceira de cetim, pela penteadeira, pelas molduras prateadas dos quadros que cobriam as paredes — falando o tempo todo falando

que tudo estava sofisticado e adulto. Presumindo corretamente que aquelas eram palavras-chave, não hesitaram em repeti-las várias vezes.

Eu analisava como agiam. Analisava com um grande nó na garganta. E quando minha avó se pôs a meu lado e colocou a mão em meu joelho, quando meu avô se sentou de pernas cruzadas no chão com Buttercup a seus pés, quando meus pais se acomodaram na beirada da cama, eu continuei observando. Ao reparar nos tons variados de pele clara, cabelos louros e olhos azuis que todos compartilhavam, percebi que era como olhar para versões velhas e muito velhas de mim mesma.

Éramos uma família.

Vivos, mortos, não fazia diferença alguma.

Aonde quer que fôssemos depois, onde quer que acabássemos, não havia dúvida de que sempre teríamos as características uns dos outros.

Eu nunca estaria tão sozinha quanto pensava.

Eles olharam para mim repletos de expectativa, e meu avô se adiantou e falou por todos eles:

— Então, conte-nos logo onde você esteve! Conte-nos como conseguiu esse brilho!

E porque eu os amava, e porque sabia que eles me amavam, eu contei.

5

Meu avô me ensinou a surfar. Minha mãe me ajudou a pintar uma paisagem mais ou menos decente. Minha avó me mostrou como enrolar um recém-nascido em um cobertor e meu pai demonstrou muita paciência ao me deixar ser a vocalista em sua banda. E, por mais que eu tenha me divertido, depois de um tempo ficou claro que eu precisava seguir em frente.

Embora nenhum deles tivesse dito isso, era óbvio que eu não podia continuar daquele jeito para sempre. Era hora de andar com minhas próprias pernas. Construir algum tipo de vida além do trabalho de Apanhadora de Almas e da família. Talvez até fazer uns amigos.

Então parti em busca exatamente disso, com Buttercup a meu lado. A direção era clara, as intenções eram puras, tudo parecia tão transparente e otimista, tão cheio de promessas — pelo menos era como me sentia até o momento em que os vi.

Embora eu tivesse um histórico de bisbilhoteira — espiando desde minha irmã Ever, quando eu era viva, até grandes celebridades, depois que morri, além de ex-professores, vizinhos e amigos que eu às vezes via no Observatório —, naquele dia específico eu nem pensava em bisbilhotar.

Naquele dia específico, eu estava realmente cuidando de meus próprios assuntos, como se todos os pensamentos sobre Bodhi e Jasmine tivessem sumido de minha cabeça.

Mas assim que dei de cara com eles — assim que os vi agindo como se achassem que ninguém estava olhando —, bem, mesmo sabendo que eu deveria ter seguido em frente, descobri que não conseguia mais.

Minhas pernas ficaram bambas e pesadas. Meus membros, paralisados. Eu só conseguia permanecer ali parada, boquiaberta, sabendo que deveria ir embora antes que um deles me visse.

Só que não me viram.

Estavam muito ocupados olhando um para o outro.

Bodhi se esparramara na grama, recostado no tronco de uma árvore grossa, com as pernas esticadas, e Jasmine estava encolhida a seu lado, com a cabeça apoiada nos joelhos dele.

Ele lia um livro grande de poesia, fazendo pausas longas e contemplativas para permitir que as palavras fossem absorvidas. Uma das mãos segurava o livro

e a outra alisava as longas tranças escuras dela, fazendo as contas de vidro balançarem e tilintarem em uma melodia suave e delicada — fazendo seus lábios se curvarem, seu rosto se iluminar e seus olhos ficarem brilhantes e sonhadores.

Como uma cena de filme — o tipo de filme que Ever e suas amigas costumavam ver.

O tipo que apenas alguns anos antes me faria dizer blé!,eca! e toda uma trilha sonora de sons de nojo.

Mas não mais.

Vê-los juntos daquele jeito... bem, a imagem me deu aquela sensação estranha de vazio de novo.

Fez com que eu me sentisse tão quieta e triste que de repente entendi o que era melancolia.

E quando Bodhi ergueu a mão, esticou a palma, materializou uma linda flor e a colocou atrás da orelha dela — um jasmim para Jasmine —, bem, não consegui parar de olhar — mesmo que aquela imagem fizesse meu estômago se revirar.

Aquele não era o Bodhi que eu conhecia.

Aquele não era o cara que mastigava canudo, o skatista semiprofissional que adorava discutir — ou, pelo menos, que adorava discutir comigo.

Ele era diferente com Jasmine.

Era exatamente o oposto do modo como agia comigo.

Era exatamente o oposto do modo como qualquer um sempre agiria comigo enquanto eu fosse esta menina de doze anos pequena, magricela, de peito reto.

Enquanto eu continuasse neste estado, nenhum menino leria poesia para mim.

Nenhum menino colocaria uma flor em meu cabelo.

E, de repente, um pensamento que não teria importância apenas seis meses antes me deixou tão nervosa que meu corpo todo começou a tremer, fazendo Buttercup sentir meu humor, levantar a cabeça e soltar um uivo longo e desolado.

— Buttercup... quieto! — eu sussurrei, mas já era tarde demais.

Jasmine já havia me visto, e logo depois Bodhi ergueu os olhos e me viu também, gritando meu nome com uma voz que soava ao mesmo tempo chocada e surpresa, com uma boa pitada de raiva também.

No entanto, em vez de responder, eu corri — arrastando comigo um Buttercup relutante.

Saímos corremos da clareira.

Passamos por riachos que se transformaram em rios e por rios que se transformaram em lagos. Corremos da floresta e dos amplos espaços abertos para dentro de uma cidade cheia de grandes prédios de cristal.

Corremos até a exaustão.

Corremos até lembrarmos que era muito mais fácil voar.

Subi o mais alto que pude e, depois, mais ainda. Buttercup planava a meu lado, batendo loucamente as orelhas, abrindo a boca como se estivesse sorrindo. Mas enquanto meu cão se divertia com o voo, meu único objetivo era fugir. Minha cabeça estava girando, as entranhas se retorcendo, e eu só queria apagar o que havia visto.

Só queria me livrar daquela sensação terrível, desesperada, que havia se acendido dentro de mim.

E embora eu não devesse, embora tivesse sido estritamente proibido, embora isso já tivesse me causado problemas em mais de uma ocasião, nada foi suficiente para me impedir de parar no Observatório.

Eu precisava ver minha irmã, Ever. Precisava encontrar um modo de estar com ela, de me comunicar com ela. Eu achava que com isso eu me sentiria melhor.

Lembrei-me do que o Conselho dissera:

Tirem uma folga.

Passem algum tempo com a família. Visitem os amigos.

Usei isso como a desculpa de que eu precisava para parar diante da porta e entrar.

6

Assim que vi aquela camisa havaiana roxa e laranja (exatamente aque ele estava usando da última vez em que o vi, mas quem sou eu para julgar?) junto com as bermudas xadrez de lã, as meias sociais pretas e os sapatos brilhantes — bem, tive certeza de que era minha sina.

O destino.

Eu não tinha dúvidas de que estava escrito nas estrelas.

Era para ser.

Por que outro motivo eu encontraria Mort, o cara que tinha começado tudo isso, o cara que me contara sobre o lugar onde acontecem todos os sonhos, parado bem diante de mim?

E pela segunda vez seguida, ainda por cima?

E justamente quando eu estava me perguntando se ele me reconheceria, Mort se virou, sorriu e disse:

— Oi, novata!

Novata?

Estreitei os olhos. Não sabia bem como interpretar aquilo. A princípio, pensei que ele estivesse debochando de minha idade, mas logo me dei conta de que ele se referia a meu brilho.

Eu estava verde. Ele estava amarelo. Então, era evidente que ele estava Aqui havia mais tempo. Era possível saber só de olhar.

Eu também sorri, olhando discretamente para trás dele, procurando pelo amigo que o acompanhava da última vez que estive aqui — aquele que não estava disposto a contar quase nada. E, graças ao destino, ele não estava lá — o que eu considerei outro bom sinal.

— E então, encontrou? — perguntou Mort, avançando para o início da fila quando um cubículo vagou e a pessoa que estava à sua frente entrou.

Fiz que não com a cabeça e acrescentei com a voz cuidadosamente mais baixa que o normal:

— Bem, pelo menos não ainda.

Mort olhou para mim, franzindo a testa até que suas sobrancelhas espessas ficassem tão próximas a ponto de parecerem uma taturana obesa.

— Acha que poderia me ajudar? Ou talvez até me mostrar onde é? Quer dizer, eu sei que o senhor está ocupado e tal, e estou disposta a esperar. Eu só tinha esperança de que talvez...

Mas antes que eu pudesse terminar outro cubículo foi desocupado e uma voz gritou, alto:

— Próximo!

Mort ficou com as mãos inquietas, torcendo-as junto ao corpo, obviamente ansioso para entrar e observar sua antiga vida.

Sabendo que eu tinha apenas alguns segundos antes de perdê-lo completamente, falei:

— Só-pensei-que-o-senhor-talvez-pudesse-me-apontar-a-direção-certa.

As palavras saíram tão rápido que se fundiram em uma só.

Ele hesitou, alternando o olhar entre mim e o cubículo. E quando eu tinha certeza de que o havia perdido, de que ele havia decidido não me ajudar, ele suspirou, fez um gesto para que a pessoa de trás passasse à sua frente e disse:

— Parece que você tem uma mensagem importante para transmitir, não é?

Confirmei com a cabeça. Mesmo sem ter ideia de que mensagem seria essa, eu sabia que, se quisesse sua ajuda, se quisesse chegar ao lugar onde os sonhos acontecem, era melhor não compartilhar essa minha ignorância.

Ele torceu a boca, fazendo com que sua bochecha se esticasse e as rugas desaparecessem. E então voltou os lábios à posição normal e disse:

— Tenho uma neta de sua idade. Ela se chama Daisy. Quantos anos você tem? Dez?

Eu grunhi. Tipo, grunhido mesmo. Nem tentei reprimir. Ele havia me insultado da pior maneira possível.

Mas Mort apenas riu. Riu tanto que eu estava mais que disposta a deixar para lá e descobrir tudo sozinha, mas então ele finalmente se acalmou o suficiente para dizer:

— Tem certeza de que quer fazer isso?

Pensei em minha irmã e na saudade que eu sentia dela.

Pensei em quando vi Bodhi com Jasmine e em como me senti.

E quando meu olhar encontrou o de Mort, bem, foi aí que eu soube que Bodhi havia mentido. O lugar onde todos os sonhos acontecem não era proibido... Bodhi só estava fazendo de tudo para acabar com minha diversão.

— Sim, eu realmente gostaria de visitar esse lugar — eu disse com a voz grave e séria. — O senhor pode me ajudar a encontrá-lo?

Mort olhou em volta no Observatório, esfregou o queixo com a mão surpreendentemente bem-cuidada e, um segundo depois, seguiu para a porta. Segurando-a aberta, fez sinal para que eu passasse e disse:

— Primeiro as damas.

7

No final das contas, Mort não estava nem um pouco tão encantadocom o conceito de voar quanto Buttercup e eu.
Mort era das antigas.

Além de uma ou outra visita ao Observatório e à região onde todos os sonhos acontecem, parecia que ele se esforçava bastante para levar uma vida bastante parecida com a que tinha no plano terreno. E como era a única pessoa que eu conhecia que poderia me ajudar a chegar lá, não tive escolha a não ser fazer as coisas do jeito dele. O que significou pegar um trem.

Nós nos acomodamos em nossos lugares, Buttercup e eu em um lado, Mort no outro, e logo depois de o trem começar a andar ele desatou a me contar tudo a respeito de Daisy, sua neta.

Eu concordei com a cabeça. Sorri. Escutei com o máximo de atenção, tratando de rir nas horas certas. E embora ela parecesse realmente legal e adorável, alguém que eu talvez teria gostado de conhecer se não fosse tarde demais — se eu já não estivesse morta —, ainda tenho que dizer, apenas para constar, que ela não parecia ser nem um pouquinho como eu.

Para começar, o tipo de música de que ela gostava era, bem, um tanto constrangedor.

E nem vou falar de seus programas de tevê e filmes favoritos.

Ainda assim, estava claro que Mort sentia falta dela. E por causa disso, por eu ter mais ou menos a idade dela, ele estava determinado a encontrar uma ligação que, para ser sincera, simplesmente não existia.

— Então, você a visita nos sonhos dela? — perguntei, tentando me manter mais ou menos no assunto e ao mesmo tempo puxar a conversa para uma direção muito mais próxima de meus próprios interesses.

Ele assentiu, murmurando enquanto olhava pela janela:

— O tempo todo. — Ele estreitou os olhos como se realmente pudesse ver a paisagem, ainda que sempre que eu olhava visse apenas um borrão cinza indistinto. — Crianças são muito receptivas a esse tipo de coisa — disse ele. — E Daisy não é diferente. Quando ela era mais nova, só um bebê, eu costumava ignorar os sonhos e aparecer para uma visita. Eu cantava para ela, lia histórias no berço. Nós nos divertíamos muito. — Ele riu e ficou com o olhar distante, como se revisse aquilo na cabeça. — Depois, quando ela aprendeu a falar, costumava contar para sua mãe, minha filha Delilah, que o vovozinho a tinha

visitado. Era assim que ela me chamava, vovozinho. Mas é claro que a mãe não acreditava. Adultos nunca acreditam. — Ele sacudiu a cabeça. —São céticos demais. Têm a mente muito fechada. Acham que sabem tudo, que conhecem tudo o que existe. Poxa, eu era assim também... pelo menos até chegar Aqui. — Ele riu novamente e desviou o olhar.

— E é permitido fazer isso? Quer dizer, aparecer para uma visita de verdade?

Franzi a testa. Aquilo certamente era novidade para mim. Até então minhas visitas tinham sido para apanhar almas e para férias que se transformaram em trabalho. Eu não imaginava que pudéssemos simplesmente aparecer sempre que desse vontade.

Mas Mort, sentindo minha empolgação crescer, logo me corrigiu. Sua expressão de repente ficou cautelosa e ponderada, e ele disse:

— Não venha com ideias, não. — Ele me lançou um olhar severo. — Isso foi há muito tempo. Antes de eu ter noção dos fatos. Embora não seja exatamente proibido... bem, esse tipo de coisa, essas visitas ao plano terreno também não são exatamente incentivadas. Além disso, em geral isso tudo não passa de uma grande perda de tempo. Além de cães e crianças pequenas, a maioria das pessoas não consegue nos ver.

Ele continuou falando, mas eu não estava mais ouvindo. Ainda estava presa à parte em que ele dissera que nada era proibido.

Era verdade?

Podia ser?

E, se fosse, isso significava que Bodhi havia mentido para mim?

— Sabe, o negócio é o seguinte — continuou Mort, com a voz mais alta, invadindo meus pensamentos. — Eles não querem que a gente interfira muito. Cada alma, cada pessoa precisa encontrar o próprio caminho, aprender as próprias lições. E, sejamos realistas, a maioria das pessoas só aprende do jeito mais difícil. Ninguém nunca se dispõe a mudar. Mesmo em situações que a deixam infeliz, a maioria das pessoas prefere ficar com a infelicidade conhecida em vez de arriscar algo desconhecido. E falo por experiência própria que não é fácil ver isso. Mas, no final, é tudo para o bem das pessoas. São todas aquelas agruras que nos deixam mais fortes. As dificuldades nos fazem crescer e amadurecer. E é por isso que você não pode sair por aí protegendo todos do mundo em que vivem. Você deve deixá-los aprender a andar com as próprias pernas. Se interferir, se não deixar que uma pessoa descubra o próprio caminho, você vai prejudicá-la, impedi-la de aprender e progredir. E já vou dizendo que esse tipo de postura não traz nada de bom.

Concordei com a cabeça como se tivesse entendido tudo, como se concordasse completamente. Mas a verdade é que meu olhar estava inquieto, fora de foco, como se um borrão de pensamentos e imagens rodopiasse em minha cabeça.

— E, como você verá em breve, eles regulam com muito cuidado esse tipo de interferência bem-intencionada quando se trata de visitação de sonhos.

Embora haja meios de evitar isso tudo, a verdade é que raramente o esforço vale a pena. É preciso um monte de simbolismos complicados, e na maioria das vezes as pessoas não conseguem se lembrar do sonho ou, pior, bagunçam tudo ao tentar interpretá-lo. Eu desisti há muito tempo. Tornou-se frustrante demais. Agora eu só apareço quando posso, tento passar um pouco de conforto e amor, e paro por aí.

— E funciona? — perguntei, lembrando-me do que tinha ouvido Mort dizer ao amigo na primeira vez em que os vi. Que ele sempre visitava os sonhos de sua esposa enlutada, querendo que ela soubesse que ele estava bem. Mas, assim que ela acordava, deixava para lá e se convencia de que nada era real. Era apenas algo que o cérebro criava para que ela se sentisse bem.

Olhei para ele, esperando uma resposta, mas o trem parou, as portas se abriram, e Mort olhou para mim e disse:

— É aqui. Dreamland, a terra dos sonhos. Chegamos.

8

Provavelmente não faz muito sentido dizer “Não é bem como eu imaginava” a respeito de um lugar sobre o qual você nunca chegoua imaginar nada. Ainda assim, essas foram às primeiras palavras que me vieram à mente quando vi a placa grande e brilhante em forma de meia-lua que dizia: BEM-VINDO A DREAMLAND.

Não era nada como eu havia imaginado.

Acho que estava esperando algo mais parecido com um cinema. Uma sala grande e escura cheia de cadeiras, com porta-copos nos apoios para os braços, e uma tela ampla exibindo todo tipo de imagens malucas e misturadas que, de alguma forma, chegaram ao sonhador.

Mas, em vez disso, fui recebida por um portão alto de ferro e uma guarita envidraçada, onde um guarda muito sério nos analisou atentamente.

Mort se aproximou, disse um *“oi”* rápido e amigável e ficou esperando pacientemente, com os polegares enganchados nos passadores da calça, cantarolando uma melodia desconhecida enquanto o guarda o examinava da cabeça aos pés. Batendo com a ponta de sua caneta vermelha na margem de uma folha de papel comprida até achar o que procurava, o guarda marcou um *xis* e lançou outro olhar severo a Mort enquanto fazia sinal para que entrasse. E embora Buttercup e eu estivéssemos logo atrás de Mort, na esperança de passar junto com ele, parece que meu cão foi mais rápido que eu.

Assim que meu pé tentou entrar, o portão bateu diante de mim, o guarda me olhou e disse:

— Diga seu nome e o assunto, por favor.

Engoli em seco, olhei ansiosa para meus amigos, que estavam onde eu precisava estar, e balbuciei rapidamente:

— Hum, meu nome é Riley Bloom... — Tentei ao máximo não ficar mexendo os dedos, não mastigar o cabelo, não balançar o joelho nem mostrar qualquer outro tique nervoso enquanto o observava batendo a caneta pela extensa folha de papel. — Quanto ao assunto... — Tentei esboçar o que eu esperava que fosse um sorriso agradável, imaginando que um pouco de cordialidade pudesse ajudar a acelerar as coisas. — Bem, eu gostaria de enviar um sonho a alguém.

Mort engasgou, respirou fundo, limpou a garganta fazendo muito mais barulho do que o necessário. E quando meus olhos encontraram os dele, eu

entendi exatamente o que ele pretendia: desviar a atenção de mim. Embora o que eu tivesse dito talvez não soasse grande coisa, aparentemente bastaria isso para que eu não pudesse entrar.

Mas era tarde demais. O guarda já havia estreitado os olhos e dizia:

— Como? O que você acabou de dizer?

Ele se inclinou para frente, aproximando-se de mim de um modo que, bem, se eu ainda estivesse viva, me faria ficar muito vermelha. Mas como eu não estava viva, apenas fiquei ali parada, muda e com os olhos arregalados, repassando minhas palavras, incapaz de identificar qual tinha sido meu erro.

Olhei para Mort na esperança de que ele pudesse ajudar, mas, por sua expressão resignada, eu estava por minha conta.

— Hum, quis dizer que estou aqui para enviar um sonho a alguém — repeti, encolhendo-me bem antes de terminar a frase. Vi a boca do guarda se torcer e se estreitar enquanto Mort apenas suspirou e cobriu o rosto com as mãos. — Quer dizer, talvez eu não esteja familiarizada com o jargão, talvez não saiba todos os termos corretos, mas eu só quero...

Visitar um sonho. Diga a ele que você está aqui para visitar um sonho!

Embora parecesse que o pensamento tinha surgido por acaso em minha cabeça, eu sabia que não havia nada de acaso. Nem um pouco. As palavras vieram com o inconfundível sotaque de Mort, da costa leste. Não era tanto uma mensagem telepática, e sim uma ordem que seria muito importante que eu seguisse se quisesse ficar do mesmo lado do portão que ele e Buttercup.

— Eu só queria, hum, visitar alguém em um sonho — falei, mantendo o sorriso que estava ficando tão duro que fazia minhas bochechas doerem. — Sabe, tipo visitar um sonho, só isso.

O guarda olhou para mim, ainda sério. Ficou em silêncio por tanto tempo que eu estava prestes a deixar para lá e ir embora, mas em seguida ele disse:

— Então por que não falou logo? — Ele balançou a cabeça, escreveu meu nome no final da lista e fez um xis vermelho bem grande ao lado. — E, para sua informação, nós não criamos sonhos aqui, mocinha. *Tecelagem desonhos* não acontece há... — Ele franziu a testa e fitou a distância como se conferisse um calendário invisível que só ele podia ver. — Bem... digamos apenas que não se faz mais isso. Porém, se estiver interessada em saltar em um sonho, então veio ao lugar certo. — Ele abriu um grande sorriso, seus olhos brilharam e as bochechas se alargaram. A mudança era tão drástica, tão impressionante, que ele parecia outra pessoa. — Mas faltam apenas algumas horas para fecharmos. Não sei se sua vez chegará hoje. Mas, por via das dúvidas, é melhor você usar isto.

Ele me passou um crachá, que eu imediatamente prendi na camiseta. O portão se abriu diante de mim enquanto eu imaginava como um lugar daquele poderia fechar, uma vez que no plano terreno as pessoas sonhavam em todos os vários fusos horários. Um monte de gente ia dormir quando um outro monte estava começando o dia. Mas, achando melhor não abusar da sorte, decidi

apenas sacudir os ombros, sorrir e acrescentar isso à longa lista de fatos que não faziam sentido algum.

Assim que entrei em segurança, uma voz com sotaque pesado disse:

— *Gah!* Quem é essa maravilha? O que é esta visão diante de mim?

Virei-me na direção da voz, curiosa para ver a quem pertencia. Notei que Mort tinha se afastado rapidamente, com uma expressão de reverência, dando passagem para um homem baixo e rechonchudo, com barbicha rala e cabelos escuros e brilhosos que pareciam totalmente pretos, exceto por uma mecha branca espessa que caía à frente.

O homem se aproximou, e as pernas de suas calças de montaria roçavam criando um som agourento enquanto as botas de cano alto batiam com força no concreto, como o prenúncio de uma fatalidade. Voltei minha atenção para sua camisa azul apertada, notando os botões quase estourando, e para seu lenço de seda estampada, enrolado frouxamente no pescoço, que se agitou uma, duas vezes, esvoaçando atrás dele como uma corrente difusa de ar.

E, de repente, ele estava parado diante de nós, com a mão no peito, dizendo:

— Ah, mas ela é *perfetto!* Perfeita, digo! Rápido, vite-vite. Não há tempo a perder!

Hesitei, olhando para Mort em busca de orientação, sem saber o que fazer. Depois da provação com o guarda, eu tinha medo de dizer ou de fazer algo errado.

Um segundo depois, porém, o homenzinho estranho estava agarrando minha manga, puxando-me em sua direção enquanto dizia:

— Você precisa vir, e rápido! Ela é exatamente o que pedi! Um presente que chegou... Como se diz? Em cima da hora! Como sabia que eu precisava de você agora? — Ele me olhou com as sobrancelhas arqueadas e não esperou por uma resposta. Abanando a mão, disse: — Não importa! Não vou questionar como... aceito o presente tal como o recebo. Não há tempo a perder... Tempo nenhum! Só que, por favor, você deve usar isto... — Ele empurrou um par de asas muito brancas e delicadas em meus braços. — Agora, rápido, você deve seguir,*vite-vite!* Não podemos nos atrasar!

Corri ao lado dele, seguindo por um trecho largo de concreto, uma trilha sinuosa de grama e um caminho de asfalto deteriorado. Passei direto por um grande edifício abandonado incrivelmente em ruínas, diminuindo o ritmo enquanto me esforçava para prender as asas nas costas. Não imaginava para que elas seriam usadas, mas me sentia tão feliz por estar me afastando do portão que decidi não perguntar.

— Achei que estivesse acabado. Tinha certeza de que seria forçado a ceder; e isso, Balthazar, eu não aprecio, não aprecio nem um pouco. — Ele olhou para Buttercup, abrindo um grande sorriso, e continuou: — Um sonho é uma receita delicada, que usa apenas os ingredientes mais puros. Um sonho deve ser tratado com muito cuidado. Como um suflê! — Ele juntou as mãos, encantado com a própria metáfora. — Um equilíbrio delicado que não admite substitutos. Eu

estava sem opções, faltava isso para desistir... — Ele aproximou o polegar e o indicador, mostrando-os acima do ombro de modo que Buttercup, Mort e eu pudéssemos ver. — Pensei comigo mesmo: *Balthazar, acho que desta vez você desiste mesmo. Talvez seja agora que você se aposenta de vez!* E então, logo em seguida, o que eu vejo?

Ele parou de forma tão brusca que eu quase colidi contra seu corpo, e demorei um pouco para me dar conta de que ele realmente esperava uma resposta.

Sorri com serenidade, usando *Mona Lisa* como modelo. Baixei o queixo, olhei para o chão e disse com muita humildade e discrição:

— É uma honra poder servi-lo. Eu de fato tenho um talento muito curioso para aparecer justamente na hora certa.

Fiquei quieta, envolvida pelo conforto de me sentir bastante satisfeita comigo mesma. Então levantei o rosto e olhei para ele, e foi quando percebi que não era bem eu que ele achava tão *magnifico* e *perfetto*.

Não, não era mesmo.

Ele havia ficado encantado com Buttercup.

Balthazar estreitou os olhos como se estivesse me vendo pela primeira vez, e logo notei que era isso mesmo.

— O que é isso? — resmungou ele, fazendo cara feia enquanto arrancava as asas que me havia entregado. — Você faz piada comigo? É isso? Balthazar tem grande senso de humor, todo mundo concorda. Mas agora não é hora para piadas! Balthazar tem trabalho muito importante! O sonhador vai acordar se não andarmos rápido, e tudo estará perdido!

Ele sacudiu a cabeça, resmungou e se esforçou para colocar as asas em um Buttercup bastante insatisfeito e não muito colaborativo.

Ainda um pouco chateada com a forma como ele havia me tratado, por ter ficado em segundo lugar em relação a meu cachorro, coloquei as mãos na cintura e disse:

— Hum, tudo bem, mas só para deixar claro, Buttercup é ele, não ela. Ainda: ele não precisa de asas para voar. Ele consegue voar muito bem sozinho.

Balthazar arregalou os olhos, e em seguida os arregalou mais ainda. Ele mal podia acreditar em sua sorte ao agarrar a coleira de Buttercup e correr, deixando Mort e eu para trás, tentando alcançá-los.

— Balthazar tem um temperamento artístico — contou-me Mort, com palavras acompanhadas do som de seus sapatos sociais pretos batendo no asfalto. — Ele pode ficar um pouco... *rabugento* às vezes, mas só porque é muito perfeccionista. Ele tem visão. Uma visão notável. É um mestre. O melhor de todos. Ninguém faz saltos em sonho como ele. Ele é uma lenda tão grande Aqui quanto era no plano terreno. Não se preocupe, Buttercup está em boas mãos.

— Mas quem *é* Balthazar? — perguntei, preferindo andar mais devagar, desistindo de tentar acompanhar o ritmo deles. Mort me lançou um olhar estranho e depois apontou para a figura que desaparecia à nossa frente, mas

apenas sacudi a cabeça e falei: — Não, o que quero saber é quem é ele? O que ele *faz* aqui?

Mort se virou, incrédulo, franzindo a testa.

— Balthazar dirige este lugar! Há anos. Quando estava vivo, foi um dos diretores mais aclamados de todos os tempos. Tinha uma estante cheia de estatuetas do Oscar para comprovar. Agora que está Aqui, ele supervisiona todos os saltos em sonho. Conta com a ajuda de um punhado de assistentes de direção, mas não se engane, ele está no comando. Se você estiver pensando em visitar um sonho, precisa falar com ele. Ele é sua única esperança. Ele decide quem é aprovado.

9

Ela nasceu para isso. Ela já fez isso antes, não é?

Olhei para onde Balthazar apontava, vendo Buttercup levantar voo e planar para lá e para cá em um cenário montado como um lindo jardim encantado, incluindo árvores floridas, gramado viçoso e um lago cintilante com um pequeno grupo de cisnes negros e brancos.

— *Ele* — eu disse, um tanto rabugenta, talvez rabugenta demais. Mas quantas vezes eu seria obrigada a repetir até que ele entendesse? — Buttercup é macho — reiterei, mas não adiantou, era como se eu falasse com uma parede. Balthazar simplesmente me dispensou com um gesto, pulou da cadeira e acenou para que Buttercup voasse mais alto e os cisnes nadassem mais rápido, enquanto um cara que parecia ter vinte e poucos anos andava de mãos dadas com uma garota, sussurrando suavemente a seu ouvido.

Acomodei-me na cadeira de diretor que um assistente havia trazido para mim, cruzei as pernas e me virei para Mort, prestes a fazer uma pergunta quando ele balançou a cabeça e apontou para uma placa no alto, com brilhantes letras vermelhas: SILÊNCIO! SONHO EM ANDAMENTO!

Sem escolha, guardei minhas perguntas para depois e dei uma boa olhada em volta, observando a intensa atividade, a quantidade de trabalho necessária para fazer um sonho acontecer. Era surpreendente, para dizer o mínimo.

Até então eu sempre tinha pensado que os sonhos eram... bem... muito mais simples do que aquilo que eu estava vendo se desenrolar diante de mim. Sempre tinha achado que eles eram tecidos com resquícios de pensamentos aleatórios e experiências que haviam acontecido durante o dia — pedacinhos de coisas vistas e ouvidas, combinados com meros frutos da imaginação. Tudo meio misturado como um tipo de sopa fantástica e subconsciente. Ou pelo menos essa era a essência do livro sobre interpretação de sonhos que uma vez Ever me dera de Natal. Mas, pelo que eu via acontecer em Dreamland, aquele livro estava completamente errado.

Era uma produção.

Uma produção muito grande.

Fazia eu me lembrar da vez em que minha turma tinha feito um passeio para ver uma ópera em Portland, pouco antes de eu morrer.

Assim como na ópera, o cenário era elaborado, cuidadosamente desenvolvido, com todo um elenco de atores, incluindo meu cão, que continuava

voando acima de nós. E havia ainda uma equipe completa trabalhando nos bastidores. Figurinistas, maquiadores e cabeleireiros, além de técnicos de iluminação, um ou dois dublês e um grupo inteiro que, pelo que pude ver, estava encarregado dos efeitos especiais.

Também como na ópera, havia uma abertura na beirada do palco, onde ficava a orquestra. Um pequeno grupo de músicos segurava uma estranha variedade de buzinas, latas, correntes, e, sim, alguns tinham até mesmo tipos mais tradicionais de instrumentos musicais — todo mundo de olho em Balthazar, esperando o sinal dele para fazer o som certo no momento certo.

Era incrível.

Completamente incrível.

Vendo tudo aquilo acontecer bem diante de meus olhos, bem, não resisti, e fiz um rápido inventário mental de todos os sonhos que eu lembrava já ter tido; era impossível vê-los como antes.

Mas, diferentemente da ópera, aquilo pareceu terminar antes de começar de verdade. De repente, Balthazar pulou da cadeira e gritou:

— Ela acordou! Vamos encerrar! Bom trabalho, pessoal!

A menina desapareceu — tipo, em um segundo ela estava lá, e no outro, não. E enquanto a equipe se ocupava em sair do palco e desmontar o cenário, o cara secava as lágrimas dos olhos e agradecia profusamente a Balthazar, dizendo que pela primeira vez desde sua morte ele sentia que havia realmente conseguido chegar à sua noiva, que ainda estava de luto.

Buttercup foi em direção ao monte de biscoitos caninos que Balthazar tinha na mão. Todo orgulhoso e satisfeito com sua atuação e seu recém-descoberto poder de estrela de cinema, ele começou a devorá-los enquanto Balthazar sorria e dizia:

— Aqui está ele. O verdadeiro astro do show! — Depois, olhando para mim, ele acrescentou: — Eu lhe devo uma. Graças a seu cão, o sonho foi salvo. A menina estava sonhando com um belo campo cheio de lagos cintilantes, cisnes negros e brancos e, acredite se quiser, cães voadores angelicais. E como não havia nenhum à mão, quando você apareceu... bem, toda a produção foi salva. Por favor, diga-me, como posso recompensá-la?

Pressionei os lábios e tentei entender suas palavras. O que ele havia acabado de dizer era totalmente diferente do que eu pensava ter testemunhado.

— Espere... — Estreitei os olhos e sacudi a cabeça. — Está querendo dizer que não foi você quem criou aquele sonho? — Olhei para ele e notei como era baixo, quase de minha altura. — Está dizendo que apenas recriou um sonho que já estava em andamento?

Minha mente começou a girar com o conceito; era algo ainda maior do que eu havia imaginado.

Olhei na direção de Mort, alarmada pelo modo como suas sobrancelhas se ergueram tanto que quase se juntaram ao couro cabeludo, e quando voltei a olhar para Balthazar, bem, ele apenas olhou para mim e ficou horrorizado.

Tipo... muito horrorizado.

Apertou os lábios até eles ficarem brancos, as narinas alargaram-se, as orelhas se agitaram e as bochechas ameaçaram estourar em uma explosão de fúria raivosa.

E então, justamente quando eu tinha certeza de que não poderia ficar pior, observei completamente mortificada (completamente confusa!), quando Balthazar deu meia-volta e saiu apressadamente sem dizer uma palavra.

10

Para alguém que havia acabado de afirmar que me devia uma, para alguém que havia acabado de alegar que, por causa de meu cão, eu havia sido a heroína do dia, para alguém que dizia ter uma gratidão gigantesca reservada apenas a mim... bem, só posso dizer que a saída súbita de Balthazar praticamente anulava tudo aquilo.

Buttercup se deitou e soltou um ganido baixinho e sofrido, enquanto Mort resmungava uma série de palavras que soava como "Minha nossa, agora você conseguiu...". Eu permaneci ali parada, boquiaberta, sem ter ideia de como havia ofendido Balthazar de forma tão grave e aparentemente imperdoável.

Foi Mort quem finalmente partiu atrás dele e, de algum modo, convenceu-o a parar por tempo suficiente para escutá-lo. E embora eu ainda não saiba o que ele falou, sei que Balthazar mudou de ideia, virou-se e enfim voltou até onde eu estava, tomando muito cuidado para proferir todas as palavras:

— Foi-me dito que esta é sua primeira visita a Dreamland, não é? Confirmei com a cabeça, com muito medo de dizer algo errado.

Ele hesitou, observou-me atentamente, passou os dedos no lenço de seda enrolado no pescoço.

— Então essa... essa sua... sua *ignorância* deve ser perdoada, certo?

Balancei a cabeça de novo. Não gostei muito da palavra "ignorância" sendo aplicada tão facilmente a mim, mas sabia que era melhor não dizer nada.

— Então podemos combinar nunca mais falar sobre isso?

Olhei para Mort e Buttercup e vi os dois fazendo um gesto encorajador com a cabeça. Depois olhei para Balthazar e disse:

— Hum, está bem... Só achei que talvez você pudesse me ajudar a enviar um sonho à minha irmã, mas acho que entendi errado, então...

Mort engasgou.

Buttercup colocou as patas sobre os olhos.

E quando eu tinha certeza de que nada podia piorar, Balthazar falou em um tom de voz ligeiramente mais alto e mais estridente do que eu esperava.

— Correção! — ele praticamente gritou. — Nós não enviamos sonhos. Nem criamos sonhos. Em vez disso, nós *saltamos em sonhos*. Acredito que você gostaria de um *salto em sonho,* não é?

Ele fez um sinal positivo com a cabeça de uma forma que me dizia que, se eu soubesse o que era bom para mim, deveria fazer o mesmo.

Então, balancei a cabeça.

E depois pigarreei e disse *"Sim",* só para reforçar.

E depois balancei a cabeça de novo.

Talvez eu estivesse exagerando.

Mas, poxa, praticamente desde o momento em que tinha chegado tudo que eu havia falado tinha sido errado. Pelo que eu podia perceber, aquelas pessoas faziam muita questão de usar as palavras certas, então acho que não tinha culpa por tentar fazer algo certo para variar. Mas, felizmente, pareceu funcionar, porque Balthazar apenas olhou para mim e disse:

— Ótimo. Agora, por favor, venha comigo, Srta. Riley Bloom.

Segundo Balthazar, a hora, ou melhor, a hora do dia não era tão importante no que dizia respeito aos *saltos em sonhos*. Considerei isso positivo, já que A: pelo que tinham me dito, não havia tempo em Aqui&Agora; e B: também pelo que haviam me dito, Dreamland tinha horários definidos para abrir e para fechar.

Também segundo Balthazar, uma pessoa não precisava estar dormindo para receber uma mensagem. Embora fosse preferível — principalmente porque o estado de sonho diminui as defesas das pessoas, deixando-as mais receptivas a mensagens do além —, não era totalmente necessário. Não era a única forma.

Aparentemente, uma mensagem poderia ser enviada com a mesma facilidade durante devaneios (algo que eu costumava fazer muito nas aulas de matemática) ou até mesmo, por incrível que pareça, se a pessoa dirigir por muito tempo.

— Dirigir é meditativo — ele disse. — Muita gente... como se diz? — Ele hesitou, apoiando o dedo no queixo, tentando capturar a palavra que estava perseguindo. — Muita gente *se desliga* quando está dirigindo. — Ele olhou para mim e acenou com a cabeça, e uma mecha branca de cabelo ficou balançando diante de um par de brilhantes olhos escuros.

Foi impossível não rir da maneira como ele disse se desliga.*Perfetto* e *magnifico* eram duas palavras com as quais eu já havia me acostumado — elas combinavam com seu estranho sotaque quase europeu. Mas ouvir o mesmo sotaque pronunciar se desliga... bem, era tão hilário que não consegui conter a risada.

— E, se não for possível — continuou ele, ignorando o fato de eu ter me inclinado para frente e agarrado minha barriga —, sempre existe a música.

Olhei para Balthazar. Ele tinha minha total atenção de novo.

— A música é uma das formas de arte mais elevadas. Pode definir, mudar ou até mesmo salvar uma vida em apenas três breves minutos. Ela tem ligação direta com o divino. Todas as formas de arte têm, é claro, mas a música... — Seu olhar ficou turvo enquanto ele olhava para o nada, procurando uma forma melhor de explicar, mas então sacudiu a cabeça, fez um gesto com a mão e continuou: — Enfim... então, diga-me, você já ouviu a música certa no momento certo?

Pressionei os lábios e pensei muito — eu tinha quase certeza de que sim. Não, pensando bem, tinha certeza absoluta. E havia acontecido mais de uma vez.

Ele fez um sinal positivo, já presumindo a resposta.

— Era alguém tentando mandar uma mensagem.

Meu queixo caiu, minha língua ficou inerte, e eu não consegui falar nada. Lembrei-me de todas as vezes em que eu havia ficado com medo, nervosa, triste, tudo junto, e de como a música que minha mãe costumava colocar para mim quando eu era bebê, uma canção de James Taylor, a mesma que os pais dela colocavam para ela ouvir, tocava de repente, como mágica, no rádio, na tevê, ou, às vezes, até mesmo em um carro que passava na rua tocando-a no último volume.

Minha música de conforto.

Pelo menos era o que eu achava. Ainda assim, sempre que isso acontecia, em cada uma dessas situações, eu achava que não passava de uma coincidência maluca.

Mas, de repente, entendi.

Eu finalmente sabia a verdade.

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, as coincidências são poucas e raras.

— E há também, é claro, a onda de pensamento. — Ele abanou a mão como se dispensasse a ideia e enrugou o nariz, demonstrando um desagrado tão grande que eu gostaria de saber por que ele sequer a mencionou. Mas antes que eu pudesse pedir mais detalhes ele disse:— Uma onda de pensamento pode partir de qualquer um. Não é necessário treinamento. É quando o transmissor simplesmente encontra um lugar tranquilo e se concentra muito em determinada mensagem, que pode ou não chegar ao receptor. É simples. Às vezes funciona, às vezes não, depende. Mas para meu gosto... — Ele passou a mão no queixo e deu um leve puxão na barbicha, seu polegar com a unha duas vezes mais comprida que a minha. — Bem... digamos apenas que não é de meu gosto. Então, para concluir, embora haja muitas formas de enviar mensagens, sempre que possível o método preferível é o salto em sonhos. Quando bem-feito, o transmissor, assim como o receptor, conseguem compartilhar algo ao mesmo tempo especial e único.

— E quando é malfeito?

Nem imagino por que perguntei isso. Acho que as palavras simplesmente saíram antes que eu pudesse impedi-las.

Felizmente, Balthazar apenas riu. Balançando a cabeça e retorcendo a barbicha, ele respondeu:

— Eu não saberia responder. Nosso trabalho aqui nunca é malfeito. Eu insisto que seja bem-feito, ou não seja feito. E, então, o que acha? Está pronta para começar?

11

Enquanto Mort se preparava para seu próprio salto em sonho, Buttercupe eu estávamos no escritório de Balthazar — um pequeno espaço com um sofá, duas cadeiras e uma mesa. As paredes eram cobertas por cartazes de alguns filmes antigos, senão todos, que ele havia dirigido em seus dias de Hollywood, presumo eu. E, acredite, eram muitos.

Acomodei-me em uma cadeira enquanto Buttercup farejava, em sua necessidade de investigar cada canto, às vezes mais de uma vez, até se aquietar. Balthazar colocou um par de óculos vermelho, recostou-se na velha cadeira de couro, pegou um bloco de notas e uma caneta e começou a me interrogar com todo tipo de pergunta sobre meu passado — ou, como ele chamava, meu *histórico*.

Basicamente, ele queria saber tudo o que eu pudesse (ou, em meu caso, que eu *quisesse*) contar sobre meu relacionamento com a receptora. Era assim que ele a chamava, minha irmã, Ever: a receptora — e eu era conhecida como a transmissora.

Ou pelo menos essa era minha esperança. Ele ainda não havia confirmado se me deixaria prosseguir. Aparentemente, tudo dependia de meu histórico.

Se ele achasse a história interessante e a motivação convincente — se considerasse que valiam o tempo de todo mundo, ele me ensinaria a saltar em sonhos.

Mas, se não, bem... eu preferia não pensar nisso.

Acho que havia uma lista bastante longa de pessoas esperando por uma chance de trabalhar com ele, mas graças ao aparecimento de Buttercup na hora certa, salvando um salto que já estava em andamento, ele estava disposto a fazer o favor de me deixar furar a fila. Mas se eu iria ou não adiante dependeria do quanto ele ficasse intrigado com meu histórico.

Então mergulhei de cabeça. Contei-lhe tudo sobre mim, minha família, nossa morte em um acidente de carro — incluindo a parte em que fiquei mais tempo no plano terreno para que pudesse visitar (ou *assombrar,* dependendo do ponto de vista) minha irmã mais velha, Ever. Dei o máximo possível de detalhes, esforçando-me bastante para que a história soasse interessante, evitando que parecesse factual demais, chata demais. Eu tinha a impressão de que ele era do tipo que se entediava com facilidade — que, embora tenha insistido em conhecer minha motivação, não se interessava pelos pormenores

cotidianos. Idas ao dentista, a primeira vez que preparei meu próprio sanduíche... essas informações eu guardei para mim mesma. E sempre que ele começava a mexer na barbicha, torcendo-a entre o polegar e o indicador, eu sabia que precisava acelerar a história ou perderia completamente sua atenção.

No entanto, quando chegou a hora de revelar exatamente que tipo de mensagem eu gostaria de enviar... bem, foi aí que tudo desmoronou.

Gaguejei.

Balbuciei.

As palavras pararam em minha garganta até que eu fiquei totalmente paralisada.

Eu estava completamente constrangida por ter estragado tudo... Porém, teria sido muito mais constrangedor admitir que minha mensagem não era tanto para ajudar Ever, e sim para ajudar a mim mesma.

Quer dizer, sim, eu queria que ela soubesse que eu a amava, sentia sua falta e tudo mais. Também queria dividir algumas de minhas inquietações sobre o tipo de vida que ela vinha levando — e minhas preocupações verdadeiras e válidas de que eu talvez nunca mais voltasse a vê-la. Mas eu não estava exatamente disposta a compartilhar nada disso com Balthazar, então guardei mais essas informações para mim.

Ainda assim, para ser cem por cento sincera, preciso admitir que o salto em sonhos era principalmente para mim.

Eu precisava ser reconfortada.

Precisava de um bom conselho.

Precisava que Ever me dissesse como fazer amigos — como fazer adolescentes gostarem de mim.

Como fazer os garotos me notarem.

Era o tipo de questão sobre a qual eu nunca havia pensado, muito menos me preocupado.

Mas, principalmente, eu precisava que ela me dissesse como ser adolescente. Era tudo o que sempre quis — e, mesmo assim, eu não tinha ideia do que fazer.

Se o Conselho estava me obrigando a tirar uma folga do trabalho como Apanhadora de Almas — o único jeito que eu conhecia para aumentar meu brilho, que por sua vez poderia me fazer crescer e amadurecer —, então eu não tinha escolha a não ser procurar os conselhos da adolescente mais incrível que conhecia: Ever, minha irmã.

E, embora eu não fosse tão burra a ponto de pensar que visitá-la uma vez me faria ter treze anos, estava bastante convencida de que, se descobrisse como parecer uma adolescente, então algum dia — em breve, com alguma sorte — poderia *ser*.

Mas quando olhei nos olhos de Balthazar, bem, soube que não podia dizer nada daquilo — não quando eu mal podia admitir até para mim mesma.

Então, eu o encorajei a preencher seu bloco de notas com uma seleção aleatória, mas cuidadosamente escolhida, de fatos mais ou menos relevantes. E

quando chegou a hora de continuar, bem, apenas ergui os ombros, baixei os olhos e falei que não tinha segundas intenções. Disse que meu único objetivo era conferir como ela estava, ver o que acontecia e seguir conforme o andar da carruagem.

Sua caneta caiu na mesa. Ele se recostou no espaldar da cadeira e me encarou fixamente. E embora eu não tivesse muita experiência com entrevistas para ter alguma referência, tinha bastante certeza de que a linguagem corporal de Balthazar indicava um fracasso.

Por isso, eu não poderia ter ficado mais surpresa quando ele disse:

— *Perfetto!*

Olhei para ele. Pisquei. Fiquei pensando se eu havia entendido errado.

— *Magnifico!* — Ele bateu palmas uma vez, duas vezes, e apoiou as mãos na curva da barriga. — Isso é tão puro! Tão... *honesto!* — Ele avançou com a cadeira e agarrou as laterais da mesa. — Deixaremos a história fluir... Vamos mantê-la natural, orgânica. Isso é realmente *fantastico!* Mal posso esperar para começar! — Suas sobrancelhas saltaram e sua barbicha balançava para á frente e para trás.

Então ele pulou da cadeira, deu a volta na mesa e puxou minha manga com força, conduzindo-me por uma porta lateral que eu não tinha notado até então. Levou-me e a Buttercup às pressas por diversos corredores e então parou, tocou um dedo curto e grosso no queixo e disse:

— É aqui que começamos.

Segui atrás dele, surpresa ao encontrar o tipo de espaço que eu havia previsto: uma sala de cinema pequena e escura, com cadeiras, um projetor e uma tela.

Buttercup se acomodou a meus pés e Balthazar se sentou a meu lado. Ele cruzou as pernas, juntou as mãos sobre o joelho e disse com voz grave e séria:

— Começamos como sempre: em silêncio. Você fechará os olhos. Ficará muito, muito quieta... Irá muito, muito fundo. Vai se lembrar de sua irmã. Preencherá sua cabeça com uma imagem mental dela. Então, quando a imagem estiver completa, você vai sintonizar o padrão de energia dela. Como as impressões digitais, cada um tem o seu. E, também como as impressões digitais, cada padrão é único. Aí, enquanto você estiver ocupada com isso, pegarei a... como se diz? — Ele me encarou, estreitou os olhos, mas eu apenas dei de ombros, pois não tinha ideia do que ele queria dizer. — Pegarei a marca dessa energia. — Ele confirmou com a cabeça. — Sim, é isso. Marca. A marca é o mais importante. Sem ela, nada podemos fazer. Entendeu?

Sinceramente? Não. Não tinha entendido nada do que ele falara. Nada daquilo fazia o menor sentido. Mas, pela maneira como ele me encarava, com os olhos arregalados, balançando a cabeça, eu sabia que deveria arregalar meus olhos e balançar a cabeça também.

E foi o que fiz.

Depois, fechei os olhos e tentei passar a ideia de que estava seguindo todas as outras instruções. Visualizei minha irmã e aumentei sua imagem até

preencher minha cabeça. Tentando sintonizar sua energia, sua marca, mesmo sem ter ideia do que aquilo significava.

Basicamente, fiquei sentada ali e pensei nela. Lembrei-me de como ela era: muito parecida comigo, com os cabelos louros e os olhos azuis, porém, diferente de mim; seu nariz não era semiachatado, seu peito não era lamentavelmente reto. Ever era bonita e popular de um jeito que eu só podia sonhar ser.

Lembrei-me de como ela ria — um som meio leve, tilintante e feminino. E então recordei que ela passou a rir muito menos depois que sobreviveu ao acidente — e como eu precisava me esforçar para fazê-la rir novamente.

Lembrei-me da expressão em seu rosto no dia em que ela me disse que era hora de parar de assombrar o plano terreno, hora de cruzar a ponte e seguir para onde nossos pais e Buttercup esperavam por mim — seus olhos estavam estranhamente brilhantes, sua voz tensa demais. Ela havia tentado muito ficar séria, ser madura e forte, fazer a coisa certa — mas era fácil ver que estava tão arrasada quanto eu.

A memória florescia com tanta força em minha cabeça que começou a parecer real. Como se estivesse acontecendo tudo de novo.

E eu estava tão envolvida no momento, na tristeza da despedida, que quase não percebi quando Balthazar gritou:

— Isso! Consegui! *Perfetto!* Agora se apresse. *Vite-vite*, Riley Bloom! Siga-me!

12

Como uma ginasta dando piruetas rumo a um colchão, como um paraquedista pairando na direção de um gramado acolhedor, a chave para um salto em sonhos bem-sucedido é acertar a aterrissagem.

Ou, como disse Balthazar:

— Depois da marca, a aterrissagem é tudo. Sem uma aterrissagem perfeita, o sonhador acordará e adeus!

Segundo ele, não havia segundas chances no que dizia respeito aos sonhos. Era preciso praticar até acertar. E se você não conseguisse acertar, bem, teria que deixar para lá, ir embora de Dreamland, procurar um lugar tranquilo e tentar a sorte com uma onda de pensamento.

Eu estava começando a perceber a dimensão do privilégio que me havia sido concedido. Até aquele momento, eu não tinha ideia de que outras pessoas haviam sido obrigadas a aprender com os assistentes de direção por longos períodos, sem prazo, antes que Balthazar sequer considerasse trabalhar com elas.

— Quanto tempo Mort levou para aprender? — perguntei, não para ser competitiva, mas porque precisava de algo em que me basear, algum tipo de estimativa sobre o quanto eu demoraria para assimilar o que precisava saber.

Mas Balthazar simplesmente fez cara feia e dispensou minha pergunta com um aceno de mão impaciente.

— Mort não é problema meu. Nem seu. Temos pouco tempo até a hora de fechar. Se quiser um salto em sonho bem-sucedido, precisa agir.

Concordei com a cabeça, e estava prestes a indagar como ele podia saber que estava quase na hora de fechar em um lugar onde não havia tempo quando ele olhou para mim e falou:

— Chega de perguntas. Respostas não podem ajudar quando o trabalho é intuitivo. Então, diga-me, está pronta para dar seu primeiro salto?

Confirmei, em parte empolgada e ansiosa, em parte tremendo de nervosismo. Eu não sabia ao certo se estava preparada para o desafio, uma vez que nunca fora muito boa em pular corda, em salto em altura, em salto em distância, nem em qualquer outra atividade relacionada a saltos — e me surpreendi ao descobrir que aquilo não tinha nada a ver com um salto de

verdade. Balthazar tinha razão, o trabalho era intuitivo: o salto era muito mais mental do que físico.

Basicamente, eu precisava observar um monte de sonhos. Sonhos de outras pessoas, completos estranhos, ninguém minimamente familiar para mim. Balthazar e eu nos sentamos lado a lado, observando imagens aleatórias passarem na tela, e minha tarefa era encontrar o momento certo para entrar e mandar uma mensagem. E como era apenas a primeira sessão de meu treinamento, como eu não estava saltando de verdade na cena, simplesmente gritava "Salto!" sempre que o momento parecia apropriado.

Levei algum tempo para pegar o jeito. Era muito, muito mais difícil do que pode parecer. E assim que fui aprovada nessa etapa, Balthazar me mandou saltar para valer.

Fomos para um estúdio usado estritamente para treinamento — menor que aquele em que Buttercup fizera sua estreia; um lugar onde, basicamente, fiz as mesmas coisas que havia acabado de fazer.

Eu devia assistir a um sonho em andamento, mas em vez de gritar "Salto!" eu apenas acenaria com a cabeça e, de repente, era arrancada da cadeira e lançada dentro da cena. Jogada bem no meio do que estivesse acontecendo e então, sem alertar o sonhador, sem espantá-lo, assustá-lo ou, pior, acordá-lo, teria que encontrar um modo de me misturar, de não chamar atenção de maneira alguma.

Parecia ser moleza. O tipo de tarefa impossível de errar. Fácil, fácil em todos os sentidos.

Mas acabou sendo praticamente o oposto.

Em minhas primeiras três tentativas, todos os sonhadores acordaram.

Na quarta, o sonhador veio até mim e exigiu saber quem eu era e como havia chegado lá.

E na quinta vez... bem, foi quando eu travei. Não tinha ideia do que fazer.

— Corta! — gritou Balthazar. O som de sua voz me arrancou do sonho, jogando-me de volta na cadeira, onde me encolhi ao lado dele. — O que você fez? Por que ficou ali parada daquele jeito? Como um... como um... como um boneco de neve!

Mordi meu lábio inferior, certa de que ele queria dizer estátua em vez de boneco de neve, mas me sentia tão envergonhada que não estava em posição de corrigi-lo.

— Sinto muito. — Sacudi a cabeça e desviei o olhar. — Acho... acho que travei. Eu me senti presa em um pesadelo.

Ele olhou para mim, juntando as sobrancelhas enquanto os olhos saltavam.

— Pesadelo? Pesadelo! Acha que eu faço pesadelo? Acha que permito esse tipo de sonho sombrio?

Ele estava bravo.

Não, na verdade era muito pior. Ele havia passado de impaciente e irritado a totalmente furioso em segundos. E eu estava tão desesperada para que ele

entendesse, tão desesperada para que ele soubesse do que eu estava falando, que disse:

— Não! Eu não quis dizer que foi um pesadelo para a sonhadora. Foi um pesadelo para mim!

Ele parou. Estreitou os olhos. Tirou o bloco de notas do bolso de trás das calças e folheou as páginas rabiscadas, estudando-as com cuidado antes de voltar a olhar para mim.

— Aquela menina, a sonhadora... Ela estava em uma escola de dança, não estava?

Balthazar franziu a testa.

— Bem, acontece que eu nunca estive em uma escola de dança. Quer dizer, já vi em programas de tevê e em filmes. Até já li sobre elas em livros. Mas nunca vivenciei pessoalmente. Não tinha nada parecido em minha antiga escola. Acho que eles imaginavam que não éramos maduros o suficiente para isso. — Revirei os olhos e sacudi a cabeça, mas logo continuei, voltando ao assunto. — Eles reservavam esse tipo de atividade para os adolescentes do ensino médio. E, como quis a sorte, eu morri logo antes de chegar lá. Por isso eu não sabia como agir ou como me misturar. Foi por isso que travei daquele jeito. Como... como um boneco de neve.

Balthazar refletiu, resmungou umas frases em uma língua que eu não entendia, depois enfiou o bloco de volta no bolso, ajustou o lenço e comentou:

— Você acha que Russell Crowe era um gladiador de verdade?

Ele me encarou, esperando minha resposta, mas eu não fazia ideia do que dizer. Não sabia sobre quem ele estava falando, muito menos aonde queria chegar.

— Você acha que Marlon Brando era um membro da máfia? — disse ele com sarcasmo, cerrando os olhos quase completamente enquanto sacudia a cabeça. — Acha que Elizabeth Taylor era a verdadeira rainha do Nilo? Acha que ela era mesmo Cleópatra?

Fiquei ali parada, sentindo-me mais idiota a cada segundo, enquanto Balthazar resmungava mais em outra língua, e então ele olhou para mim e perguntou:

— Você acha que... como se diz...? — Ele estreitou os olhos e coçou o queixo. — Você acha que esse... esse... Daniel Radcliffe... Você acha que ele voa em uma vassoura na vida real?

Eu me encolhi, curvando tanto os ombros que praticamente diminuí para a metade de meu tamanho. De repente entendi o que ele queria dizer com tudo aquilo. Mas, antes que eu conseguisse pensar em uma resposta, ele gritou:

— Nenhuma dessas pessoas era nada disso antes de gravar as cenas! Mas, assim que se viram dentro delas, sentiram o que deveriam fazer. Decidiram o que era necessário, o que era apropriado, o que tinha que ser feito! Isso se chama atuar, Riley! E se você quiser saltar em sonhos, precisa atuar também. Deve se ajustar à cena em que se encontra, deve observar rapidamente toda a ação que se desenvolve à volta, e então deve fazer o que for preciso para se

adequar... para se misturar... para se tornar uma com a cena! É isso que quero de você!

Endireitei os ombros e ergui a cabeça. Entendi. Entendi mesmo. Finalmente tudo fazia sentido. Era praticamente uma cópia do que eu havia pensado antes: se eu pudesse atuar, poderia ser. E estava determinada a dar conta, tinha bastante certeza de que conseguiria. Só precisava de mais uma oportunidade, embora um pouco de direcionamento não fizesse mal algum.

Eu o encarei fixamente e disse:

— Embora eu concorde que tudo isso seja verdade, também é verdade que essas pessoas tinham mais uma coisa em comum: um bom diretor. — Fiz uma pausa e esperei que as palavras fossem absorvidas. — Todos esses atores tiveram um bom diretor que ajudou a orientá-los, a dirigi-los, que os ajudou a encontrar o caminho.

Balthazar me analisou, considerou minhas palavras e optou por me deixar tentar mais uma vez ao gritar:

— Está bem, agora vamos em frente. Cena seis, tomada um, ação!

13

Foi necessário um total de nove saltos para que eu acertasse precisamente.

Nove saltos para finalmente aperfeiçoar a aterrissagem.

Mas, mesmo conseguindo, mesmo me sentindo muito orgulhosa, mesmo passando para um estúdio externo incrível — daqueles com cidades e ruas cenográficas, usados em todos os grandes filmes —, segundo Balthazar, meu sucesso foi tardio demais.

Era hora de fechar.

Ou, como disse Balthazar:

— Corta! Vamos encerrar!

Essas três simples palavras bastaram para que tudo fosse imediatamente interrompido.

Fiquei parada, com Buttercup a meu lado, vendo um fluxo de pessoas seguirem na mesma direção: rumo à saída. No entanto, apesar da evidência diante de mim, eu ainda me recusava a acreditar que havia acabado. Recusava-me a acreditar que minha grande oportunidade havia chegado ao fim tão facilmente.

Não era culpa minha ter demorado tanto... Eu havia começado tarde! Quer dizer, é sério? Hora de parar? Como podia existir algo assim... Simplesmente não fazia sentido.

Mas, antes que eu pudesse sequer reclamar, Balthazar já estava se despedindo, já estava se afastando.

Ele agia como se o tempo que havia passado me treinando tivesse acabado em mais de um sentido.

Agia como se tivesse se esquecido completamente de mim e de meu cão, sem contar de meu histórico.

Ele nem mesmo me disse "Adeus". Apenas deu meia-volta e partiu rumo ao que quer que fosse seu destino.

Tratou meu salto em sonho como se fosse apenas um comercial idiota de tevê.

Um filme de baixo orçamento que seria lançado apenas em DVD.

Um vídeo ruim do YouTube que não ganharia um acesso ou um comentário sequer.

Um projeto amador no qual ele havia sido obrigado a desperdiçar seu grande talento.

Tratou Buttercup e a mim como se fôssemos descartáveis.

E quando veio andando em nossa direção um sujeito com o mesmo estilo "lenço e barbicha" de Balthazar, como se fosse algum tipo de uniforme dos diretores de Dreamland, agarrei-o pela manga da camisa, puxei com força e disse:

— Eu gostaria de saber se você pode me ajudar. Eu estava prestes a fazer meu salto em sonho quando chegou a hora de fechar.

Ele estreitou os olhos, sacudiu a cabeça e apontou para o por tão por onde um enxame de pessoas continuava a sair.

Mas eu não ia aceitar.

Não desistiria tão facilmente, de jeito nenhum. Eu havia me esforçado muito para aperfeiçoar minha aterrissagem e faria meu salto em sonho quer eles gostassem ou não.

— Sim, bem, eu entendo que é hora de fechar e tudo mais... — Tentei sorrir, mas pareceu bastante falso, então logo mudei de ideia. — Quer dizer, eu havia acabado de aprimorar minha aterrissagem... Estava prestes a saltar de verdade quando Balthazar gritou "Corta!" e tudo parou, e, bem, por isso ainda não consegui saltar. Mas acontece que estou pronta. Sei exatamente o que fazer, por isso não deve demorar muito. Então, com isso em mente, eu estava aqui me perguntando: "E agora?". Pode me encaixar rapidinho? Posso voltar amanhã? Em caso positivo, posso ser a primeira da fila?

Ele olhou para mim e disse com a voz brusca e apressada:

— Você pode colocar seu nome na lista de espera. Balthazar a atenderá quando puder. E então foi embora.

Eu o chamei. Disse que precisava de um pouco mais de informação. Mas não adiantou. As palavras nunca chegaram a ele.

Então fiz a única coisa que podia: acenei para Buttercup e também seguimos para o portão. E embora eu tentasse sorrir e agir com alegria em consideração a Mort, a verdade é que me sentia vazia. Mais do que um pouco devastada. Nada disposta a acreditar que minha grande chance acabara — *puft!* — *de uma hora para outra*.

— E então? Como foi? — Mort se abaixou para acariciar Buttercup, que cheirou e lambeu seus dedos com entusiasmo. — Aprendeu a saltar? O que achou? Falou com sua irmã? Saí pelo portão a passos arrastados, tentando responder a suas perguntas da melhor maneira possível. Mas eu estava desanimada. E antes que estivéssemos longe, bem, um pensamento totalmente novo me ocorreu.

Foi apenas um lampejo, que era o máximo que eu podia arriscar, já que não tinha ideia de como proteger meus pensamentos de outras pessoas. Mas basicamente pensei que, como eu havia me esforçado tanto para conseguir — como havia feito tudo o que tinham me pedido —, bem, eu merecia receber o que eu queria. Eu não pretendia ir embora, não pretendia ir a lugar algum até

conseguir meu salto em sonho. De jeito nenhum eu iria para o fim de uma lista de espera qualquer — não mesmo. Esse tipo de coisa não servia para mim.

— Eu... — Tentei não engolir em seco, não ficar inquieta nem dar vazão a um tique nervoso que pudesse fazer Mort e Buttercup suspeitarem que uma grande mentira estava vindo. — Eu... hum, esqueci uma coisa. Esqueci meu... — Eu quase disse suéter, mas no último segundo lembrei que Ever havia esquecido seu suéter azul da colônia de férias das líderes de torcida de PineconeLake no dia em que todos morremos. Que meu pai deu meia-volta para buscá-lo e então um cervo apareceu à nossa frente, o carro saiu da estrada, e o restante, como dizem, é história. Por isso eu apenas comentei: — Eu esqueci meu bracelete. Meu bracelete prateado com pingentes. Acho que deve ter caído quando...

— É só materializar outro — disse Mort com um tom de voz um pouco irritado, talvez até impaciente. Agora que havia feito seu salto em sonho, ele estava pronto para pegar o trem e seguir em frente. — Sabe fazer isso, não sabe? É só fechar os olhos, visualizá-lo e...

Buttercup olhou para mim com a cabeça inclinada e os olhos bem abertos, como se estivesse sintonizando meus pensamentos escusos.

Então sacudi a cabeça, resmunguei algo sobre o bracelete ser único, ter pertencido à minha irmã e não poder ser substituído tão facilmente. Eu disse a Mort para não se preocupar comigo. Disse a Buttercup para não me esperar. Garanti a eles que ficaria bem, pegaria o trem seguinte ou até mesmo voltaria voando. De qualquer forma, encontraria o caminho. Eu tinha algumas ideias de onde começar a busca. Poderia demorar um pouco, mas eu tinha certeza de que o encontraria. Não havia motivo para me esperarem. Eu os alcançaria depois.

E, então, antes que eles pudessem me impedir, corri. Corri o mais rápido que pude.

Cruzei o portão enquanto o guarda estava de costas e passei pelo caminho de concreto, pelo gramado, até chegar ao asfalto.

Fui direto para o estúdio sem olhar para trás.

14

Enquanto todos os estúdios que eu conhecia no plano terreno eram equipados com os sistemas mais avançados de segurança (eu sabia disso devido ao tempo que passara nos sets de filmagem, espionando os atores, antes de cruzar a ponte e chegar Aqui), em Aqui&Agora não havia necessidade desse tipo de medida.

Tudo funcionava pelo sistema de honra.

Em primeiro lugar, ninguém realmente roubaria nada quando tudo o que existia podia ser facilmente materializado.

Além disso, caso você ainda não tenha percebido, Aqui&Agora não é mesmo o tipo de lugar onde há muitos crimes.

Em geral, as pessoas Aqui fazem a coisa certa.

Elas querem aprender, crescer e melhorar.

Querem brilhar mais forte para subir o máximo de níveis possível.

E foi por isso que para mim foi tão fácil entrar de novo.

Mas foi por isso também que me senti terrivelmente culpada por ter sido tão bem-sucedida.

Mas a sensação de culpa não durou tanto assim. Eu precisava fazer um salto em sonho. Não tinha tempo para me envergonhar.

Eu precisava seguir em frente. Precisava encontrar um jeito de ter treze anos. Não podia mais esperar — a necessidade era muito grande.

Fui em direção ao estúdio, pensando em reencenar tudo o que Balthazar havia me ensinado. Eu ficaria em silêncio, quieta, sintonizaria o padrão de energia de Ever, sua marca, e veria o que ia acontecer.

Talvez eu não tivesse acesso a todos os dublês, maquiadores, figurinistas, acessórios cenográficos etc., mas também não havia nada errado em fazer uma coisa simples.

Curto, carinhoso e simples — isso serviria.

Eu passaria um tempinho com minha irmã, conseguiria algumas boas dicas e encontraria a saída.

Moleza.

Fiquei animada com a ideia. Era bom ter um plano. Ou, pelo menos, era o que eu pensava até tudo ficar escuro.

Escuro mesmo.

Uma escuridão sem luzes, sem brilho, sem nada.

Embora eu não tivesse estado tanto tempo em Aqui&Agora, aquela era a primeira vez que eu vivenciava algo parecido.

Eu não me lembrava de alguma vez ter escurecido. Em todos os lugares, sempre havia luz. Sempre um tipo de irradiação com um brilho suave, dourado e cintilante. E embora eu nunca tenha conseguido identificar a fonte, o brilho era constante, luminoso, como se todo o lugar fosse iluminado por dentro.

A menos, é claro, que alguém quisesse materializar neve, chuva, vento ou outros tipos de tempo ruim (por incrível que pareça, algumas pessoas realmente sentiam falta dessas coisas), mas mesmo nesses casos o evento ficava contido em uma área pequena e definida, que era fácil de evitar enquanto o fenômeno durasse ou até que a pessoa que o havia materializado se entediasse, o que viesse primeiro. E, em um instante, tudo voltava àquele belo brilho suave.

Mas o tipo de escuridão densa, opaca e universal em que eu me encontrava, bem, era algo que eu não via desde os acampamentos no plano terreno com minha família. E, mesmo naquelas ocasiões, tínhamos a Lua. Tínhamos as estrelas brilhando sobre nós.

Mas em Dreamland não havia nada disso. E quando tentei materializar uma lanterna, e depois várias juntas, elas não fizeram quase nenhuma diferença na densa abóbada celeste de veludo preto.

Eu provavelmente deveria admitir agora mesmo que aquele foi o momento em que comecei a me questionar. Eu nunca fui fã do escuro — principalmente daquele tipo de escuridão completa, um tipo que não pode ser desfeito facilmente.

Comecei a ir embora; estava mais do que disposta a desistir e dar o fora dali. A noite parecia tão ameaçadora, tão sinistra, que a ideia de ficar em uma lista de espera muito longa já estava parecendo bastante boa.

Mas estar disposta a sair não significava que eu conseguiria fazer isso. Quando levantei minha mão à altura de meus olhos e mexi os dedos, bem, eu nem sequer conseguia vê-los. Era como se tivesse perdido todos eles.

Incapaz de saber se estava indo na direção certa, comecei a andar em passos curtos e tímidos. E não parei de me criticar por ter mandado Buttercup ir embora sozinho, por dizer a Mort que eu ficaria bem. Acelerei o ritmo quando o pânico começou a aumentar e me arrependi no momento em que bati de cara contra um muro. Bati com tanta força que tive certeza de que meu nariz semiachatado estava ainda mais achatado.

Fiquei ali parada, com as mãos no rosto e o corpo todo tremendo enquanto tentava conter as lágrimas. Tirei um instante para dar a mim mesma um sermão bem severo, lembrando que medo era para maricas, pânico não levava a nada de bom, e eu não podia me dar o luxo de chorar.

Repeti isso tudo várias vezes até que começasse a parecer real — até que eu começasse a acreditar.

E foi quando eu vi.

Uma centelha de luz minúscula, brevíssima.

Foi rápido.

Fugaz.

Apareceu e sumiu em um instante.

Ainda assim, foi o bastante para me convencer a aguardar pacientemente, em silêncio, com muita esperança de vê-la de novo.

A segunda vez foi tão breve quanto à primeira, mas suficiente para que eu me movimentasse — suficiente para me convencer a dar mais um pequeno passo em sua direção. Eu parava sempre que ficava escuro, depois dava outro passo à frente quando aquele breve raio de luz aparecia, e parava assim que voltava a ficar escuro.

Pareceu uma eternidade até eu chegar. Mas àquela altura eu estava feliz simplesmente por ter conseguido, mesmo sem ter ideia de onde me encontrava.

Fiquei parada do lado de fora do edifício e passei a mão pela parede áspera e rústica. Eu tinha bastante certeza de que aquele não era nenhum dos que eu já havia visitado, e fui tomada por um receio aterrador de que aquele talvez fosse o edifício que eu havia visto certa vez.

Um que parecia antigo.

Em ruínas.

Esquecido, abandonado, apodrecendo a ponto de ser recomendável sua interdição.

E quando a luz piscou novamente, vi de onde ela vinha. Vi que escapava pelas frestas de um espaço coberto de tábuas, onde antes provavelmente havia uma porta.

Aproximei-me pouco a pouco, encostei o rosto nas ripas ásperas e espiei o interior. Fiquei surpresa ao avistar um menino que devia ter mais ou menos minha idade, de cabelos tão louros que eram quase brancos e pele tão pálida que se confundia com o cabelo. E quando ele se virou, quando olhou em minha direção e nos encaramos, vi que seus olhos eram tão profundos e azuis que me lembravam as piscinas da Califórnia.

Com cabelos louros, olhos azuis e rosto incrivelmente pálido, ele não era tão diferente de mim — no entanto, suas feições pareciam tão exageradas, tão impressionantes e inesperadas, que eu não conseguia decidir se ele parecia um anjo...

Ou se era o contrário.

Fiquei paralisada, sem saber o que fazer. Mas, antes que pudesse fazer qualquer movimento, ele já havia pulado da cadeira e caminhado até mim. Alguns pedaços precários de madeira eram tudo o que nos separava. Ele colocou as mãos na cintura e disse:

— Você não deveria estar aqui. — Sua voz era muito mais alta do que eu esperava, e também extremamente séria.

Concordei com a cabeça. Não adiantava negar o que ambos sabíamos que era verdade.

— Ninguém deve ficar aqui depois do fechamento.

Dei de ombros, cruzei os braços e espiei para além dele. Tentei pensar em algo que o fizesse relaxar e me deixar ficar lá por algum tempo, pelo menos até a escuridão acabar.

Mas, assim que mirei em seus olhos, soube que aquelas palavras nunca viriam. Havia algo muito estranho nele, algo que eu não conseguia identificar.

— Normalmente o escuro resolve. É o bastante para afastar qualquer um que esteja perambulando por aqui. É para isso que ele serve, sabe? É por isso que acontece. E, mesmo assim, aqui está você.

Mordi meu lábio e fiz o possível para sustentar o olhar dele.

— Acho que você não se assusta com facilidade, não é?

Endireitei os ombros, reconhecendo o desafio. Ele certamente não imaginava com quem estava lidando, e talvez fosse um bom momento para contar. Ora, talvez eu devesse mostrar a ele.

Fantasmas grandes e malvados eram minha especialidade. Eu já havia lidado com uma boa quantidade deles. Pelo que eu sabia, os realmente terríveis estavam todos vagando pelo plano terreno, então, quão ruim poderia ser esse garoto louro que estava Aqui, ocupando um estúdio velho e abandonado?

Tive vontade de revirar os olhos, mas me contive. Achei que, na melhor das hipóteses, ele era um bobinho pretensioso ou, na pior, realmente achava que podia me assustar.

Claaaro.

— Está bem, já entendi. — Ele me examinou atentamente. — Medo é para maricas, não é?

Olhei para ele e sacudi a cabeça. Estava tão distraída com meus próprios pensamentos que não tinha certeza de que havia escutado direito.

— O quê?

Estreitei os olhos e o estudei — ou pelo menos as partes que as frestas entre as ripas permitiam. Não consegui enxergar muito mais do que uma camisa branca limpa e o tipo de calças, cinto e sapatos que meu pai costumava usar quando tinha reuniões importantes no trabalho. Sacudi a cabeça mais uma vez ao pensar em como alguns desses fantasmas continuavam a se vestir apesar do fato de que podiam materializar o que quisessem.

Mas ele apenas sorriu, removeu algumas tábuas e acenou para que eu entrasse. Fez sinal para eu me abaixar e não bater a cabeça e depois repôs as tábuas no lugar.

— Perguntei se você estava aqui por causa de um sonho — ele disse.

Fiquei parada diante dele, com bastante certeza de que ele não tinha dito aquilo. Mas, pensando que ele poderia ajudar, que se eu fizesse tudo certo talvez ainda conseguisse o que queria, decidi deixar aquela passar.

— Sabe, pensando bem... — Ele fez uma pausa e abriu um sorriso mais largo. — Seria bom ter alguma ajuda por aqui. Que tal me ajudar com meu salto em sonho e depois eu ajudo você com o seu? Combinado?

Ele estendeu a mão, esperando que eu a apertasse.

E foi o que fiz. Ignorei meus instintos e apertei a mão dele.

15

Ele me disse que se chamava Satchel.

Satchel Alexander Blaise III.

E eu fiquei parada diante dele, escutando-o recitar o nome, completamente impressionada.

O nome tinha peso. Soava importante. Como se ele fosse descendente da realeza ou algo do tipo.

Mas Satchel simplesmente deu de ombros e me garantiu que não passava de um nome passado pelas gerações da família até chegar sua vez de tê-lo. Não muito diferente de uma camisa usada.

Garantiu que não significava grande coisa, então eu não deveria dar muito valor ao nome.

Havia assuntos mais importantes.

— *Muito* mais importantes — disse ele.

— É? Como o quê?

Olhei para ele, na esperança de que a resposta pudesse me ajudar a conhecê-lo um pouco melhor, pudesse provar que não havia nada a temer, que ele realmente não era diferente de mim.

Na esperança de que eu pudesse me livrar da sensação irritante e perturbadora que se havia instalado em mim desde que eu entrara no edifício e pegara sua mão.

Mas ele deu de ombros mais uma vez e disse:

— Falaremos disso depois. Primeiro, preciso de ajuda com este sonho.

Ele me levou para o interior do cômodo, e finalmente vi a origem daquela luz estranha que piscava. Havia ali um projetor antigo montado nos fundos e apontado para uma tela grande, velha e manchada, com os cantos amarelados e recurvados e diversos cortes e rasgos ao longo da costura na parte inferior.

— O que é isto? — perguntei.

O cômodo era muito menor do que o lugar em que eu havia praticado os saltos, e fiquei imaginando por que ele usava equipamentos tão antigos e ultrapassados quando podia pegar, ou mesmo materializar, outros novos e mais modernos.

— O novo nem sempre é melhor. — Ele olhou para mim enquanto mexia no punho de suas mangas. — Isto aqui funciona tão bem quanto qualquer outro, e, além disso, é autêntico.

Parei imediatamente, recusando-me a dar outro passo.

— Autêntico para quê, exatamente?

Coloquei a mão na cintura e entortei os lábios, esperando um pouco mais de informação.

Ele bufou e passou a mão no cabelo, ajeitando um penteado que não apenas estava totalmente ultrapassado como parecia ter sido domado com cola e cuspe.

— Autêntico para Dreamland — disse ele. — Isto que você está vendo aqui é todo o equipamento original. É o que se costumava usar antes... — Ele hesitou e, sacudindo a cabeça, decidiu parar de falar.

Mas eu não ia aceitar isso tão facilmente. Se ele precisava de ajuda, eu precisava de respostas, qualquer que fosse o acordo que havíamos acabado de fazer.

Estreitei os olhos e o encarei com a expressão mais séria e dura que fui capaz de fazer. Observei-o suspirar, jogar os braços para o alto e dizer:

— *Isto* é o que eles usavam antes de as coisas mudarem por aqui. É todo o equipamento original que...

E foi quando eu soube. Soube antes que as palavras deixassem seus lábios. Ele olhou em meus olhos e confirmou o pensamento que estava em minha cabeça.

— Isto é o que os tecelões de sonhos usavam nos velhos tempos.

Tecelagem de sonhos.

Segundo o guarda do portão, Mort e principalmente Balthazar, não se fazia mais tecelagem de sonhos por essas bandas. Poxa, eles até tinham me olhado feio só por causa de uma sugestão acidental que eu havia feito.

Contemplei Satchel com os olhos arregalados. Mas ele apenas sorriu, seu rosto radiante, quase angelical, e disse:

— Acredite, depois que você tecer um sonho, nunca mais vai querer saltar de novo.

16

O segredo para a tecelagem de sonhos é utilizar os ingredientes mais orgânicos possíveis. É preciso parecer real e autêntico, ou o sonhador acordará e a mensagem não terá sucesso. Na tecelagem de sonhos, é necessário fazer algo que pareça ter sido criado pelo próprio sonhador, algo que ele nunca imaginaria ter sido criado por outra pessoa. É importante causar uma impressão bastante forte; produzir impacto.

Assenti com um gesto, guardando suas palavras, pensando se deveria materializar um caderninho para anotar tudo, como Balthazar havia feito com meu histórico.

— Não me entenda mal — disse Satchel, acenando para mim com a cabeça. — Você pode usar monstros, dragões, bruxas, magos, fadas, lobisomens... qualquer criatura fantasiosa, contanto que seja real para o sonhador, contanto que faça parte da experiência dele, do mundo dele. Contanto que seja algo em que ele acredite, seja em segredo ou não. Se for real para ele, está valendo. O fundamental é conhecer o sonhador. Saber com o que ele se preocupa... o que deseja... o que teme. Ou, em muitos casos, o que *deixa de perceber*.

Estreitei os olhos, imaginando como ele podia saber tudo aquilo. Mas, assim que concluí esse meu pensamento, ele sorriu e disse:

— Eu estudei com Balthazar.

Eu quase engasguei, e imaginei como aquilo seria possível, já que ele parecia ter a mesma idade que eu. E foi aí que me dei conta: talvez ele tivesse a mesma idade que eu.

Talvez ele tivesse a mesma idade que eu há muito tempo. Talvez não existisse um jeito de crescer e amadurecer.

Talvez Bodhi tivesse mentido só para me fazer calar a boca e parar de reclamar por ter doze anos para sempre.

Talvez estivéssemos mesmo presos.

Talvez eu fosse viver Aqui por toda a eternidade e nada mudaria em mim!

— Eu era seu melhor estagiário — disse Satchel, invadindo meus pensamentos. Mas fiquei feliz pela invasão, pois estava ficando desesperada. — Eu era o melhor assistente de direção que Dreamland já teve...

— E então? Engoli em seco, ansiosa pela continuação da história. Ele deu de ombros e arrumou o cabelo, um gesto que vi ser feito duas vezes no pouco tempo em que o conhecia, e fiquei imaginando se esse era seu tique nervoso.

— E então... — Ele hesitou e agarrou a barra da manga (outro tique?), ficou muito tempo inspecionando-a, fingindo remover um fiapo inexistente. — E então tivemos um desentendimento. — Ele deu de ombros. — Um tipo de... briga, por assim dizer. E agora Balthazar faz o que faz, saltos em sonhos, e eu faço o que faço, tecelagem de sonhos. Acredite, Riley, meu jeito é melhor. Você teve sorte de vir parar aqui. Balthazar tem talento, quanto a isso não há dúvida. O que falta a ele é visão. E para dirigir um sonho, um filme ou até mesmo uma peça apresentada para os pais e o cachorro na garagem de casa...

Ele olhou para mim, e eu me perguntei como ele podia saber aquilo, como podia saber da Dia de Chuva Produções — que é como Ever e eu chamávamos nossa companhia de teatro; chegamos a fazer até panfletos para ela. Mas ele simplesmente sorriu de novo, e eu comecei a relaxar, pensando que muitas crianças provavelmente faziam aquele tipo de coisa. Foi um palpite acertado.

— Enfim — continuou, recuperando minha atenção. — Em qualquer tipo de produção que você for dirigir, visão é tudo.

Olhei para ele, lembrando-me de como Balthazar havia afirmado que a marca era tudo e que a aterrissagem vinha logo atrás. Eles claramente tinham perspectivas bem diferentes.

— O que Balthazar faz é legal, não me entenda mal — continuou Satchel. — E certamente cumpre um propósito, sem dúvida. Mas, como você está prestes a ver, simplesmente não há comparação. O trabalho dele... bem, é um pouco sentimentaloide. Um pouco... bobo. Muitos arco-íris e cachorrinhos sorridentes. É meloso, grudento, cheio de coisas felizes. Sentimental demais, de um jeito extremamente óbvio. — Ele fez uma careta, deixando clara sua opinião, sua discordância. — Não é nem um pouco tão importante quanto o trabalho que faço aqui. O mesmo trabalho que você logo vai fazer também. O que eu faço muda vidas, Riley. Depois de um de meus sonhos... bem, digamos apenas que a vida do sonhador nunca mais é a mesma. Ele começa a ver seu lugar no mundo de um modo totalmente novo.

Olhei para ele, imaginando se Balthazar sabia que ele estava aqui, imaginando se alguém sabia que ele estava aqui.

— Então, que tal começarmos? — disse ele, sem me dar tempo de responder antes de continuar. — Ah, e fique sabendo que não há saltos em sonhos aqui. Não é necessário. O que eu faço dá conta de tudo.

— E como você faz? — perguntei, mais intrigada do que qualquer coisa.

Meu olhar acompanhou a curva de seu braço até a ponta do dedo fino e pálido que apontava para um palco escuro e vazio diante da tela manchada.

— Para começar, você precisa ir até ali. Fique em sua marca. Você a verá quando chegar lá. E então eu ligarei o projetor e você meio que... interage. Lembra como fez no salto em sonho? Bem, essa parte é igual. Simplesmente

continue atuando, haja o que houver. Fique no personagem até eu mandar parar. Combinado?

Ele olhou para mim, fitou-me bem nos olhos, e só fui capaz de balançar a cabeça concordando.

Era a segunda vez que ele usava a palavra "combinado". E embora eu tenha gostado ainda menos do que na primeira vez, por alguma razão não hesitei em fazer o que ele disse. Era como se o mero olhar dele me fizesse prosseguir. Como se eu não controlasse mais minha própria vontade. Ainda mais estranho, porém, era o fato de que eu parecia não me importar. Eu só queria agradá-lo, receber uma boa crítica.

— Assim? — perguntei, com a voz um pouco alta demais, o sorriso um pouco brilhante demais. — Este é o lugar certo? — Eu sabia que era. Havia um xis marcado. E ainda assim eu não conseguia deixar de buscar sua aprovação, mesmo se precisasse suplicar um pouco.

Ele fez que sim com a cabeça, contraiu o rosto em profunda concentração enquanto olhava para mim pelo visor de uma câmera e disse:

— Agora, lembre-se, é como Balthazar ensinou. Simplesmente interaja com a cena em que estiver. Adapte-se e misture-se ao que eu colocar para você, qualquer que seja a situação. Apenas faça o que for preciso para garantir que o sonhador também fique na cena. A última coisa que queremos é que ele acorde antes que o sonho termine. Há uma mensagem muito importante agregada, eu não fico inventando essas coisas para me divertir, sabe? Mas é fundamental que eles vivenciem o sonho inteiro. É fundamental que eles não acordem antes da hora. Caso contrário, a mensagem se perderá.

Concordei, olhando para baixo, tomando cuidado para que meus pés não saíssem da marca. Então, voltei os olhos para a tela e me concentrei o máximo possível. Com o corpo tenso, os sentidos em alerta, esperei que uma imagem aparecesse, esperei pelo sinal para começar.

Os primeiros sons que ouvi foram o estalo e o zunido da bobina de filme girando. Então a tela ficou totalmente escura, mas só por um segundo, e logo voltou a se iluminar, mostrando a imagem de um índio velho, usando cocar, em cima de uma série de círculos com vários números aparentemente aleatórios. Estreitei os olhos, tentando lembrar onde tinha visto aquilo pela última vez, e então lembrei que era uma antiga tela de teste de tevê. Lá no plano terreno, o irmão de minha amiga Emily tinha uma camiseta com essa mesma imagem.

E aí, de *repente,* a tela brilhou com um show espetacular de raios e trovões, e eu fiquei ali, admirada, feliz por assistir e bastante grata por aquilo ter permanecido na tela e não estar chovendo de verdade em mim.

Mas, infelizmente, o pensamento fora prematuro, e quando vi estava chovendo para valer. Como se eu passasse por um lava-rápido em um conversível com a capota arriada, uma chuva torrencial me deixou completamente ensopada.

Quando as luzes acima de mim começaram a chiar e estalar, com as lâmpadas estourando e soltando faíscas como se pudessem me eletrocutar,

joguei-me no chão e abaixei a cabeça. Fiz de tudo para me proteger, segurando as mãos com força para cobrir a cabeça, repetindo mentalmente os fatos que conhecia: Aqui&Agora não funcionava com eletricidade. Aquilo era apenas algum tipo de efeito especial, parte do sonho que Satchel estava tecendo, e nada poderia me machucar.

Olhei para ele, ciente de que não se deve olhar para a câmera, muito menos para o diretor, no meio da gravação de uma cena, a menos, é claro, que se receba tal instrução. Mas ainda assim olhei na direção dele, tentando enxergar em meio à água jorrando à minha volta, na esperança de receber alguma orientação, alguma aprovação — procurando por um indício de qual seria o propósito daquela cena e por quanto tempo eu precisaria suportar a situação —, mas nada consegui.

Satchel estava concentrado. Ele havia se afastado do projetor e ido para trás de um computador grande e antigo, em que batia furiosamente no teclado. Ele estava me ignorando — sua falta de atenção fez eu me sentir muito triste e vazia.

Eu queria que ele notasse, que aprovasse minha atuação, que aplaudisse meu esforço. Queria que ele me escalasse para todas as suas produções seguintes, que me desse o papel principal. Eu queria muito, muito, muito que ele tivesse orgulho de mim.

Mas não tinha ideia do motivo.

Minha mente começou a refletir, imaginando por que razão valeria a pena me molhar toda pela aprovação de um garoto esquisito. E assim que comecei a me dar conta, questionando o motivo de estar ali, imaginando se não seria melhor ir embora, ouvi uma respiração ofegante.

Pesada, frenética, lastimosa e ofegante.

Um segundo depois, percebi que vinha da menina que corria em minha direção.

A menina que vinha correndo em minha direção com roupas imundas e rasgadas, cabelos molhados escorridos e uma expressão de terror no rosto.

Preparei-me para gritar. Decidi que faria o papel de boa samaritana — ou até mesmo de heroína. Diria a ela que não se preocupasse, que eu estava ali para ajudar. Mas, assim que abri a boca, as palavras ficaram presas na garganta.

Grudadas.

Emboladas.

Como um ralo entupido de sujeira.

Meus dedos dos pés estavam afundando. Eu já não tinha mais sapatos. Tudo havia mudado.

Tudo. Mesmo.

Eu não estava mais em um palco. A madeira pintada de preto que um momento antes me sustentava havia se transformado em algo muito diferente, algo que vi certa vez em um filme muito antigo.

Arenoso, encharcado e pantanoso... Eu imediatamente reconheci a areia movediça. E sabia que, se não fosse rápida, ela logo me engoliria.

Com o grito ainda entalado na garganta, fiz o possível para correr. Mas cada passo adiante era um esforço inútil. A areia era muito fluida, muito profunda. Estava me puxando para baixo — sugando-me, tentando entrar em meu nariz e minha boca.

Mas, se eu achava que minha situação estava ruim, bem, não era nada comparada à da menina. Ela não apenas estava afundada até o pescoço, mas também um grupo inteiro de jacarés havia aparecido do nada. As mandíbulas poderosas deles abriam e fechavam como se estivessem em aquecimento, como se estivessem se preparando para devorá-la.

Livrei um braço da lama e avancei na direção dela, estimulando-a a se inclinar para mim, a fazer o possível para segurar minha mão. Tentei sorrir, tentei acenar com a cabeça para encorajá-la, dar-lhe um motivo para lutar, para não desistir sem antes esgotar todos os recursos. Observei-a jogar o corpo em minha direção enquanto os jacarés avançavam, batiam os dentes, mordiam o ar, na esperança de substituí-lo logo por pedaços dela.

E, então, justamente quando ela chegou perto, quando nossos dedos se tocaram e ela agarrou minha mão, uma chama ardente passou por seu corpo, e não tive escolha além de soltá-la.

Não pude evitar... meio que aconteceu... foi um reflexo... não foi minha culpa! E quando tentei alcançá-la de novo, era tarde demais.

Ela já havia ido.

Os jacarés a haviam tomado.

Minha garganta se liberou. O grito, finalmente solto, ecoou por todo lado até que fiquei rouca e ele se apagou. E bem quando eu estava prestes a renová-lo, na esperança de que alguém me ouvisse e me ajudasse, abri os olhos e vi que tudo havia mudado mais uma vez. A chuva havia cessado.

A areia movediça, desaparecido.

E eu me vi em um gramado recém-cortado, sendo ridicularizada por um pequeno grupo de adolescentes por ter gritado feito louca.

Eu me afastei, me retraí, me refugiei nas sombras para que eles não pudessem me ver mais, embora eu pudesse vê-los. Dei uma olhada rápida à volta e fiz o possível para avaliar a nova situação em que me encontrava. Lembrei-me do que Satchel havia falado: o que quer que acontecesse, eu precisava prosseguir, esse era o único jeito de enviar a mensagem.

Eu estava em um parque. Em um parque à noite, o que significava que as crianças pequenas já haviam ido embora, já estavam em casa, abrigadas na segurança de suas camas, enquanto um grupo de adolescentes rebeldes tomava conta do lugar, sujando o tanque de areia com bitucas de cigarro e fazendo desenhos grosseiros no escorregador.

Eram o tipo de adolescente que eu nunca tive vontade de ser, que sempre fiz o possível para evitar, de quem eu me esforçava muito para manter distância sempre que os via em meu antigo bairro na volta da escola.

O tipo de adolescente que arrumava confusão, não ouvia ninguém, "desprezava autoridade", como diria minha mãe.

O tipo de adolescente que praticamente estragava tudo para todos os outros.

E mesmo sabendo que meu trabalho era dar um jeito de me encaixar, me misturar, tudo o que eu queria era ficar longe deles.

Eu me retraí no escuro, agachada perto dos banheiros, na esperança de que aquele meu grito infeliz fosse suficiente para assustá-los.

Pelo menos por algum tempo funcionou.

Até que o jipe grande sem motorista acendeu os faróis e tentou nos atropelar.

Eu corri.

Todos correram.

Mas não fomos muito longe. Diferentemente do sonho anterior, nesse, meus pés não afundaram, mas ficaram grudados. A grama recém-cortada se transformou em uma gosma verde grudenta e pegajosa que prendeu a sola de nossos sapatos, recusando-se a nos soltar, recusando-se a nos libertar. Mesmo os que tiraram os sapatos não se deram muito bem — simplesmente substituíram a sola dos sapatos pela sola dos pés.

Tudo o que eu podia fazer, tudo o que qualquer um de nós podia fazer, era ficar olhando impotentemente para os faróis do carro enquanto ele passava por cima de nós.

No momento do impacto, houve um incrível lampejo de luz brilhante, e de repente eu estava em Paris, uma cidade que sempre quis visitar. Mas em vez de fazer turismo e subir de elevador ao topo da torre Eiffel, eu estava me afogando no rio Sena, junto com um grupo de adolescentes desocupados.

E, do nada, eu estava no Brasil, mas, em vez de passar um belo dia me bronzeando sob o sol, eu estava sendo assada de verdade — uma menina, dois meninos e eu estávamos em chamas em uma praia do Rio de Janeiro.

Tive pesadelos sobre os lugares mais exóticos. Lugares que sempre quis visitar. E assim que comecei a desejar minha casa, fui atendida. Eu estava na escola — minha antiga escola —, em pé diante de minha antiga turma. E quando olhei para meu corpo, sem saber por que os alunos estavam todos apontando para mim e rindo, bem, descobri que eu havia me esquecido de me vestir.

Fiquei paralisada, pensando que morreria bem ali de tanta vergonha — mas um segundo depois eu já estava usando um vestido roxo bonitinho, que eu definitivamente aprovei. Sentada em uma carteira naquela mesma sala, eu me concentrava ao máximo no papel à minha frente — parte de uma prova muito importante, que valia nota —, incapaz de ler, muito menos de responder, qualquer uma das perguntas. Todas as palavras nadavam diante de mim num grande borrão indistinto.

Ergui a mão e estava prestes a perguntar se poderia pegar uma prova nova, explicar que havia algo errado com a minha, quando vi que minha professora tinha rosto de palhaço e corpo de uma viúva-negra. Seus oito braços e pernas me prenderam em sua teia, e ela olhava para mim como se eu fosse o jantar.

Eu gritei.

Esperneei.

Lutei o máximo que pude — mas não adiantou nem um pouco.

Fui devorada por insetos.

Fui enterrada viva.

Fui perseguida por zumbis que empunhavam facas e queriam lanchar meu cérebro.

Cada cena era diferente — mas no fim era tudo a mesma coisa. Sempre que um pesadelo terminava, um novo aparecia. Era um ataque após outro — uma experiência assustadora rapidamente sucedida por outra.

Alguns eram temores comuns, outros eram horrendos, mas todos penetraram a parte mais profunda de meu ser.

Eu já havia morrido uma vez na vida real — mas, enquanto fiquei naquele palco, morri muitas outras, de formas muito piores.

E a pior parte era que não havia nada que eu pudesse fazer para impedir aquilo. Nada que eu pudesse fazer para acabar com os pesadelos.

Eu só podia continuar.

Só podia me misturar.

Atuar para valer e deixar o sonhador decidir quando parar.

Estava tão aterrorizada pelas circunstâncias que levei um tempo para perceber que, na verdade, não havia nenhum sonhador.

Nas últimas cinco cenas eu era a protagonista.

Mas não importava o quanto eu gritasse, o quanto eu lutasse para sair do personagem, para "acordar", não importava o quanto eu arriscasse a opinião de Satchel sobre mim — nada fazia a menor diferença.

Os pesadelos continuavam a se suceder.

O projetor continuava a zunir.

E cada nova cena em que eu era jogada era pior que a anterior.

Eu estava aprisionada.

Presa em uma dança eterna.

Vivendo a história sem fim de todos os piores pesadelos conhecidos pelo homem.

17

Qualquer que fosse a influência que Satchel tinha sobre mim, ela já não existia mais havia muito tempo.

Ele tinha conseguido exatamente o que queria — não era mais necessário me controlar.

Eu estava abandonada.

Sozinha.

Presa na teia de sua tecelagem assustadora. E a ironia era que, com meu livre-arbítrio totalmente restaurado, eu não tinha como exercê-lo. Não tinha como me libertar.

Eu era uma prisioneira. Completamente à mercê de qualquer resquício de misericórdia que Satchel pudesse ter. Mas, bem no fundo, eu sabia que era inútil nutrir qualquer tipo de esperança.

O lugar onde Satchel poderia guardar qualquer misericórdia era tão estéril quanto o lugar em que eu me encontrava.

E não havia como negar que eu era a única culpada.

Eu ignorara meus instintos, colocara tudo de lado para ir atrás de meus próprios objetivos egoístas. Não estava disposta a jogar segundo as regras, a esperar minha vez, então havia ignorado tudo o que tinham me dito e corrido a toda na direção de minhas próprias ambições, meus próprios planos, determinada a fazer de meu jeito. E lamento admitir que aquela não tinha sido a primeira vez.

Nem de perto.

Se meu único objetivo verdadeiro era encontrar um jeito rápido e fácil de progredir e completar treze anos, no fim das contas só consegui fazer o oposto: transformei-me em uma garotinha assustada.

Desde o momento em que peguei na mão de Satchel — desde o momento em que nossas palmas se apertaram —, eu havia firmado não apenas nosso acordo: havia selado também meu destino.

Sem nem perceber, havia permitido que Satchel tomasse o controle de minha sorte.

Os pesadelos continuaram, e não demorou muito até eu me ver no conhecido "pesadelo de queda" — despencando por um abismo profundo e escuro, debatendo-me, girando em um poço infinito de escuridão. E eu não conseguia decidir o que era pior: ter feito tudo para agradá-lo, para receber sua

aprovação, ou precisar enfrentar a percepção repentina de que estava presa, a consciência incontestável da grande confusão em que havia me metido.

Fechei os olhos, cruzei os braços e decidi parar de lutar — simplesmente deixei acontecer o que quer que fosse. Em meu trabalho como Apanhadora de Almas eu já havia lidado com meninos-fantasma ameaçadores e sabia que o comportamento assustado que eu estava demonstrando apenas piorava a situação — apenas alimentava a diversão deles.

Por algum motivo, Satchel, assim como os outros, sentia uma espécie de prazer doentio em assustar pessoas — qualquer pessoa, tanto pobres sonhadores vulneráveis quanto eu.

Medo.

Era disso que se tratava. Satchel era movido pelo medo e estava determinado a me deixar com medo também.

A melhor maneira de encerrar aquilo, a melhor maneira de acabar de vez com a graça dele, era me recusar a participar. Eu só esperava que não demorasse muito para que ele se cansasse do jogo.

Resisti. Qualquer que fosse o monstro que ele escolhesse para me ameaçar, simplesmente mantive os olhos fechados, os braços cruzados e me recusei a participar. E, depois de algum tempo, depois de um bom tempo, muito mais tempo do que eu esperava, ele parou.

Parou o projetor, parou tudo, até eu ficar sozinha no palco e, por estranho que pareça, ainda bem em cima de minha marca, enquanto ele estava diante de mim, sustentando um olhar grave e sinistro.

E quando ele acendeu as luzes de cima, bem, foi quando eu vi.

Foi quando eu enfim consegui identificar exatamente o que havia nele de tão esquisito.

Ele não tinha brilho.

Não tinha brilho nenhum.

Na verdade, não apenas lhe faltava o brilho — era muito pior que isso.

O espaço ao redor dele, o lugar onde o brilho deveria estar, era uma ausência total de luz — resultando em um véu escuro e turvo pairando à sua volta.

Eu me retraí de medo. Depois, ao perceber o modo como o véu escuro e turvo começou a se expandir e se intensificar, eu me recompus. Era exatamente meu medo que dava força a ele. E, se eu quisesse superar aquilo, teria que me recusar a reagir ao que quer que viesse em seguida — assim como havia feito nos últimos pesadelos em que fora lançada.

Coloquei as mãos na cintura, olhei para ele e disse:

— E então, Satchel, o que é? Qual é o lance dos pesadelos? É assim que você se diverte, assustando paca crianças inocentes enquanto elas dormem?

Ele me olhou, fazendo cara feia, com um brilho nos olhos azuis:

— Você acha que sabe tudo! — gritou ele. — Você se acha muuuito esperta, não é?

Comecei a responder, negando que fosse verdade, mas o fato é que aquela não era a primeira vez que eu era acusada daquilo. Bodhi havia falado praticamente a mesma coisa — em mais de uma ocasião. Então permaneci quieta e decidi deixar Satchel terminar o falatório sem nenhuma interrupção de minha parte.

— Você não entende. Você não entende mesmo! Ninguém entende. Mas isso não é problema meu, nem culpa minha. — Ele enfiou as mãos nos bolsos, andando em círculos até parar e me encarar novamente. — Eu estava fazendo um bom trabalho. Estava realmente mudando vidas. Fazendo uma grande diferença na forma como as pessoas se comportavam, nas decisões que elas tomavam. Mas aí...— Ele hesitou, fez uma careta, esfregou a mão nos cabelos lambidos. — Mas aí os... os poderosos, o Conselho... — Ele pronunciou a palavra com um tom de desprezo. — Eles não gostaram. Não aprovavam. E, de repente, a tecelagem de sonhos passou a ser malvista, e os saltos entraram na moda. — Ele bufou, sacudiu a cabeça, fez cara de quem ia dar uma baita escarrada, mas, no final, apenas me encarou. — Mas eles não podem me impedir. Ninguém pode. Podem impor um horário de fechamento, deixar este lugar escuro e nem um pouco convidativo, mas não podem me impedir de fazer o que faço de melhor. Você sabe que ninguém virá procurá-la, não é, Riley? Sabe que não há nenhum cavaleiro andante pronto para resgatá-la do grande vilão malvado. Nada é proibido Aqui. Nada. Mesmo. Nós progredimos, se é assim que prefere chamar — disse ele, revirando os olhos —, em nosso próprio ritmo. E alguns optam por não progredir nada. Não se pode obrigar alguém a fazer algo Aqui. O livre-arbítrio reina, e eu estou exercendo o meu.

Além de uma piscadela nervosa, não me permiti qualquer reação. O que ele havia falado era verdade. Ou, pelo menos, a parte sobre ninguém forçar ninguém a fazer nada. Eu sabia disso devido a meu trabalho como Apanhadora de Almas. Eu não podia expulsar um fantasma do lugar que ele queria assombrar, nem empurrá-lo fisicamente pela ponte a fim de riscá-lo de minha lista (embora com certeza houvesse momentos em que eu ficava tentada). Tudo o que eu podia fazer era conhecê-los, construir algum tipo de confiança e depois encontrar uma forma de *persuadi-los e convencê-los* a seguir para o lugar a que pertenciam de verdade.

E era exatamente isso o que eu precisava fazer com Satchel.

Eu precisava tratá-lo como a alma perdida que ele era.

Talvez ele tenha cruzado a ponte, mas, ao que parecia, não era suficiente. Pelo que dissera, ele havia passado bastante tempo fazendo esse tipo de coisa, e cabia a mim impedi-lo.

O pensamento girou em minha cabeça.

Cabia a mim impedi-lo!

Com certeza Satchel estava na lista de pendências do Conselho, e se eu conseguisse encontrar um jeito de fazer com que ele parasse de aterrorizar as pessoas — se eu conseguisse encontrar um jeito de fazê-lo ter uma existência

melhor, mais produtiva, bem, então eu com certeza ganharia muitos parabéns e elogios, e talvez mais que isso...

Que jeito melhor de conseguir o que eu queria?

Que jeito melhor de fazer meu brilho aumentar?

Eu reduziria ou eliminaria os pesadelos que chegam ao mundo, o que, por sua vez, me deixaria muito mais perto de meu único objetivo.

Os treze anos finalmente estavam a meu alcance.

Eu só precisava entrar na cabeça dele. Descobrir suas razões para o que fazia.

Todo mundo é movido por alguma coisa. Ninguém age só por agir. Sempre há uma razão, algum tipo de motivação. Pressão social, vingança, desejo de dominar o mundo ou de fama, o que seja... a motivação é o combustível que acende a chama, a força motriz por trás de quase tudo. Eu só precisava saber qual era a motivação de Satchel e então desmontá-la o quanto antes, mostrar a ele todas as razões pelas quais aquilo simplesmente não funcionava.

— Então, diga-me, como exatamente você está mudando vidas ao assustar as pessoas? — perguntei, na esperança de obter um vislumbre do interior daquela cabeça doentia e distorcida.

Satchel olhou para mim com uma expressão franca, simples, mas, prestando atenção, era possível ver que seus olhos azuis borbulhavam sob a superfície.

— As pessoas não sentem medo suficiente — disse ele.

Estreitei os olhos, pensando em tudo o que me dava medo: palhaços, aranhas, areia movediça, ir à escola nua por acidente... ele praticamente havia acertado tudo. Só havia deixado de fora dentistas e, isso mesmo, cobras, mas eu não pretendia contar isso a ele. Satchel continuou:

— As pessoas agem com displicência. Correm riscos desnecessários. Acham que viverão para sempre, então, não dão valor à vida. Ignoram o fato de que o mundo é extremamente perigoso.

Embora ele tentasse parecer calmo, era visível que estava ficando agitado. Dava para ver pelo modo como seus dedos mexiam na ponta do cinto e sua boca se torcia para os lados.

Então mantive a voz calma, baixa, sem querer aumentar seu nervosismo, e disse:

— É mesmo? — Cocei o queixo, como se estivesse realmente pensando em suas palavras. — Porque eu não sei se vejo as coisas assim.

Sua expressão endureceu, e ele disse, com um tom arrogante:

— Ah, é? Então me deixe fazer uma pergunta: como você morreu? Como veio parar Aqui?

Ele arqueou as sobrancelhas, desafiando-me.

Dei de ombros, recusando-me a ficar chateada.

— Acidente de carro — respondi. — São muito comuns, sabe.

Ele sacudiu a cabeça e me encarou como se eu fosse muito estúpida para ser levada em conta.

— Só porque são comuns não significa que precisam acontecer. — Ele arrastou os pés, balançando para á frente e para trás diante de mim. — As pessoas não prestam atenção. Elas se distraem com coisas idiotas! Mexem no rádio, procuram coisas caídas debaixo do banco. As mulheres passam maquiagem, os homens se barbeiam. E agora, desde que inventaram os telefones celulares... — Ele revirou os olhos e suspirou. — As pessoas chegam a enviar e-mails e mensagens de texto! Fazem tudo isso quando deveriam estar olhando para a rua, apenas para a rua. *Nunca, nunca* se deve tirar os olhos da rua! *Haja o que houver!*

Sua voz ficou mais alta, mais firme à medida que ele se aproximava do fim do discurso. Parecia até que aquelas últimas palavras não pertenciam a ele — como se ele as tivesse conseguido de outra fonte.

Uma fonte que talvez fosse à chave, mas, antes que eu pudesse chegar a isso, ele me perguntou:

— Diga-me, quem estava dirigindo no dia em que você morreu?

— Meu pai — respondi, quase sussurrando.

— *E*... o que aconteceu?

Enchi a boca de ar, inflei minhas bochechas e soltei um assobio longo e lento.

— Um cervo passou correndo na frente do carro. De repente, estávamos todos mortos. Bem, menos minha irmã. Ela morreu por um instante, mas depois encontrou o caminho de volta à vida. É uma longa história.

Dei de ombros, fazendo o possível para me ater aos fatos e não deixar vazar nenhuma emoção que eu pudesse ter sentido na época.

Ele fez um gesto impaciente com a mão. Não estava interessado nesse tipo de detalhe.

— O que eu quis dizer é, naquele último segundo, bem antes do impacto, *o que aconteceu?*

Seus olhos fitavam os meus profundamente.

Pensei durante um momento, ou pelo menos fingi pensar. A verdade é que eu havia repassado a cena tantas vezes em minha cabeça que ela estava sempre de prontidão, nem um pouco difícil de localizar. Embora eu não estivesse disposta a compartilhar aquilo com ele, sabendo que seria entregar um cenário perfeito para ser usado contra mim, eu disse assim mesmo. Imaginei que um pouco de sinceridade de minha parte só construiria confiança, ou pelo menos era isso o que eu esperava.

— Eu estava brigando com minha irmã. — Olhei diretamente para ele. — Meu pai deu uma olhada no retrovisor, eles se encararam, e então, alguns segundos depois, o cervo apareceu e... foi isso. Aconteceu bem rápido.

Satchel fez um sinal com a cabeça como se eu tivesse acabado de provar seu argumento.

— Viu? Você o distraiu.

Suas sobrancelhas pálidas se ergueram e ele me lançou um sorriso repulsivo e triunfante.

— Então você está sugerindo que foi minha culpa? — Tentei manter a voz calma, tentei aplacar a raiva fervente que crescia lentamente dentro de mim. — Quer dizer, é sério, você realmente está me *culpando* pelo que aconteceu com minha família?

Satchel olhou para as mãos e conferiu as unhas. Ele havia falado tudo o que precisava. O estrago estava feito.

— Talvez algumas coisas simplesmente tenham que acontecer. Talvez elas aconteçam haja o que houver. Já parou para pensar nisso?

Fiz cara feia para ele, lembrando-me de como minha irmã, Ever, sofria, culpando a si mesma por nossa morte, e como eu finalmente a tinha convencido dessas coisas que havia acabado de dizer, como aquelas palavras serviram para libertá-la, mesmo que ela não acreditasse totalmente nelas.

Mas Satchel não se impressionou. Recusou-se a ver as coisas de meu jeito.

— Talvez sim. Talvez não — disse ele. — Só sei que os sonhos que eu teço fazem as pessoas acordarem. Os sonhos que eu teço ajudam as pessoas a serem cautelosas. Fazem com que pensem duas vezes. E, apesar do que você acha, nenhuma daquelas crianças é inocente. A menina que foi comida pelos jacarés? — Ele olhou para mim. —Faz coisas com o namorado perto do pântano que ela sabe que não deveria fazer. Coisas ruins. Coisas perigosas. Coisas sobre as quais ela foi alertada pelos pais. Mas agora, depois do sonho que eu teci, ela pensará duas vezes em seus atos. Não fará esse tipo de coisa de novo. — Ele deu um sorrisinho satisfeito e continuou: — E aqueles meninos no parque? Eles ficam lá quase todas as noites, bebendo, fumando e se metendo em brigas. Eu mandei aquele sonho ao grupo todo e garanto que, assim que falarem sobre isso, assim que trocarem impressões e se derem conta de que todos viram a mesma cena, ficarão tão assustados, e com razão, que pararão com toda a baboseira, pararão de maltratar o próprio corpo, pararão de arruinar a vida dos outros e viverão de um jeito melhor. Se não, bem, então eu simplesmente continuarei perseguindo todos eles. Ficarei tecendo sonhos exclusivamente para eles, até que finalmente entendam ou acabem Aqui antes da hora, o que acontecer primeiro. E o mesmo vale para todo mundo.

Ele fez uma pausa, dando-me oportunidade de reagir, mas eu permaneci muda.

— Estou fazendo um bom trabalho aqui, Riley. Um trabalho pelo qual eu deveria ser recompensado. Mas algumas pessoas têm a visão muito estreita para enxergar o valor disso. Você tem sorte de ter me conhecido, sabe? Pode já estar morta, então não tem mais como evitar isso, mas é incauta. Acha que é muito mais esperta do que realmente é. Acha que sabe mais do que todo mundo. E, bem, pense assim, talvez eu esteja aqui para salvá-la de si mesma. — Ele riu, mas o som era tão desagradável, tão seboso, que não pude evitar me retrair. — Quer dizer, pense nisso. Pense em tudo o que acabei de dizer. Não foi por isso que você veio parar aqui? Não foi isso que fez você entrar escondida em Dreamland mesmo depois da hora de fechamento? Mesmo depois de tudo o que lhe disseram?

Ele fez uma pausa.

Eu dei de ombros.

Havíamos claramente chegado a um impasse.

Até que ele disse:

— Diga-me, Riley. Conte a verdade. Estou curioso. Depois de tudo o que você passou aqui, ainda acha que medo é para maricas?

Seus olhos fitaram os meus. Fitaram como antes: penetrantes, hipnóticos, querendo que eu buscasse sua aprovação, fizesse o que fosse preciso para agradá-lo, para atender a seu comando.

E embora aquilo não funcionasse mais, quando tentei fugir, bem, foi então que percebi que o pesadelo não havia realmente terminado.

Meus pés estavam pregados no palco, e meus lábios estavam grampeados.

18

Qual é a sensação de saber que ninguém virá buscá-la?

Satchel sorriu. Juntou-se a mim no palco e começou a me rodear lentamente para me observar melhor.

— Qual é a sensação de saber que está presa aqui? Isso não faz com que sinta, ah, não sei, medo, talvez?

Com a boca ainda grampeada, eu não tinha como responder. Mas não era uma resposta o que Satchel queria ouvir. Ele queria me provocar.

— Sabe, faço isso há muito tempo e devo dizer que você é um dos sonhos a tecer mais desafiadores que já tive.

Ele ficou diante de mim, com os olhos arregalados como se eu finalmente tivesse conseguido impressioná-lo. Pena que eu não ligava mais para isso.

— Para sua informação, nem sempre lidei com pesadelos. Eu costumava deixar as pessoas enviarem a mensagem que quisessem, quer eu aprovasse ou não. Eu fazia meu trabalho, fazia o que o cliente e Balthazar queriam. Mas um dia cansei daquelas mensagens encorajadoras bobas sussurrando frases como "Aproveite a vida ao máximo!" ou, pior, "Viva cada dia como se fosse o último!".

Ele revirou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Absurdo total. Sem contar que é prejudicial! Mas Balthazar adorava, e, é claro, o Conselho deu seu selo dourado de aprovação. Só eu conseguia enxergar o que estava realmente acontecendo. Só eu enxergar todas as consequências daquilo. Aquela tecelagem supostamente comovente fazia muito mais mal do que bem. Estava colocando as pessoas em perigo, fazendo com que acreditassem em um falso senso de segurança. E o resultado eram pessoas iludidas, passeando por aí, correndo riscos desnecessários. *E acho que todos sabemos que nada de bom pode resultar disso!*

Era aquela voz novamente. A voz que eu já havia ouvido — aquela que soava como se estivesse recitando as palavras de outra pessoa.

Embora eu estivesse fazendo progressos em afrouxar os grampos em minha boca, não disse nada. Pensei em ficar ali parada e deixá-lo me levar direto para a parte boa.

— É possível enviar conforto, mas não profecias. Esse é o lema de Dreamland, caso você não saiba. É a única regra de verdade que nos disseram para seguir. E embora pareça fazer sentido, embora as pessoas precisem tomar as próprias decisões para aprender e crescer e tudo isso, elas também precisam

tomar essas decisões tendo em vista uma imagem muito clara sobre os perigos do mundo! E, como mais ninguém estava disposto a fazer isso, coube a mim mostrar a eles.

Ele avançou pelo palco, agitando um dedo no ar sempre que dizia algo significativo. E quanto mais ele discursava, mais sua voz mudava, até não ser mais sua voz. Virou a de outra pessoa.

Ele continuou a falar, e apontar, e fazer todo tipo de declaração movida pelo medo. Seus olhos ficaram tão turvos, a expressão tornou-se tão confusa, que tive certeza de que ele não estava mais ali comigo, mas preso em algum lugar do passado.

Sem querer perturbá-lo ou tirá-lo do transe, deixei as palavras vazarem lentamente, com calma, indo de minha cabeça para a sua, pensando: *Então diga-me, diga-me exatamente o que aconteceu para você ficar desse jeito*.

Fiquei imóvel, deixando o pensamento chegar a seu cérebro.

E por ser quem era — ou pelo menos quem dizia ser: o melhor assistente de direção que Dreamland já teve —, ele decidiu não me contar.

Em vez disso, ele me mostrou.

19

O projetor zunia enquanto ele batia com força no teclado. E, de repente, estávamos no meio de uma quermesse — como as que sevia antigamente.

Daquelas com palhaços, algodão doce e barraquinhas de jogos bobos com brindes baratos nas quais uma rodada custava apenas um centavo.

Olhei para minhas roupas e fiquei surpresa de me ver usando uma saia de flanela bordada com a figura de um poodle e a barra comprida quase alcançando meus sapatos oxford preto e branco. Na parte de cima, eu estava com um conjunto justo de blusa e suéter, com um cachecol combinando. Eu parecia uma personagem de seriado de tevê da década de 1950.

Satchel usava a mesma camisa branca, calças pretas, cinto lustroso e sapatos pretos, e, mesmo com o cabelo lambido partido no meio e a pele branquela, bem, mesmo naquela época ele não se encaixava. Comparado aos outros meninos, que vestiam jeans com as barras dobradas e camisetas brancas justinhas e tinham a pele queimada de sol, ele parecia muito esquisito. Ele se destacava, como se fosse como um agente funerário estranho e pálido.

Fiquei afastada, equilibrando uma nuvem de algodão-doce na mão enquanto o via passear com os pais. E devo dizer que, assim que os vi, bem, tudo ficou claro.

E quando seu pai começou a falar, eu soube exatamente de onde vinha *aquela voz.*

Acompanhei o ritmo deles, andando logo atrás, tomando cuidado para me misturar, passar completamente despercebida, esforçando-me para escutar pequenas partes da conversa.

Sua mãe estava em silêncio, com uma expressão vaga e distante no rosto infeliz, enquanto o pai, em um tom de voz duro e autoritário, explicava todos os diversos bons motivos pelos quais Satchel não tinha permissão para andar em nenhum brinquedo.

Enfiei uma porção de algodão-doce na boca, franzindo a testa enquanto deixava os pequenos pedaços cristalizados derreterem na língua e imaginando por que ele se dava o trabalho de levar o filho à quermesse se o menino não podia se divertir.

Mas logo percebi que Satchel não tinha mais ninguém para ir com ele.

Satchel não tinha amigos.

Em sua vida havia apenas seus pais, as tarefas da escola e as três idas semanais à igreja com a família. E se ele se comportasse bem — muito, muito bem —, talvez o deixassem assistir a um filme apropriado para crianças — um passeio que ele apreciava mais do que tudo. Aqueles momentos na sala escura de cinema, onde ele via uma história ganhar vida na tela, eram os únicos pequenos prazeres que lhe eram permitidos. O que era mais do que se podia dizer de seus pais, em cuja vida não parecia haver prazer algum.

A mãe passava muitas horas diante da tábua de passar roupa, engomando os colarinhos e punhos das camisas brancas e duras que Satchel usava para ir à escola e que seu pai vestia para trabalhar. O pai acordava cedo todos os dias, tomava banho, vestia-se e comia algo antes de sair para o trabalho. E embora Satchel não soubesse muito bem o que ele fazia, sabia que tinha a ver com números.

— Números são seguros. Números são pouco arriscados — ele sempre dizia. — Se souber lidar com eles, a conta sempre vai fechar no final.

A quermesse só ficaria na cidade por uma semana, e todas as crianças da escola só falavam sobre ela, embora, é claro, ninguém tenha mencionado nada a Satchel: ele havia apenas escutado algumas conversas.

Ele era muito esquisito, muito estranho, e vinha de uma família realmente estranha e esquisita, ou pelo menos essas eram as desculpas mais usadas pelas crianças para evitá-lo.

Mas assim que, em uma rara visita à cidade, Satchel vislumbrou a ponta da roda-gigante, ele quis muito vê-la de perto — quis ver se era parecida com uma que ele havia visto em um filme.

Sabendo que não poderia ir sozinho (ele não tinha permissão para ir a lugar algum sozinho, exceto à escola, à igreja e às vezes ao cinema, e ainda assim só durante o dia... qualquer outro lugar era considerado muito perigoso para um menino de treze anos), Satchel fez um acordo com os pais. Prometeu que, se eles o acompanhassem, ele concordaria em não andar em nenhum brinquedo, não comer nada feito com açúcar e não desperdiçar os centavos suados da família em jogos que seu pai dizia que provavelmente não passavam de trapaças.

E ele pretendia mesmo manter a promessa até que a viu.

Mary Angel O'Conner.

A menina que se sentava algumas fileiras à sua frente na escola — a dona da maravilhosa cabeleira ruiva que se espalhava pelas costas da cadeira como brasas acesas. Aquelas mechas sedosas reluziam à luz do sol do meio-dia que entrava pela janela — parecendo tão brilhosas, tão convidativas, que Satchel imaginava que seria como tocar seda aquecida.

Diferentemente das outras crianças, Mary Angel havia sido gentil com ele em mais de uma ocasião. Eram momentos que ele nunca esqueceria. Momentos que ele repassava na cabeça repetidas vezes, como se fosse um filme preferido.

E lá estava ela, cercada por um grande grupo de amigos, mas uma única olhada para Satchel deixou claro que ele só tinha olhos para ela.

Lancei um olhar nervoso para sua mãe e depois para seu pai, com a esperança de que eles não tivessem notado o que havia chamado a atenção do filho, pois sabia que eles a veriam como uma ameaça e tentariam fazer com que ele tivesse medo. Eu já sentia muita, muita pena dele.

Mas eles não perceberam. Estavam muito ocupados discutindo todos os perigos que os cercavam, completamente alheios à centelha de ideia que havia passado pela cabeça de Satchel — uma ideia que resultaria em uma caminhada apressada até a saída caso eles tivessem a mínima noção.

Preciso escapar de meus pais, pensou ele. *Preciso fazer o que for preciso para me livrar deles. Preciso me afastar bastante, mesmo que seja apenas por alguns segundos.*

Ele mexeu na barra de sua manga, depois ajeitou o cabelo com a mão, dois de seus tiques nervosos. Mentir não era algo natural para ele.

Conduzindo os pais cuidadosamente para outra direção, afastando-os de Mary Angel e de seus amigos, ele olhou para a mãe, depois para o pai, e disse:

— Acho que acabei de ver uma pessoa da escola. Posso ir até lá cumprimentá-la, por favor?

Fiquei perto deles, acabando com o restante do algodão-doce, enquanto seus pais trocavam um olhar preocupado. Sua mãe estava prestes a dizer não, certamente a palavra mais usada em seu vocabulário, e alguns diriam que era a única. Dava para vê-la entalhada em seu rosto, as linhas estampadas permanentemente no lugar onde poderia, onde deveria haver um sorriso.

O pai olhou atentamente para Satchel e disse:

— Quem? Quem é essa pessoa que você conhece da escola?

Sabendo que a verdade só lhe traria problemas, na melhor das hipóteses, e o mandaria de volta para casa, na pior, ele engoliu em seco, cruzou os dedos atrás das costas em uma tentativa de atenuar o peso da mentira e disse:

— É só... é só uma professora. Quero fazer uma pergunta rápida sobre a tarefa de segunda-feira. Só isso.

Aproximei-me enquanto seus pais conversavam, e os escutei debatendo os possíveis méritos e os perigos muito reais de deixá-lo vagar sozinho. E quando a mãe estava prestes a dizer não mais uma vez, o pai a cortou e respondeu:

— Nós aguardaremos aqui. Bem aqui. Esperamos que você retorne em três minutos. — Ele consultou o relógio de bolso para marcar o tempo. — Se não estiver de volta, nós vamos atrás de você.

Se tivesse sido comigo, eu teria corrido como o vento para dar o fora dali, com medo de desperdiçar um segundo sequer daquele tempo ridiculamente curto. Mas Satchel e eu não somos nada parecidos. O que significa que ele não saiu correndo. Nem sequer considerou essa hipótese. Correr poderia fazê-lo cair, e cair era ruim, um fato que lhe diziam desde que ele dera os primeiros passos.

Com o coração disparado e as mãos suadas, ele foi até ela. Sem ideia do que diria quando chegasse lá, e sabendo muito bem que havia uma boa chance de os amigos dela rirem, ele, assim mesmo, precisava fazer aquilo. Não podia

deixar a oportunidade escapar. Ele estava na quermesse — como qualquer outro menino, qualquer menino normal — e queria que Mary Angel o enxergasse.

Ele queria que ela o enxergasse da maneira como ele a enxergava.

Quando ele a alcançou, ela e os amigos haviam chegado à frente da fila da roda-gigante e esperavam a vez para subir.

Fiquei ao lado dele, e nós dois olhamos para o banco que subia mais alto. E embora eu sempre tenha adorado rodas-gigantes — e quermesses também, diga-se de passagem —, Satchel me fez ver as coisas sob uma nova perspectiva.

Quermesses eram lugares perigosos e sujos, operados por sujeitos obscuros com passados mais obscuros ainda, e embora todos os brinquedos tivessem seus próprios perigos, a roda-gigante era o principal, o mais perigoso de todos. Seu pai havia garantido isso a ele no caminho, e sua mãe, sentada ao lado dele no carro, tinha concordado em silêncio.

Lancei a ele um olhar preocupado. Ele estava a apenas alguns centímetros de Mary Angel, e eu me preparei para o que ele poderia fazer, para o que ele poderia dizer. Ele estava em território desconhecido, para dizer o mínimo.

Mary Angel se virou, sorrindo de um jeito que fazia seu rosto brilhar de felicidade. O sorriso não estava destinado a Satchel, ela apenas ria de algo que um amigo dissera, mas ele era muito isolado, muito esperançoso, muito socialmente inapto para ver o sorriso pelo que realmente era.

Ele o usou como desculpa para se aproximar dela. Parou de repente, quando um menino, Jimmy MacIntyre, também conhecido como Jimmy Mac ou, às vezes, só Mac, colocou a mão de forma possessiva nas costas dela, passando os dedos em seus cabelos flamejantes e empurrando-a suavemente na direção do banco vazio da roda-gigante.

— Ei, Satchel, você também vai? — gritou Mary Angel, finalmente vendo-o ao se sentar no banco.

E embora ele tenha procurado chamar a atenção dela, embora ela fosse a razão número 1, a única razão de ter mentido para seus pais e arriscado enfrentar a ira deles se a mentira fosse descoberta, quando ela olhou para ele, Satchel ficou em estado de choque, completamente sem fala, começando a suar dos pés à cabeça.

Jimmy Mac respondeu por ele:

— Está brincando? Satchel? Andar nesta coisa? Faça-me o favor. Esse menino é tão medroso que tem dispensa permanente das aulas de educação física. Ele não tem permissão para correr! Acredita nisso? Correr é perigoso demais! — Ele sacudiu a cabeça e revirou os olhos castanhos. — É a coisa mais maluca que já ouvi, e juro que é verdade!

Mary Angel lançou um olhar tímido e pesaroso para Satchel enquanto Jimmy Mac se sentava a seu lado, apoiando o ombro no dela coberto de lã angorá. Ver aquilo fez a cabeça de Satchel girar.

Satchel engoliu em seco e abriu a boca, sabendo muito bem do avanço dos segundos, apagando tudo o que restava dos três minutos que lhe foram

concedidos. Sabendo muito bem da montanha de problemas que o esperava se ele fosse pego parado perto da entrada da roda-gigante.

— Você vai subir ou não? — perguntou o operador da roda-gigante com o rosto cheio de rugas e marcas, evidências de uma vida imprudente, diria seu pai.

Embora ele soubesse que não devia perguntar, ficou imaginando como o pai explicaria o fato de sua mãe, que praticamente não tinha vida, apresentar o mesmo visual entristecido e desgastado.

— Vamos logo, faça esta coisa subir! — gritou Jimmy Mac. — Satchel Blaise traseiro, ops, eu quis dizer terceiro, não vai a lugar algum. Blaise é o maior covarde que este mundo já viu!

— Decida logo, menino. Não tenho o dia todo!

O operador estreitou tanto os olhos que eles foram engolidos por um monte de pele flácida e amarelada, resultado de muito sol, muitas noitadas. Obviamente ninguém o havia alertado.

Satchel estava prestes a se virar, prestes a ir embora, pois sabia que seus pais provavelmente já estavam procurando por ele, que provavelmente já estavam furiosos, quando Mary Angel disse:

— Não ligue para ele, Satchel. Vamos, venha. A roda-gigante é divertida!

Ela queria que ele fosse!

Mary Angel — a menina de cabelos de fogo e sorriso brilhante — não o enxergava como as outras crianças.

Vi Satchel colocar toda a cautela de lado e ir na direção do banco. Eu estava torcendo os dedos, cruzando-os, nervosa, desejando que ele seguisse em frente, encorajando-o, mas queria que ele se apressasse, que subisse logo na roda-gigante antes que seus pais aparecessem.

Ele se sentou no banco abaixo do de Mary Angel, vendo de relance o aceno da mão dela, o rosto sorridente, as pernas balançando. Seu coração batia tão rápido dentro da caixa torácica que ele tinha certeza de que pularia do peito e cairia em seu colo. Seus dedos estavam tão molhados de suor que escorregaram quando ele tentou segurar na barra para travá-la, mas felizmente o velho operador foi até lá para cuidar disso para ele.

E, de repente, ele estava subindo — sendo levado lá para cima, para o céu.

O mais alto que ele já estivera.

Mais alto do que jamais pensara que seria possível.

Mais alto do que seus pais jamais permitiriam.

Mas, em vez de sentir medo, em vez de se sentir assustado pelo perigo iminente, ele se sentiu exultante.

Livre.

E pela primeira vez na vida Satchel olhou para baixo e não enxergou o mundo como um lugar perigoso, mas como um lugar de maravilhosas possibilidades.

Seus pais estavam em algum lugar lá embaixo, provavelmente procurando por ele. Mas naquele momento isso não interessava. Ele não se importava. Recusava-se a pensar neles. Preferia se concentrar em voar, na empolgação de

estar entre as nuvens. Ficou olhando fixamente para a parte de baixo do banco vermelho sobre sua cabeça, sabendo que Mary Angel voava junto com ele.

Ele temia cada vez que seu banco descia rumo ao chão, onde vivia a realidade, e ansiava por cada subida ao céu, onde tudo era pacífico e bom.

Pelo menos até Jimmy Mac começar a balançar seu banco de tal forma que Mary Angel soltou um berro. Mas não demorou muito para o berro se transformar em riso, e o riso, em uma gargalhada sem fim.

Desejando ouvir aquela risada bela, suave e alegre dirigida a si próprio, ou a algo que ele tivesse feito, Satchel decidiu balançar seu banco também. Agarrando nas laterais, ele sacudiu com toda a força. Mas, em vez de rir, Mary Angel olhou para baixo, com uma expressão preocupada e tensa, enquanto Jimmy Mac juntou as mãos em torno da boca e gritou:

— Ei, Blaise, eu não sabia que você era de fazer essas coisas!

E Jimmy Mac falou mais algumas frases que não entendi, mas que o fez rir histericamente da própria sagacidade.

Mas ele ainda não tinha visto nada. Satchel havia acabado de experimentar a liberdade pela primeira vez e estava encantado com a sensação que ela proporcionava. Havia gostado tanto que desejava um suprimento constante dela.

Treze anos sendo isolado e terrivelmente superprotegido — treze anos com medo do mundo — haviam resultado em treze anos de exuberância contida que ele desejava extravasar.

Ele sacudiu o banco novamente.

Com mais força.

E depois com mais força ainda.

E Jimmy Mac vibrou, incentivando-o, enquanto Mary Angel olhava para baixo com um ar cada vez mais preocupado.

Aquela era uma expressão que o deixava furioso. Satchel havia sido criado à base de rostos preocupados. Já havia visto preocupação suficiente por toda uma vida.

Ele queria que Mary Angel sorrisse.

Ele queria que ela risse do mesmo jeito que havia feito para Jimmy Mac.

Ele sacudiu o banco novamente, com muito mais força do que antes, levando Mary Angel a soltar um grito, berrando algo a respeito da barra de proteção.

Mas Satchel não queria escutar. Mesmo quando ela apontou e implorou que ele parasse, o rosto ansioso da menina apenas o provocava.

Por que Jimmy Mac podia sacudir o banco e ele não?

Será que ela também não achava que ele era um fracote esquisito?

Será que ela achava que ele não sabia como se divertir, como apreciar um pouco de perigo?

Bem, ele mostraria a ela.

Ele a faria sorrir de qualquer jeito.

Continuou a balançar o banco, ignorando os rangidos que ele soltava em protesto.

No entanto, por mais forte que ele balançasse, o sorriso nunca surgiu. Seus dedos escorregaram das laterais.

O banco lhe escapou.

Deu uma volta, virou de cabeça para baixo, e a barra se soltou e o jogou para fora.

A queda de trinta metros foi muito mais rápida do que eu teria imaginado. E vi Satchel cair do banco, agitando braços e pernas, batendo a cabeça em cada banco até finalmente se arrebentar no chão, onde tudo parou.

Tudo, menos o som do grito agudo de Mary Angel.

Uma trilha sonora que continuou a tocar bem depois que o projetor foi interrompido, o computador foi desligado e Satchel apareceu diante de mim com a cabeça amassada em todos os lados, principalmente no topo. Sua clavícula se projetava para fora da pele em um buraco enorme aberto na camisa ensopada de sangue. As roupas estavam imundas, cobertas de massa encefálica. Exatamente como o encontraram.

Ele me encarou fixamente com seu único olho bom e perguntou:

— Diga-me, Riley, era isso o que você queria ver?

20

Eu tinha que dar alguma resposta.

Ele queria que eu desse alguma resposta.

Dava para ver pelo jeito como ele tirou os grampos de minha boca e esperou que eu falasse.

O problema era que eu não sabia bem por onde começar, então optei pelo óbvio:

— Satchel, sinto muito pelo que aconteceu, mas você precisa saber que foi um acidente.

Ele revirou seu olho bom e sacudiu a cabeça arrebentada. Um bocado de dentes quebrados apareceu por entre seus lábios quando ele disse:

— Cê acha?

Tirei a franja do rosto e me esforcei para ficar calma, fazendo o máximo para ignorar sua aparência horrenda, sem falar no sarcasmo desnecessário.

— O que eu quis dizer é que, sim, foi lamentável, mas não é desculpa para você fazer o que faz. Não é desculpa para aterrorizar as pessoas.

— O quê? Está brincando? Perdeu alguma parte? Quer dizer, olhe para mim, Riley! Eu ignorei os alertas de meus pais, menti, e veja só o resultado!

Ele passou os dedos destroçados pelo corpo como uma modelo de programa de auditório exibindo o prêmio.

A visão era para lá de medonha, realmente algo saído de um pesadelo. Mas eu não podia me prender a isso. Precisava usar todo o tempo que tinha antes que ele decidisse tecer uma nova onda de pesadelos para mim. Precisava encontrar um modo de convencê-lo.

Sem querer perder mais nenhum segundo, gritei:

— As coisas acontecem, Satchel! Coisas horríveis e lamentáveis. E, embora eu sinta muito pelo que aconteceu, e realmente sinto, também tenho que ser sincera e lhe dizer que lamento muito mais pelo modo como você viveu antes disso. Lamento que não tenha tido amigos, que não tenha se encaixado. Lamento que nunca tenha tido um único momento de alegria. Mas, acima de tudo, lamento que seus pais tenham feito você sentir medo de tudo. Lamento que eles o tenham obrigado a se esconder do mundo. Lamento por tudo isso — muito, muito mais do que pelo que aconteceu a você na quermesse.

Minhas palavras o silenciaram. Fizeram com que ele ficasse parado diante de mim, passando a mão no desastre amassado onde antes ficava seu cabelo, alheio à pequena avalanche de flocos de sangue seco que caía em seus pés.

— Eu entendo que eles o amavam — continuei. — Entendo de verdade. Entendo que você era tudo para eles, e que, por esse motivo, eles tinham muito medo de perdê-lo. Entendo que eles só estavam pensando no que era bom para você. Só queriam mantê-lo afastado do perigo. Mas, com isso, fizeram de você um prisioneiro! Não poder correr, andar de bicicleta, praticar esportes com as outras crianças da escola... — Sacudi a cabeça, determinada a não exagerar. Era fundamental que a mensagem fosse clara, direta, objetiva, por mais que eu tivesse ficado enfurecida com os pais dele. — Você não teve amigos, nunca vivenciou um momento sequer de diversão verdadeira. Mesmo não sendo essa a intenção, eles acabaram transformando você em um garoto esquisito, sem vida. Poxa, eles nem deixavam que tivesse um animal de estimação. "Animais são muito perigosos", diziam. Afe! — Fiquei quieta, repassando minhas palavras e relacionando-as à minha própria vida.

Praticamente tudo o que eu havia feito desde que morri foi reclamar de como minha vida tinha sido curta. Reclamar de como tinha sido decepcionante ver que eu estava morta aos doze anos de idade.

Até conhecer Satchel, nunca me havia ocorrido celebrar o tanto que vivi em tão pouco tempo.

Havia tido amigos — muitos e muitos amigos.

Havia praticado esportes — mesmo sem ser muito boa.

Havia andado de bicicleta na chuva — rindo quando a roda de trás espirrava água e ensopava minha irmã, Ever.

Havia tido um animal de estimação — na verdade, ainda tenho. Havia tido todos os prazeres de uma vida normal e que Satchel nunca conhecera. Seus pais o haviam privado disso.

E de repente fiquei tão arrebatada por um sentimento de gratidão por tudo o que tivera que não conseguia mais lamentar o que achei que houvesse perdido. Minha vida pode ter sido ridiculamente curta, mas o pouco tempo que vivi havia sido muito, muito bom.

— Há apenas duas emoções — eu disse, voltando-me para Satchel, sem saber de fato quais elas seriam até enunciá-las. — Amor e medo. Amor e medo são tudo o que existe, e todo o restante é apenas consequência deles.

Fiz uma pausa, querendo que ele ouvisse, que assimilasse, que compreendesse completamente o que eu mesma só estava começando a entender. Eu não sabia ao certo de onde o conhecimento estava vindo, e me perguntei se não seria resultado de algum tipo de onda de pensamento, mas mesmo assim acreditei que era verdade.

— Só que sua família confundiu amor e medo de tal forma que um começou a se assemelhar ao outro. O medo se misturou ao amor até que começou a ter a aparência do amor, o jeito do amor, a sensação do amor, quando, na verdade, esses sentimentos são extremos opostos. Quer dizer, pense

só — falei, desesperada para que ele acompanhasse, para que realmente ouvisse. — Em toda a sua vida, em todos os seus treze anos, a única vez em que você se sentiu vivo de verdade foi quando subiu naquela roda-gigante, não foi? Foi à única vez em que você se sentiu livre de verdade, que começou a perceber todas as maravilhosas possibilidades da vida. Mas, infelizmente, nós dois sabemos que você se excedeu um pouco, e, como resultado, as coisas acabaram de maneira trágica. Mas eu aposto que se você tivesse olhado para o plano terreno depois que partiu, bem, aposto que seu caso virou um bom exemplo de advertência. Aposto que Jimmy Mac nunca mais balançou um banco de roda-gigante. Aposto que ele passou a pensar duas vezes antes de zombar de alguém que considerasse inferior. Aposto que Mary Angel nunca deixou de se sentir culpada por tê-lo encorajado a subir, o que é muito triste, levando em conta que a decisão final foi sua, não dela, sem falar que ela implorou para que você parasse e você não lhe deu ouvidos. E aposto que seus pais sentiram muito sua falta. Aposto também que eles se consideraram responsáveis, pois você concretizou os piores medos deles. Alguma vez já verificou como eles estavam? Alguma vez já... — Engoli em seco ao pensar nisso, mas me forcei a continuar. — Já... teceu sonhos para eles?

Ele passou a mão na cabeça de novo, e desviei o olhar. Eu realmente gostaria que ele parasse de fazer aquilo.

— Nunca! Não! Credo! — disse ele.

Aguardei um pouco, na esperança de que ele falasse mais, no entanto, como ele ficou quieto, fiz mais uma tentativa, torcendo para que funcionasse.

— A questão, Satchel, é que tudo isso aconteceu há muito tempo, o que significa que alguns deles provavelmente estão Aqui. Você alguma vez considerou a hipótese de se aventurar a sair desta sala e ver se os encontra?

Ele me encarou. Bem, um dos olhos me encarou. O outro estava reduzido a um buraco negro com coisas nojentas escorrendo para fora.

— Está brincando? Não posso sair com esta aparência! — Sua voz tinha uma nota de histeria e medo. — Meus pais vão me matar! Devem estar furiosos comigo pelo que fiz!

Eu mal podia acreditar. Depois de tantos anos assustando um número incontável de sonhadores em todo o mundo, depois de tantos anos de reinado supremo sobre os pesadelos mais terríveis deles, Satchel ainda tinha medo de que seus pais o punissem por sua morte.

— Em primeiro lugar — disse, tentando me ater ao óbvio, aos fatos —, ninguém pode matar você. Caso tenha esquecido, você já está morto. E, em segundo... não acha que já é hora de vocês terem uma conversa? Quer dizer, posso estar enganada, mas aposto que eles ficarão extremamente felizes em vê-lo de novo. E em terceiro...

Meus olhos se fixaram na mão arrebentada que estava em movimento, prestes a alisar o buraco grotesco na cabeça, virando de tal forma que fez a clavícula exposta raspar um grande pedaço de pele do queixo. O pedaço

sangrento e estropiado ficou pendurado por um fio comprido de eca, que balançava para cima e para baixo, para frente e para trás, obrigando-me a dizer:

— Você *precisa parar de fazer isso*. É sério. Não só porque me dá vontade de vomitar toda vez que olho para você, mas não há mais necessidade de ter essa aparência. É hora de você deixar seu passado para trás e seguir na direção do futuro, não acha?

Eu sentia que meu argumento era bastante forte, mas ele ainda não estava totalmente convencido. Ele ouviu, considerou, dava para ver em seu único olho mais ou menos bom, mas ele estava hesitante. Precisava de mais provas.

Satchel havia ficado tão acostumado com suas opiniões, com as ideias temerosas que seus pais haviam inculcado nele, que era difícil, para não dizer impossível, enxergar as coisas de outro modo. E, com certeza, depois de ter se sentido tão impotente durante a vida, ele passou a gostar do poder que exercia sobre todos aqueles sonhadores inocentes. Para ele, significaria abrir mão de muita coisa.

Tecer sonhos era sua vida. Hum, quer dizer, pós-vida. Sem isso, ele não tinha ideia do que fazer.

Mais ou menos como eu me sentia em relação ao trabalho de Apanhadora de Almas.

Mas se era hora de eu ter meu recomeço, definitivamente também era hora de Satchel ter o seu.

Ficamos nos encarando, e eu sabia que se não dissesse algo rápido, algo positivo, otimista e encorajador, algo que servisse como o último empurrão de que ele precisava, bem, eu o perderia completamente.

E embora eu não tivesse a menor ideia do que dizer, decidi acreditar que as palavras certas acabariam me encontrando — como acontecia com bastante frequência quando eu estava apanhando almas.

Mas eu não estava apanhando almas — pelo menos não oficialmente. Mais uma vez, eu estava me intrometendo onde não havia sido chamada. Havia assumido um caso sem o consentimento do Conselho.

Portanto, assim que abri a boca, o único som que saiu foi um grasnado terrível.

Um grasnado terrível seguido imediatamente pelo som agudo de surpresa quando Balthazar saiu das sombras e foi até o palco.

Ele andou em minha direção, vestido exatamente com o mesmo uniforme de antes — os botões da camisa azul ainda ameaçavam estourar, as botas de cano alto batiam com força no chão, e eu me perguntei havia quanto tempo ele estava lá. Será que Dreamland já estava funcionando oficialmente de novo? Ou Balthazar sentiu algum tipo de problema e pulou da cama?

Ele olhou para mim, com uma expressão mais carinhosa do que eu podia esperar, e disse:

— O menino não está pronto. Essas coisas não podem ser forçadas.

Isso é o que você pensa.

Eu me virei para Satchel, querendo provar que Balthazar estava errado, mas o espaço antes ocupado pelo menino estava vazio. E por mais que eu ficasse olhando para aquele ponto, apenas confirmei o que eu já sabia: ele havia desaparecido.

Voltei a encarar Balthazar, furiosa por ele ter interferido, por ter se intrometido no momento mais crucial. Quer dizer, sério, se alguém deveria entender o conceito de momento adequado, era ele. Ele não havia passado uma tarde toda discursando sobre a importância de saber a hora certa, de acertar a aterrissagem? Na cena que eu estava dirigindo, porém, ele simplesmente entrou sem pensar.

— A culpa é *sua!* — gritei, com tanta raiva na voz que até eu me surpreendi. — Faltava isso para ele mudar! — Mostrei a mão a ele, deixando o indicador e o polegar bem juntos. — Eu quase o havia convencido, e teria conseguido, com certeza, se você não tivesse aparecido do nada e estragado tudo!

Minhas bochechas estavam vermelhas e quentes, fiquei rouca e senti um nó na garganta, e meus olhos ardiam com a ameaça de lágrimas cristalinas. Eu mal podia acreditar que havia chegado tão perto e então perdido tudo de repente.

Mas não chorei. Em vez disso, virei-me para o lado e pisquei, pisquei, até estar pronta para encará-lo novamente.

— Você não entende? — eu disse, ainda com a voz trêmula. — Satchel era minha grande chance! Ele era minha grande oportunidade de avançar e ter treze anos! E eu estava tão perto... estava quase conseguindo... até que você chegou e estragou tudo. — Sacudi a cabeça e passei a mão nos olhos. — Você tinha que se intrometer, e agora... e agora estou de volta ao ponto em que comecei. Presa em uma criança magrela de doze anos!

Fiquei olhando para meus pés, balançando a mão diante de mim como se apagasse as palavras. Não havia mais sentido em continuar, não havia mais sentido em nada. E quanto a Balthazar, bem, eu realmente já não queria mais saber dele. Tudo de ruim estava relacionado a ele. Se desde o princípio tivesse me deixado fazer o salto em sonho, como eu havia pedido, toda a confusão com Satchel nem teria acontecido.

Eu estaria em casa, segura em minha cama, tendo lindos sonhos depois de ter recebido bons conselhos de minha irmã.

Mas *nããããão!* Graças ao Sr. Cabelo de Gambá, eu estava de volta ao ponto de partida, ou seja, praticamente em lugar nenhum. Sentindo tanta aversão a mim mesma e a meu estúpido brilho quase inexistente de nível 1,5, puxei as mangas de minha blusa com força até cobrir a ponta dos dedos, só para não me lembrar de como o caminho ainda seria longo.

Depois liberei meus pés, que estavam pregados no chão, e segui em direção à porta.

Parei pouco antes de sair quando Balthazar disse:

— Acha que ignoro Satchel? Acha que não tentei falar com ele, conversar? Acha que você é a única que fracassou com esse menino?

Fiquei sem me mexer, pensando: *Hum, sim, foi exatamente isso o que pensei*. Nem me havia ocorrido que pudessem existir outras pessoas que soubessem o que Satchel fazia. Mas não fazia diferença alguma. Os fatos eram os fatos.

— Dreamland é criação minha, e houve uma época em que Satchel era meu aprendiz número 1 — Balthazar disse, com uma pitada de orgulho na voz. — Não acontece nada aqui sem que eu saiba.

— Então por que você não o impediu?

Eu me virei, mas, assim que meus olhos encontraram os dele, eu já sabia. O livre-arbítrio. Ele governava tudo.

Sacudi a cabeça e fui para a porta. Quando tirei a primeira tábua e a coloquei no chão, ele disse:

— Sabe, Riley, desse jeito você nunca vai fazer treze anos.

Olhei para trás a tempo de ver seu olhar preocupado.

— Ah, é? — resmunguei, pegando a tábua seguinte e atirando-a no chão. — Bem, isso é ótimo, Balthazar. É sério. Obrigada por compartilhar. Obrigada pela dica superútil.

Franzi a testa, soprei as mechas da franja de meu rosto e tirei a última tábua, ansiosa para ficar bem longe dele.

— Não é assim que você vai ficar mais velha. Vencer não é tudo isso que você pensa.

— Ah, é? Então como é que se faz exatamente? — perguntei, com a voz cheia de sarcasmo, enquanto parte de mim alimentava uma esperança secreta de que ele me contasse.

— Para ficar mais velha você precisa... bem, precisa ficar mais velha — ele disse e assentiu com a cabeça como se tivesse feito uma grande revelação.

Eu grunhi, revirei os olhos e pensei: *Mais palavras inúteis de sabedoriado grande diretor em pessoa*! Depois, me abaixei bem e coloquei um pé com firmeza no lado de fora.

— Você tem muito potencial, mas não tem ideia de como canalizá-lo — Balthazar disse.

O passo seguinte foi mais lento, tenho vergonha de admitir, mas eu estava curiosa para ver aonde ele queria chegar.

— Se você já não fosse aprendiz de Apanhadora de Almas, eu pediria para treiná-la como assistente de direção. Você tem muita garra e fibra. Sempre que você fala, espero ver chamas saindo de sua boca.

Tudo bem, sei que eu deveria estar brava, mas não consegui deixar de sorrir. Não era bem uma observação gentil, mas ainda assim era inegável que ele havia descrito fielmente minha pessoa.

— Você também parece ter uma inclinação para ignorar as regras. Como a hora do fechamento de Dreamland, por exemplo.

Meu sorriso desapareceu. E como eu não pretendia ficar para ouvir mais um sermão, agachei-me até conseguir passar para o outro lado da porta. Já estava indo para o portão quando Balthazar veio atrás de mim e continuou:

— Você tem alma de artista. Toda grande arte representa burlar as regras, descobrir uma nova forma de iluminar um caminho antigo. Você encara sua pós-vida com grande determinação e paixão e gosta mais do que ninguém de vencer. São qualidades que podem ser muito úteis em seu trabalho de Apanhadora de Almas, mas, como pode ver, algumas almas sempre escolherão seguir o próprio caminho. As coisas são assim. Não tem nada a ver com você.

Engoli em seco. Não pude evitar. Acho que nunca havia pensado por esse viés. Eu achava que o Conselho havia me transformado em Apanhadora de Almas porque eu conseguia me identificar com os fantasmas, porque eu sabia como era persistir no plano terreno, na vida anterior, recusando-me a seguir para o lugar a que eu realmente pertencia. Mas talvez eles também tivessem visto algo mais em mim. Talvez minha garra, minha fibra, minha determinação, minha paixão, meu desejo de vencer acima de tudo... bem, talvez isso também tivesse servido para que decidissem me escolher para fazer o que faço.

Meus pensamentos foram interrompidos quando Balthazar disse:

— E embora essas sejam qualidades muito boas, é preciso aprender a dirigi-las e canalizá-las a fim de atingir a grandiosidade. Sem foco, elas são apenas um monte de emoções correndo soltas. É a capacidade de canalizar as emoções que marca a maturidade, não é?

Meu queixo caiu e o restante de meu corpo ficou paralisado e rígido como... bem, como um boneco de neve. De repente, entendi tudo — ou pelo menos parte —, sentindo-me como se tivesse recebido mais uma peça do quebra-cabeça.

Balthazar inclinou a cabeça para trás, olhando para o céu — embora ainda estivesse quase todo escuro, havia sinais de um brilho prateado começando a se insinuar: a promessa de um novo dia. Então ele olhou para mim e disse:

— Ainda falta um pouco para Dreamland reabrir oficialmente. — Ele passou os dedos no lenço de seda no pescoço. — O que acha de darmos uma olhada naquela sua irmã?

21

O cenário foi montado com perfeição. Minha aterrissagem foi excelente. Ainda assim, apesar de toda a preparação e o treino, precisei de várias tentativas para acertar.

Ever ficava correndo. Acordando. Fugindo de toda cena alegre que eu me esforçava para compartilhar com ela. Obrigando-me a repetir o mesmo processo várias vezes, que sempre começava com ela rindo, sorrindo e fingindo cooperar e terminava com ela fugindo assim que eu virava as costas, correndo para a superfície, determinada a acordar.

— Onde estou errando? — gritei de cima do palco, com a voz cheia de desespero, tentando enxergar Balthazar empoleirado em sua cadeira vermelha de diretor.

Ele deu de ombros, claramente nem um pouco tão chateado quanto eu, e disse:

— Você fez tudo certo. Exatamente como eu ensinei. Mas, também como ensinei, não há garantias. Às vezes, um salto em sonho simplesmente não funciona. Embora normalmente seja culpa do saltador, neste caso, considerando que você foi treinada pessoalmente por mim, é nítido que a culpa é de sua irmã. Por alguma razão, ela prefere não ver você.

Fiquei ali parada, estupefata, sem palavras, sabendo que todas as evidências pareciam comprovar o que ele havia falado. Mas, ainda assim, não podia ser verdade. Ever me amava! Ela sentia minha falta! Eu tinha certeza disso, apesar do que podia parecer.

Mas eu também sabia que Balthazar tinha razão. Era óbvio que ela estava fazendo tudo para me evitar.

— Ela está perturbada. Sente-se muito culpada por algum motivo. E sua presença só parece piorar a situação. Ela está convencida de que não merece a felicidade de ver você.

Aimeudeus, era isso! Balthazar havia acabado de descrever minha irmã perfeitamente: a única sobrevivente do acidente que exterminara minha família.

Ainda assim, eu estava determinada a insistir. Não tinha ideia de quando teria essa chance de novo.

— Mais uma vez — supliquei. — Quer dizer, ainda temos tempo, não é?

Balthazar franziu a testa, acariciou a barbicha, e eu entendi que a escolha cabia só a mim. Então, assim que minha irmã voltou a dormir, eu saltei. Só que

dessa vez, em vez de distraí-la com risadas e diversão, deixei que ela guiasse o caminho.

Ela estava perturbada, imersa em um cenário escuro e solitário. E eu poderia ter pensado que Satchel estava por trás daquilo. Mas não havia sinal dele, o que significava que a cena em que nos encontrávamos era, infelizmente, parte da mente culpada de minha irmã.

Acompanhei o sonho por um tempo, mas logo comecei a ficar muito triste por vê-la ainda se punindo por acontecimentos que estavam além de seu controle — por ela ter feito escolhas que talvez parecessem duras no momento, mas que, com o tempo, dariam certo.

Foi quando decidi mandar uma onda de pensamento a ela.

Eu nem imaginava se era realmente possível mandar uma onda de pensamento durante um salto em sonho, uma vez que Balthazar tinha dado a entender que era um ou outro, mas achei que valia a pena tentar. Então, fechei os olhos e me concentrei em fazer com que ela soubesse o quanto eu a amava e admirava e que havia passado a vida inteira querendo ser como ela.

E, então, aconteceu algo muito estranho: aquele céu escuro e sombrio começou a se iluminar, o ar frio e cortante começou a se aquecer e a paisagem deprimente e desolada transformou-se em um gramado vivo... um pequeno refúgio de toda a escuridão dela.

— Não resista — pedi, sorrindo tanto que minhas bochechas doíam. — Por favor, não fuja. Por favor, apenas se sente aqui comigo e tente aproveitar o momento pelo tempo que durar.

Ela se ajoelhou a meu lado na grama, estreitando os olhos azuis em dúvida, e então abriu mão da incerteza e deu lugar à felicidade. Ever estendeu o braço em minha direção, sorrindo enquanto se preparava para apertar meu nariz, como meu pai sempre fazia. Mas no meio do caminho ela parou, reconsiderou e, em vez disso, usou a ponta dos dedos para afastar a franja longa e despenteada delicadamente de meu rosto.

— Você está crescendo — disse ela, com a mesma voz suave e maravilhosa de que eu me lembrava.

Mas as palavras não eram totalmente verdadeiras, e eu balancei a cabeça e disse:

— Não, não, não estou. Estou exatamente do mesmo jeito que antes. Mas eu quero crescer. Quero muito, muito. E eu meio que tinha esperança de que você pudesse me ajudar.

Ela se sentou sobre os calcanhares. Seus longos cabelos louros caíam sobre os ombros, indo até a cintura.

— Riley Bloom? Pedindo ajuda? — Ela jogou a cabeça para trás e riu por um instante. — Tem certeza de que é minha irmã e não uma impostora maluca?

Ela deu um tapinha de leve em minha testa, olhando fixamente em meus olhos.

E embora eu também tenha rido, disposta a aceitar a brincadeira, preciso admitir que aquelas palavras me incomodaram um pouco.

Era verdade que eu nunca pedia ajuda, e talvez isso também fosse parte do problema. O Conselho me dissera para consultá-lo, e mais uma vez eu os havia ignorado totalmente, preferindo fazer de meu jeito. Mas esses dias estavam terminados. Eu estava pronta, disposta e completamente desesperada para absorver todas as palavras de sabedoria que minha irmã pudesse me dar.

— Ever, eu tinha esperança... — Juntei os lábios com força e olhei em volta, sabendo que precisava me apressar, que ela poderia acordar a qualquer momento e que minha chance sumiria pelo ralo. — Bem, eu tinha esperança de que você pudesse me dizer como ter treze anos.

Ela estreitou os olhos e de repente ficou séria, pegou minha mão de leve e disse:

— Os treze anos simplesmente chegam, Riley. Não é algo que se possa forçar.

Sim, eu estava começando há perceber isso muito bem. Balthazar havia falado praticamente o mesmo. Mas, embora eu soubesse que ela não poderia me ajudar a fazer treze anos, achei que talvez ela pudesse pelo menos me ajudar a agir como se tivesse a idade, o que por sua vez poderia acelerar as coisas.

— Certo, bem, o negócio é o seguinte — falei, passando os dedos no bracelete com pingente de ferradura que ela havia ganhado do namorado e que usava sempre. — Fazer treze anos não é algo que vai simplesmente acontecer comigo. Eu estou... — Comecei a dizer estou morta, mas não sabia se ela tinha consciência disso no sonho e não queria assustá-la e correr o risco de que ela acordasse. Então disse apenas: — É... diferente para mim. É algo que preciso aprender como conquistar.

Ela sacudiu a cabeça e fez cara de impaciente, querendo que eu entendesse.

— Mas aí é que está, você não pode forçar. Nem pode conquistar. É algo que virá quando você estiver pronta, e receio que nem um minuto antes.

Para ser sincera, aquilo só me deixou mais frustrada. Eram as mesmas informações que eu já havia escutado. Quer dizer, até então tudo o que Bodhi, Balthazar e agora ela haviam falado para mim eram aquelas mesmas afirmações vagas e praticamente inúteis.

Você não pode forçar!

Você não pode conquistar!

Acontecerá quando acontecer!

Blá-blá-blá.

Canalizar as emoções era a única pista consistente que eu tinha, mas não era o suficiente. Eu sabia que havia mais.

— Sei que você está com pressa. — Ela balançou a cabeça num gesto firme. — E sei que provavelmente não vai concordar, mas, é sério, você deveria se considerar sortuda. Você terá treze anos quando estiver pronta, nem um minuto antes. Posso contar um segredo? — Ela se inclinou em minha direção até que nosso nariz ficasse a apenas alguns milímetros de distância um do outro. —

Quando chegou meu aniversário de treze anos, eu não me sentia nem um pouco preparada.

Hã?

Eu me inclinei para trás, perplexa. Lembrei-me claramente de seu aniversário de treze anos: a festa que nossos pais tinham feito, a multidão de amigos que lotava a sala e se espalhava pelo quintal. Lembrei-me de minha surpresa ao ver que, pela primeira vez depois de muito tempo, havia meninos na lista de convidados. Mas, sobretudo, lembrei-me de minha vontade de fazer parte daquilo. Das desculpas que eu tinha inventado para me juntar a eles e de nossos pais me dizendo para deixá-la me paz, deixá-la com os amigos e sua diversão adolescente, garantindo que um dia eu também teria minha festa de treze anos e então entenderia...

Olhei para minha irmã, convencida de que ela só havia falado aquilo para que eu me sentisse melhor. Quer dizer, fala sério, ela era praticamente a imagem do sonho adolescente realizado.

— Pareceu que, de repente, praticamente da noite para o dia, todas as minhas amigas tinham ficado obcecadas por gloss e por meninos. — Ela franziu a testa e deu um rápido sorriso. — E eu senti que, para me encaixar, precisava fingir que gostava daqueles assuntos também. A primeira vez que dancei uma música lenta no baile do sétimo ano meu estômago ficou tão embrulhado pelo nervosismo que achei que fosse vomitar no ombro daquele pobre menino. — Ela riu e passou os dedos no cabelo. — Mas, sinceramente, eu não me sentia à vontade com nada daquilo até mais ou menos meus catorze anos. Ou talvez catorze e meio. Praticamente fingi até lá. Mas você não é nem um pouco como eu, Riley. Você não precisa se preocupar com nada. Já roubava meu gloss desde o primeiro dia em que comecei a usá-lo. — Ela riu e passou a mão sob meu queixo. — Você está pronta, eu sei. Deve haver alguma outra questão segurando você.

Então é isso, pensei. Ela realmente também não sabia o que poderia ser aquela questão crucial. Tudo bem, mas eu ainda não estava pronta para desistir. Porém, podia ver a grama começando a encolher, desaparecendo, enquanto sua atenção começava a se dispersar.

— E os meninos? — perguntei, ansiosa, determinada a sugar o máximo possível daquele momento. — E as amizades? Como você fazia amigos com tanta facilidade? Como fazia para que todos amassem e admirassem você? Como se tornou tão popular? — insisti, com uma voz frenética, ciente de que o tempo estava acabando.

Ela estava distraída, desconcentrada, e eu tinha bastante certeza de que já a havia perdido quando Ever se virou para mim e disse:

— Meninos? — Ela sorriu. — Minha irmãzinha quer saber sobre meninos! — Ela jogou a cabeça para trás e riu. E embora eu não tenha gostado da palavra irmãzinha, não deixei transparecer. Estava muito ocupada encorajando-a a continuar. — Bem, para começar, nunca se esqueça de que eles estão tão nervosos quanto você. Lembra-se do que falei a respeito do baile em que achei

que fosse vomitar? Bem, o que eu não contei foi que as mãos do menino estavam tão úmidas que deixaram duas manchas permanentes de suor em minha roupa azul de cetim. Ele a arruinou completamente, e era novinha! — Ela revirou os olhos e arrumou os cabelos atrás da orelha. — Eles são bonitinhos, com certeza, mas às vezes agem como uns bobões. Eles demoram para entender. Acredite, eu sei, meu namorado tem seiscentos anos! — Ela franziu as sobrancelhas e deu de ombros. — Apenas seja sensata, Riley. Seja você mesma. E nunca, nunca se permita perder a cabeça por nenhum menino, está bem? E quanto a amizades... — Ela sorriu e encostou o joelho no meu. — Moleza. É assim que você fala, não é? O segredo para fazer amigos é ser uma boa amiga. — Ela fez uma pausa, deixando-me absorver as palavras, mas eu estava torcendo para que o silêncio não fosse muito longo. Eu já sentia que o sonho estava começando a se desfazer. — E qual era a última pergunta? Sobre popularidade e fazer com que as pessoas a amem e a admirem? — Ela estreitou os olhos, pensou um pouco. — Bem, a questão é que... não se faz nada. Ou talvez eu deveria dizer que isso não é exatamente algo que possa ser feito com esforço, porque você pareceria uma menina falsa e carente. Seja você mesma, adorável, doce e alegre, e não tenho dúvida de que todo mundo...

A grama estava desaparecendo, e, quando Ever viu aquilo, seus olhos se encheram de pânico e medo.

Agarrei na sua mão, desesperada para trazê-la de volta. E funcionou por um instante, porque ela olhou para mim e disse:

— Não se preocupe, Riley. Você ficará bem. Mas agora acho que está acontecendo algo muito estranho...

A grama abaixo de nós sumiu e estávamos de volta ao palco, e interpretei isso como um sinal de que minha parte havia terminado. Tudo aquilo tinha sido o sonho dela. Eu era apenas a saltadora. Era hora de encontrar um jeito de ajudá-la.

O palco continuou a se transformar, e foi quando vi como o mundo de minha irmã havia ficado sombrio e perturbado. Ela estava confusa, frenética, em pânico, incapaz de assimilar tudo, então fiz o possível para que ela se concentrasse apenas nos símbolos mais importantes, naquilo que ela jamais deveria ignorar. E embora Balthazar e Mort tivessem me alertado de que era impossível saber ao certo de que parte do sonho um sonhador realmente se lembraria quando acordasse, por alguma estranha razão desejei que ela não se lembrasse do início. Queria que ela se lembrasse de todos os símbolos estranhos e obscuros — era neles que estava a verdadeira mensagem. Posso não ter entendido, mas eu sabia que era importante. Sabia que ela precisava muito ver aquilo.

Então, quando Balthazar gritou “Corta! Ela está acordada! Vamos encerrar!”, bem, apesar de todos os meus fracassos em Dreamland, não pude deixar de sentir que aquilo não havia sido uma total perda de tempo.

Eu havia passado algum tempo com minha irmã. E tenho bastante certeza de que pude ajudá-la tanto quanto ela me ajudou.

22

Quando saí do estúdio, eu estava brilhando.

Brilhando mesmo.

Pelo menos era como eu me sentia por dentro.

Posso ter fracassado em quase tudo que tentei fazer — pode haver um tecelão de sonhos renegado ainda à solta —, mas eu havia feito tudo o que podia. Até que o Conselho resolvesse designá-lo a mim, Satchel não era problema meu.

Então, lá estava eu — cheia de uma confiança recém-descoberta, fervilhando com a promessa do que havia aprendido —, quando dei de cara com Buttercup e Bodhi do outro lado da porta.

Caí de joelhos, abraçando com força contra o peito meu cachorro, que estava muito empolgado. Seu rabo balançava e ele não parava de lamber meu rosto, indicando que estava muito feliz em me ver.

E depois de um tempo, quando soube que não podia mais adiar, encarei Bodhi. Sua expressão era contida, dividida, muito mais difícil de decifrar do que a de Buttercup, embora eu tivesse bastante certeza de que eles não compartilhavam do mesmo entusiasmo.

Tinha bastante certeza de que Bodhi reservava as lambidas no rosto exclusivamente para Jasmine, embora a ideia tenha me deixado enjoada.

Eu sabia que deveria me explicar, mas ele falou antes.

— Ouvi dizer que você tentou fazer mais um milagre à Riley Bloom lá dentro. — Sua voz tinha algo inconfundível, que eu não conseguia identificar, enquanto ele apontava o polegar para o antigo estúdio em ruínas.

Eu não respondi. Apenas me levantei e fiz sinal para Buttercup me seguir enquanto me dirigia para o portão. Lembrei-me da última vez que Bodhi e eu tínhamos nos visto — quando ele me pegou vendo-o ler poesia para Jasmine — e senti mais uma vez aquela mesma onda de constrangimento horrorizado.

Eu estava me sentindo muito bem até ele chegar e fiquei impressionada com a rapidez com que sua mera presença me causava o efeito oposto.

— Sabe, muita gente tentou fazer Satchel parar. — Bodhi andava a meu lado, recusando-se a respeitar o silêncio que eu tentava manter. — O guia dele tentou muitas vezes... incontáveis, na verdade. E Balthazar faz visitas regulares desde que os pesadelos começaram. Tenta colocar um pouco de juízo na cabeça dele, suplicando para que mude de ideia. Mas, no final, Satchel sempre se recusa

a escutar. Você não deveria se culpar, Riley. Satchel simplesmente não está pronto para seguir em frente.

— Mas ele estava pronto — resmunguei, rangendo os dentes com força e me lembrando de como eu havia chegado tão perto e de como ele fugira no último instante.

Quer dizer, sim, eu havia superado o momento. Estava totalmente comprometida a esquecer o assunto e não remoer aquilo. Mas isso não muda o fato de que eu realmente quase tinha conseguido convencê-lo. Se Balthazar não tivesse aparecido, eu poderia, mais uma vez, ter obtido sucesso onde todos os outros haviam fracassado.

Meus olhos voltaram-se para Bodhi, vendo-o me analisar, batendo seu canudo verde mastigado suavemente contra o queixo com uma sombra de barba.

— Como você soube que eu estava aqui? — perguntei, imaginando se o Conselho o havia avisado, imaginando o tamanho do problema em que eu talvez estivesse metida.

Mas acabou não sendo nada disso. Bodhi simplesmente deu de ombros e apontou para Buttercup, que olhou para mim, lambeu a boca e torceu o focinho rosado.

— Sabe que o Conselho provavelmente vai querer discutir isso, não é? — disse Bodhi, de um jeito que eu não consegui perceber se ele pensava nessa reunião com medo ou com entusiasmo. Torci a boca, cruzei os braços e disse:

— Bem, acho que será bastante incômodo para você. Então, peço desculpas antecipadamente.

Ele franziu a testa e olhou-me de cima a baixo, e algo me deixou tão chateada que achei que minha cabeça explodiria.

— Enquanto ainda estamos discutindo contravenções — falei, encarando-o com o máximo de firmeza —, não vamos esquecer que você mentiu para mim. Você me disse que Dreamland era proibida, quando na verdade não é.

Balancei a cabeça com veemência, incapaz de lembrar se a mentira era um dos sete pecados capitais ou apenas algo muito malvisto. Mas, de qualquer modo, eu sabia que era ruim.

— Eu fiz o que precisava fazer — disse Bodhi, com o olhar mais inocente do mundo. — Sinto muito, Riley, mas não vou pedir desculpa por isso. Sabe, não é nem um pouco fácil lidar com você. Não tenho outra escolha além de exagerar para que você me ouça. Mas, como pode ver, ainda assim não funciona. Você faz o que bem entende, independentemente do que eu disser.

Parei de repente, encarando-o fixamente antes de dizer:

— É, e por causa disso tem um monte de fantasmas por aí que cruzou a ponte! — Lancei a ele um olhar firme, com o máximo de raiva possível. — Então, diga-me, Bodhi, você não fica incomodado porque sempre sou eu que convenço as almas a seguir em frente?

Bati o pé no chão várias vezes enquanto seus olhos se estreitavam ainda mais, tornando-se duas fendas verdes.

— Quer dizer, odeio ter que lhe dizer, mas não vamos esquecer que eu fui parabenizada por Aurora, e ambos sabemos que ela é simplesmente a presidente do Conselho, ou rainha do baile ou... tanto faz. Enfim, a questão é que, quer você goste ou não, estou prestes a superá-lo. É só uma questão de tempo até você ficar aí, com seu canudo mastigado, comendo minha poeira, imaginando como acabou ficando tão para trás.

— Riley...

Ele ergueu a mão em uma tentativa ridícula de me interromper, mas já deveria saber que eu estava apenas começando.

— Você se acha tão legal, você se acha tão... — Minha voz falhou, mas eu me forcei a continuar. — Você acha que tem tudo, não é? Só porque tem uma namorada bonita chamada Jasmine, só porque tem catorze anos não quer dizer que seja melhor do que eu. Pode esperar... Estou prestes há fazer treze anos a qualquer momento, estou começando a entender as coisas, ainda que você se recuse a me dizer, ainda que esteja determinado a me manter parada no mesmo lugar. E, então, quando eu tiver treze anos...

Ele não estava mais ouvindo. Em vez disso, apontava para algo que queria que eu visse, algo que o deixou com uma expressão tão triste e pesarosa que ele evitava olhar para mim.

E quando virei a cabeça para a direção em que ele apontava, fiquei paralisada.

Minhas palavras morreram.

Os olhos quase pularam das órbitas.

A boca ficou aberta por algum tempo, em silêncio.

Dreamland estava em pleno funcionamento, aberta novamente, e alguns ajudantes levavam para um estúdio um espelho que devia ser necessário para um salto em sonho. Eles pararam bem diante de mim para conversar com outros ajudantes, que conduziam na direção contrária uma cáfila de camelos, duas zebras e um elefante todo colorido.

O espelho estava completamente limpo e claro, e meu reflexo reluzia de forma incontestável.

Cheguei mais perto. Tão perto que minha respiração o deixou embaçado. Passei os dedos pelo contorno de meu reflexo, imaginando o que exatamente tinha dado tão errado.

Eu havia sobrevivido a uma longa noite de terror, que certamente deixara sua marca, mas o momento não tinha nada a ver com aquilo.

Foi meu brilho que me deixou sem fala.

Ele não havia aumentado. Na verdade, estava quase apagado.

Meu brilho havia diminuído.

Diminuído *significativamente*.

E Bodhi, a meu lado, brilhava com mais intensidade do que nunca. Seu verde habitual estava quase azul.

E foi quando me dei conta.

Foi quando eu soube.

A sombra de barba em seu queixo, o brilho verde-água que o envolvia... Ele havia crescido, havia me superado.

Tinha feito quinze anos enquanto eu continuava com doze.

— Isso não é justo! — gritei. Meu rosto era uma mistura furiosa de lágrimas cristalinas e bochechas vermelhas. Meu reflexo desapareceu assim que os ajudantes me olharam preocupados e saíram às pressas. — Eu faço todo o trabalho pesado! Eu ao menos tentei convencer Satchel a parar de tecer pesadelos! Eu me arrisquei muito... enquanto você... você... — Eu praticamente não suportava dizer aquilo, mas me obriguei assim mesmo: — Enquanto você ficou à toa em um jardim, lendo poesia para sua namorada! — Sacudi a cabeça. Minha garganta estava tão quente e apertada que precisei fazer as palavras saírem à força. — Diga, ó poderoso guia, diga, *como isso pode ser justo?*

Em vez de responder, Bodhi se afastou, levando Buttercup consigo e tentando me dar um pouco de espaço. Então, depois que me acalmei um pouco, ele voltou e disse:

— O brilho não é determinado apenas pelo que você faz, Riley. — Seu olhar estava fixo no meu, sem qualquer traço de triunfo... Pelo menos eu podia ficar feliz por isso. — Não se trata daquilo que você alcança. Nunca foi assim. Achei que você tivesse entendido.

— Então se trata de quê? — falei, tentando ser venenosa, mas soando fraca e ridícula.

— O que importa é o que você aprende no processo. E odeio ter que dizer, mas você não conseguiu aprender a lição mais importante.

Caí de joelhos e escondi o rosto no pescoço de Buttercup. Estava constrangida e envergonhada, muito arrependida por ter explodido. Foi a reação imatura de alguém muito mais perto dos dez anos do que da idade que eu queria ter. Eu havia feito o oposto do que Balthazar tinha me falado.

Em vez de canalizar meu entusiasmo, minha paixão e minha determinação, eu havia sucumbido a eles. Tinha deixado minhas emoções me controlarem. Acho que entender o conceito e agir de acordo com ele eram coisas bem diferentes. Obviamente eu não tinha treze anos porque não merecia nem estava pronta.

— Para alguém que está tão preocupada com as aparências, não tente negar, porque você sabe que sempre julga as pessoas pelo visual delas... Como foi que você me chamou quando nos conhecemos?

Ele olhou para mim, querendo que eu dissesse, querendo que eu participasse de algum modo. Querendo que eu admitisse que, sim, eu o chamei, e às vezes ainda o chamo, de bobão. Mas eu me recusei. Não queria brincar. Queria que aquilo acabasse e que toda aquela conversa humilhante chegasse ao fim para que eu pudesse seguir meu caminho.

— Enfim, acho que nós dois sabemos do que você me chamava. A questão é... — Ele fez uma pausa, indicando que a parte seguinte seria importante, algo sobre o qual ele realmente queria que eu refletisse. — A questão é que você

precisa muito entender que as aparências, na verdade, são apenas materialização de como nos vemos.

Hã?

Lancei um olhar de esguelha para Bodhi. Ele tinha toda a minha atenção.

— Os pensamentos criam, certo? — Ele esperou que eu confirmasse, que mostrasse algum sinal de reconhecimento, então balancei a cabeça. — Portanto, com isso em mente, bem, o modo como você se vê produz um efeito direto no que você se torna e em como os outros a veem.

Estreitei os olhos, sem entender muito bem.

— Veja Aurora, por exemplo. Ela se considera não só membro da humanidade, mas parte de toda a humanidade. Ela não vê nenhuma divisão, nenhuma fronteira entre ela e todos os demais. É por isso que você vê a beleza de tudo quando olha para ela. A pele dela é uma mistura de todas as peles, e o mesmo vale para os cabelos, para a forma como eles variam por todo o espectro de cores. Mas, Riley, você está tão apegada à ideia de ter doze anos para sempre, como você gosta de dizer, está tão apegada à sua raiva, tão determinada a encontrar um atalho para resolver a situação, que no fim das contas só está se prejudicando. Ao ficar obcecada com isso, você se mantém presa no mesmo lugar. Mas se você quiser crescer, bem, precisa começar a se ver como mais velha. E, sem ofensa, você também precisa começar a agir como uma menina mais velha. O que significa que não pode mais explodir ou ter ataques. Enfim, se alguém a está atrasando, Riley, esse alguém é você.

Ai.

Não vou mentir: as palavras machucaram muito. Elas também me deixaram muito constrangida, mortificada e envergonhada — principalmente porque eu reconhecia a verdade quando ela acenava e pulava diante de mim.

— Você não pode forçar essas coisas, Riley. Não vai conseguir nada desse jeito. Em Aqui&Agora não há aniversários. Você amadurecerá quando estiver pronta.

Eu suspirei. Era praticamente o mesmo que Ever havia falado durante o sonho, mas ainda assim olhei para ele e disse:

— Mas uma vez você me disse que se eu continuasse fazendo um bom trabalho eu logo passaria do nível 1,5! Isso era mentira também?

— Não. — Ele sacudiu a cabeça. — Não era mentira. Era, e ainda é, cem por cento verdade. Mas você costumava se importar com as almas que conduzia pela ponte. Você pode ter se arriscado, pode ter agido sozinha, apesar de eu ter falado para você não fazê-lo, mas o Conselho estava disposto a não levar isso em consideração porque estava claro que você realmente se importava em fazer com que aquelas pobres almas seguissem em frente. E, mesmo tendo certeza de que em algum momento você começou a se importar com Satchel também, nem que fosse simplesmente porque a história dele é muito triste, acredito que nós dois sabemos que, na verdade, você estava mais interessada nos benefícios que você achou que receberia. Sua motivação foi egoísta, Riley. Sinto muito, mas não há recompensa para isso.

Fiquei olhando para o chão, lembrando-me do que havia começado tudo aquilo. Não ter amigos, ver Bodhi com Jasmine... A princípio não parecia egoísta, mas ele tinha razão. Eu só havia tentado ajudar Satchel para me beneficiar.

— Então foi por isso que meu brilho diminuiu? — perguntei. Eu o fitei com a expressão equilibrada, sem raiva.

Bodhi enfiou as mãos nos bolsos, olhou para mim e disse:

— É como completar treze anos. Não se trata de conquistas, e sim de aprendizado. Você sempre se vê diferente, como se fosse você contra todo mundo e como se todos devessem tomar cuidado porque você tem algo a provar. Mas nós não agimos sozinhos Aqui, Riley. Trabalhamos em equipe... em comunidade. Uma comunidade da qual você nem tentou fazer parte porque estava muito ocupada procurando atalhos e sucesso pessoal. E embora a diminuição de seu brilho não seja bem o castigo que você está pensando, principalmente porque não há castigos Aqui, sinto dizer que, sim, suas ações foram responsáveis pela redução dele. Mas isso não significa que você não possa recuperá-lo.

Meu corpo estremeceu e os olhos começaram a arder, mas, em vez de chorar como uma bebê, abracei Buttercup com força e depois o soltei.

Eu andava para o portão quando Bodhi estendeu a mão para que eu esperasse. O toque de seus dedos fez meu corpo inteiro tremer, dando-me uma sensação muito estranha, como aconteceu quando o vi com Jasmine.

— Riley... hum... acho que precisamos discutir mais um assunto...

Olhei para ele e vi aquela grande e insuportável discussão dentro de seus olhos. Balancei a cabeça e a recusei com um gesto.

Nem pensar.

De jeito nenhum conversaríamos sobre ele e Jasmine e o que um significava para o outro.

Isso era estúpido.

Idiota. Idiota. Idiota.

Ele havia acabado de completar quinze anos. Eu ainda tinha doze.

Não havia nada para discutir.

Acelerei o ritmo e passei para o outro lado do portão. Eu sabia que aquela provavelmente não era a reação mais madura, mas, poxa, era melhor do que ter um ataque, e pelo menos era um começo.

Não havia dúvida de que eu ainda tinha muito o que aprender. Mas também não havia dúvida de que mais cedo ou mais tarde eu chegaria lá. Com certeza mais cedo. Eu finalmente havia entendido como tudo funcionava.

Graças a Balthazar, Ever e Bodhi, o quebra-cabeça estava montado — cada um havia contribuído com uma peça.

Eu precisava canalizar minhas emoções, administrar minha garra para que ela não saísse de controle.

Precisava pedir ajuda quando necessário, cuidar apenas das tarefas que me fossem designadas e, precisava me concentrar nos benefícios que eu receberia

ao convencer as almas perdidas a cruzar a ponte, precisava me concentrar nos benefícios para *elas*.

Eu precisava parar de pensar em ficar eternamente presa na criança de doze anos e de peito reto, precisava me ver como a adolescente madura e confiante que eu queria ser.

Precisava ser paciente, ser uma boa amiga... Eu precisava ficar feliz comigo mesma.

Organizando esses itens em uma listinha mental, não pude deixar de sorrir. Era muito bom finalmente ter um plano.

E, embora eu ainda estivesse andando rápido, não havia como fugir de Bodhi quando ele estava determinado.

Ele me alcançou, segurou em meu cotovelo outra vez disse:

— Riley, ouça, aquele outro assunto pode esperar, não tem problema. Mas preciso saber se podemos ir agora ou se você tem que fazer algo antes. Há alguém que você queira ver antes de partirmos?

Olhei para ele, fitando aqueles profundos olhos verdes.

— O que quer dizer? Nós vamos a algum lugar? Abrindo um sorriso, ele pegou uma vareta, jogou-a para o alto e riu quando Buttercup saltou e voou atrás dela.

Virando-se para mim, ainda com um resquício do sorriso nos lábios, ele disse:

— Falei com Aurora. O Conselho quer nos mandar para a Itália. Parece que um fantasma muito teimoso vem assombrando o Coliseu há vários séculos. E como sabem que você estava doida por um desafio, acharam que seria o trabalho perfeito para você.

Fim

A Série Riley Bloom continua em *Whisper*

Alyson Noël

Alyson Noël é autora de nove romances. Nasceu em Orange Country, na Califórnia, e após o ensino médio decidiu conhecer o mundo – viajou por toda a Europa e acabou por se fixar na ilha grega de Míkonos. Hoje, de volta aos Estados Unidos, mora com o marido em Laguna Beach e dedica-se integralmente a seus livros.

http://www.alysonnoel.com/